

MÁRIO MÁRCIO DA ROCHA CABREIRA

**MEMÓRIA DA SONOPLASTIA DE RÁDIO EM CAMPO
GRANDE-MS: O SONOPLASTA COMO AGENTE DE
DESENVOLVIMENTO LOCAL**



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE-MS
2016

MÁRIO MÁRCIO DA ROCHA CABREIRA

**MEMÓRIA DA SONOPLASTIA DE RÁDIO EM CAMPO
GRANDE-MS: O SONOPLASTA COMO AGENTE DE
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – mestrado acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Doutora Dolores Pereira Ribeiro Coutinho e Coorientação do Professor Doutor Heitor Romero Marques.

**CAMPO GRANDE-MS
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

C117m Cabreira, Mário Márcio da Rocha
Memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS: o
sonoplasta como agente de desenvolvimento local / Mário Márcio
da Rocha Cabreira; orientadora Dolores Pereira Ribeiro Coutinho;
coorientador Heitor Romero Marques -- 2016.
155 f.

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade
Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

1. Sonoplastia. 2. Memória. 3. Desenvolvimento local. 3. Rádio.
I. Coutinho, Dolores Pereira Ribeiro. II. Marques, Heitor Romero.
III. Título.

CDD: Ed. 21 – 791.44

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: "Memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS: o sonoplasta como agente de Desenvolvimento Local."

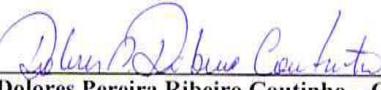
Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

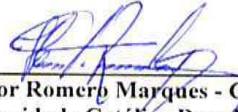
Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 29/11/2016

BANCA EXAMINADORA



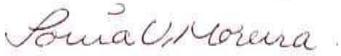
Profª Drª Dolores Pereira Ribeiro Coutinho – Orientadora
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Heitor Romero Marques - Coorientador
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Oswaldo Ribeiro da Silva
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Sônia Virginia Moreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[...] é à própria história, pela voz de seus atores, que o rádio permite falar, reativando dessa forma, numa vasta escala, o mais poderoso motor da história desde os profetas e oradores gregos.
(Pierre Nora. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 182).

Negócios perfeitamente viáveis são destruídos e abandonados, empregados capazes são lançados à deriva, em vez de ser recompensados, simplesmente porque a organização tem de provar ao mercado que é capaz de mudar.
(Richard Sennet. *The corrosion of Character: the personal consequences of work in the new Capitalism*. New York: W.W. Norton, 1998).

Dedico esta dissertação à minha família, em especial à minha mãe, Terezinha de Jesus da Rocha Cabreira. Dedico, ainda, às minhas filhas: Dáfini, Ariadne, Marcéli e Manoela.

Dedico, também, aos valorosos profissionais da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, por sua contribuição ao Desenvolvimento Local.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha Orientadora, professora Doutora Dolores Pereira Ribeiro Coutinho, e ao meu Coorientador, professor Doutor Heitor Romero Marques, pela parceria, correção, pelo incentivo e profissionalismo durante o processo de realização desta pesquisa.

A todo o corpo docente e discente do Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), pelo saber e pela amizade compartilhada.

Aos colaboradores de todos os setores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), pelo profissionalismo e atendimento sempre cortês. Especialmente, às secretárias do Mestrado/Doutorado em Desenvolvimento Local, Larissa Freire, Tatiane Machado, e aos funcionários da Biblioteca.

Ao professor Mestre Jacir Alfonso Zanatta (UCDB), pelo incentivo à minha carreira docente, e ao professor Pós-Doutor, Wilson José Gonçalves, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pelo incentivo para que eu avançasse mais este degrau na pós-graduação.

Aos entrevistados que se dispuseram a contribuir com seus depoimentos para consubstanciar os dados desta dissertação. Mortemente, à pesquisadora Daniela Cristiane Ota, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Aos repórteres-cinematográficos Araquém Vicente Jorge, Nélson Mandu e a todos os técnicos que colaboraram na captação e no tratamento das entrevistas.

Aos cursos de Comunicação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que, por meio de suas coordenações e secretarias, disponibilizaram as fontes de consulta. Sobretudo, à Cristina Pavan, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFMS), ao professor Marcos Paulo da Silva (PPGCOM-UFMS) e ao professor Oswaldo Ribeiro da Silva, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Aos sonoplastas e seus familiares, que colaboraram com fotos, vídeos e demais informações. Especialmente, a Sérgio Quevedo e sua família, e a Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”.

Às emissoras, em particular à Rádio Cultura AM-680, de Campo Grande-MS, pela disponibilização de seus arquivos, mormente, ao Gerente Arthur Mário Medeiros de Ramalho.

Ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, Televisão, Publicidade e Similares de Mato Grosso do Sul – Sintercom, em particular, a seu presidente, Ricardo Córdoba Ortiz.

Aos órgãos públicos e seus servidores, pela disponibilidade de material de pesquisa, Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Mato Grosso do Sul (SRTE).

Às minhas filhas, Dáfini Lisboa Cabreira, Marcéli Lisboa Cabreira, e a Rafael Reina de Souza, pela ajuda com a organização dos arquivos.

À professora Maristela Alves da Silva Teixeira, pelas revisões gramaticais.

Ao técnico Antônio Vilela de Melo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pela inspiração com o tema.

Aos colegas do Mestrado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), especialmente, pelo carinho e pelo companheirismo, pela amizade, troca constante e colaboração sempre disponível e prestimosa.

A todos, minha eterna gratidão.

Foto 1 – Agno Nogueira, sonoplasta nos estúdios da Rádio Cultura AM-680, rua 26 de Agosto, Campo Grande-MS, onde atuou nas décadas de 1970 e 80



Fonte: Sonoplastas de rádio. Foto: [s.a., s.d.]. Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.

Jacques Le Goff. *História e memória*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 477.

CABREIRA, Mário Márcio da Rocha. **Memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS:** o sonoplasta como agente de Desenvolvimento Local. Dissertação. Mestrado Acadêmico. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

RESUMO

É pela memória e por seus documentos, que a sociedade assegura o poder sobre o tempo. A ausência parcial de registros acerca do trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS dificulta que ele seja enxergado como agente de Desenvolvimento Local (DL). Esta dissertação busca resgatar a memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS e as transformações sobre o trabalho dos sonoplastas de rádio, para tornar visíveis as contribuições desses sujeitos como agentes de DL. A metodologia desta investigação, cuja execução se fez pela pesquisa documental e bibliográfica ou de revisão, com utilização dos bancos oficiais de memória e documentação, dentre eles, Domínio Público, Portal Capes, Bibliotecas Digitais de Pós-Graduação, Periódicos, Monografias, Dissertações e Teses relativas ao tema, teve abordagem indutiva e qualitativa, utilizando-se, também, de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados indicam que há um apagar da memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS e que, dessa ausência histórica, decorre a invisibilidade da categoria como agente de DL. Entende-se necessário manter organizados e disponíveis os registros de memória daqueles que atuaram na construção socioeconômica e cultural da capital de MS. Assim, trata-se de pesquisa inédita, pois, como temática, não há registros anteriores sobre os sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS, como protagonistas das transformações de sua profissão, na condição de agentes de DL. Na medida em que a virtualidade sonora se instaura, surge nova forma de se compreender som e sonoplastia, de interpretar o espaço e as vivências humanas, o que se faz em uma visão totalizadora, na qual está presente a ideia da territorialidade sem território.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Sonoplastia. Rádio. Desenvolvimento Local.

CABREIRA, Mário Márcio da Rocha. **Memory of radio sound effects in Campo Grande-MS:** the soundman to Local Development Agent. Dissertation. Academic Master. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

ABSTRACT

It is through memory and its documents, that society ensures power over the time. The partial absence of records on the radio soudman work in Campo Grande-MS makes it difficult for him to be seen as Local Development (LD) agent. This dissertation seeks to rescue the memory of the radio sound design effects in Campo Grande-MS and about changes on the work of radio soundmen, to make visible the contributions of these actors as LD agents. Performing methodology is the documentary research and bibliographical or review, in which it supports and is done with the use of official banks of memory and documentation, among them, Public Domain, Capes Portal, Digital Libraries Graduate, Journals, Monographs, Dissertations and Thesis on the subject. The results indicate that there is a clear in memory of radio soundmen in Campo Grande-MS and from this historical deletion derives the invisibility of the category as LD agent. It is necessary to keep organized and available memory records of those who worked in the cultural, social and economic construction of the MS capital. That way, it is an original research, because, as theme, there are no previous records on the radio soundmen of Campo Grande-MS, leading role in the transformations of their profession as LD agents. To the extent that the sound virtuality is established, comes a new way of understanding sound and sound design, and interpreting space and human experiences, which is a totalizing vision introducing the idea of territoriality without territory.

KEYWORDS: Memory. Sound Design. Radio. Local Development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT – Associação Brasileira de Rádio e Televisão
AM – Amplitude Modulada
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
ARG - Argentina
CBS – Columbia Broadcasting System
CBT – Código Brasileiro de Telecomunicações
CG – Campo Grande
DJ – *Disc Jockey*
DL – Desenvolvimento Local
EUA – Estados Unidos da América
FM – Frequência Modulada
KHZ – Kilo-Hertz
LGT – Lei Geral de Telecomunicações
LTDA. - Limitada
MC – Ministério das Comunicações
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MHZ – Mega-Hertz
MP – Midia Player
MS – Mato Grosso do Sul
Nº – Número
OC – Onda Curta
OM – Onda Média
OT – Onda Tropical
PNO – Plano Nacional de Outorgas para Radiodifusão
PÓS-DOC – Pós-Doutorado
PPGCOM-UFMS – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
PRONTEL – Programa Nacional de Teleducação
RADCOM – Serviço de Radiodifusão Comunitária
RADIOBRÁS – Empresa Brasileira de Radiodifusão
RTV – Retransmissão de Televisão
S.A. – Sem autor
S.D. – Sem data
S/A – Sociedade Anônima
SARC – Serviços Auxiliares de Radiodifusão e Correlatos
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SER – Sistema de Radiodifusão Educativa
SESC – Serviço Social do Comércio
SIGPOS-UFMS – Sistema de Gestão de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
SINTERCOM – Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, Televisão, Publicidade e Similares de Mato Grosso do Sul
SISCOM – Sistema de Informação dos Serviços de Comunicação de Massa
SME – Serviço Móvel Especializado
STFC – Serviço Telefônico Fixo Comutado
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UIT – União Internacional das Telecomunicações
URD – Unidade Receptora Decodificadora
V. – Volume
VJ – Video Jockey

LISTA DE FOTOS

<p>Foto 1 – Agno Nogueira, sonoplasta nos estúdios da Rádio Cultura AM-680, rua 26 de agosto, Campo Grande-MS. Foto: [s.a., s.d.]. Disponível em: <https://sonoplasta.wordpress.com/>. Acesso em: 10 ago. 2016.....</p> <p>Foto 2 – Radiovitrola. Foto: [s.a., s.d.]. Disponível em: <http://www.radiovitroladasaudade.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2016.....</p> <p>Foto 3 – Jotabê. – Difusora Pantanal AM-1.240, Campo Grande-MS. Foto: Ricardo Paredes. [s.d.]. Disponível em: <https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>. Acesso em: 10 ago. 2016.....</p> <p>Foto 4 – Daniela Cristiane Ota (UFMS), Entrevista para esta pesquisa. Duas últimas fotos mostram: Maurício Picarelli e estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS, dos arquivos da emissora. Foto: Nélson Mandu (2016).....</p> <p>Foto 5 – Valdinei Costa de Almeida, sonoplasta e técnico de som da Rádio Educativa UFMS FM 99,9. Foto: Nélson Mandu (2016).....</p> <p>Foto 6 – LABCOM-UCDB. Acadêmicos em aula prática. [s.a., s.d.]. Disponível em: <http://sítio.ucdb.br/public/banners/63-jornalismo-740x250.jpg>. <http://sítio.ucdb.br/cursos/4/graduacao/26/jornalismo/187/>. Acesso em: 22 ago. 2016.....</p> <p>Foto 7 – Marcos Antônio <i>dos Santos “Marrom”</i>, durante entrevista para esta pesquisa. Estúdios da Rádio Cultura AM-680 kHz, Campo Grande-MS. 4 abr. 2016. Foto: Araquém Vicente Jorge (2016).....</p> <p>Foto 8 – <i>Invisibilidade. Social.</i> Ação Futuro, em 27 de maio de 2010 [s.a.]. Disponível em: <http://acaofuturo.blogspot.com.br/2010/05/invisibilidade-social.html>. Acesso em: 6 set. 2016.....</p> <p>Foto 9 – Edna de Souza, Sonoplasta, entrevista nos estúdios da Rádio Mega FM 94,3, Campo Grande-MS, em 7 mai. 2016, por volta das 10 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Nélson Mandu. Tempo total 15'56''. Foto: Nélson Mandu (2016).....</p> <p>Foto 10 – Roberto Higa durante a entrevista para esta pesquisa. Residência do repórter-fotográfico, em Campo Grande-MS. Foto: Nélson Mandu (2016) – repórter-cinematográfico.....</p> <p>Foto 11 – Carlinhos de Almeida – à esquerda, segurando rádio e <i>walk-talk</i>. Morenão Arquivo e Foto: Roberto Higa [s.d.]. Disponível em: <https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>. Acesso em: 6 ago. 2016.....</p> <p>Foto 12 – Arthur Mário Medeiros de Ramalho, durante entrevista para esta pesquisa, estúdios da Rádio Cultura AM-680 kHz, Campo Grande-MS, em 4 mai. 2016, por volta das 18 horas. Foto: Nélson Mandu (2016).....</p>	<p>9</p> <p>21</p> <p>29</p> <p>31</p> <p>32</p> <p>37</p> <p>44</p> <p>46</p> <p>48</p> <p>49</p> <p>50</p> <p>51</p>
---	--

Foto 13	– Marrom (em destaque) foi quem gravou os últimos programas de Juca Ganso. Foto: Fernando Antunes [s.d.]. Fonte: CAMPOGRANDENEWS. 25/09/2015, 12h38min. <i>No dia do Rádio e de 65 anos de AM, programas de Juca Ganso vão para museu.</i> (Paula Maciulevicius). Disponível em: < http://goo.gl/MTcS0e >. Acesso em: 22 ago. 2016.....	54
Foto 14	– Carlinhos de Almeida. Desfile comemorativo na rua 14 de Julho, 2015. Foto e Arquivo: Roberto Higa. Disponível em: < https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/ >. Acesso em: 6 ago. 2016.....	59
Foto 15	– Mário Lago [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://www.radioemrevista.com/historia/mario-lago >. Acesso em: 10 ago. 2016.....	62
Foto 16	– Personagens da história do rádio. Fonte: Hugo Bellard – MusikCity [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://musikcity.mus.br/historia_do_radio.html >. Acesso em: 10 ago. 2016.....	64
Foto 17	– Padre Roberto Landell de Moura: inventor brasileiro de diversos aparelhos usados na transmissão de voz e ruídos. Fonte: Isadora Borghetti [s.a., s.d.]. In: Modus Labjor. Disponível em: < http://moduslabjor.tumblr.com/ >. Acesso em: 10 ago. 2016.....	66
Foto 18	– Orson Welles, durante a transmissão [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://goo.gl/UgWZfH >. Acesso em: 10 ago. 2016.....	68
Foto 19	– Convergência Midiática. Andye Buckingham/Flickr [s.d.]. Fonte: <i>Especial Dia do Rádio 4: como fica a questão da convergência?</i> Disponível em: < http://radios.ebc.com.br/grandes-classicos/edicao/2014-02/especial-dia-do-radio-4 >. Acesso em: 30 ago. 2016.....	73
Foto 20	– Rádio Clube MS [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://www.radioclube.org.br/historia/#.V6xvsfkrLIU >. Acesso em: 11 ago. 2016.....	78
Foto 21	– Difusora Pantanal AM-1.240 [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://www.difusorapantanal.com.br/historia-da-radio >. Acesso em: 27 ago. 2016.....	79
Foto 22	– Avenida Afonso Pena, Campo Grande, Relógio Central [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=500270&search=-fotos >. Acesso em: 4 set. 2016.....	87
Foto 23	– Rádio Nacional. Foto: Fábio Pirajá. <i>História do Rádio</i> [s.d.]. Disponível em: < http://www.locutor.info/fotosNacional/RadioNacional%20(2).jpg >. Acesso em: 27 ago. 2016.....	91
Foto 24	– Cabine de produção de radionovelas nos anos 1950, na Rádio São Paulo, auge deste tipo de atração. Foto: <i>A história do Brasil na era de ouro do rádio</i> [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2007/07/09/a-historia-do-brasil-na-era-de-ouro-do-radio >. Acesso em: 27 ago. 2016.....	93

Foto 25	– Sílvio Garcia (à esquerda) Sérgio Quevedo (terceiro da esquerda para a direita). Os outros dois indivíduos que aparecem na foto não foram identificados pelo dono do arquivo. Rádio Educação Rural AM-580, avenida Mato Grosso, Campo Grande-MS, 1980. Foto: arquivo pessoal de Sérgio Quevedo. Disponível em: < https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/ >. Acesso em: 10 ago. 2016.....	99
Foto 26	– Rádio em família. <i>Music by request/INTELOCHEN</i> [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://mediad.publicbroadcasting.net/p/wiaa/files/201311/family_lisetning_to_radio_2.jpg >. Acesso em: 27 ago. 2016.....	103
Foto 27	– Rumor urbano. <i>Dar a Ouvir a Cidade: O Valor Estético das Paisagens Sonoras Quotidianas. Instalação «Electrical Walks» de Christina Kubisch (2004-2013).</i> [Foto retirada do sítio www.chr«Electrical Walks»istinakubisch.de] Disponível em: < http://interact.com.pt/22/ouvir-a-cid«Electrical Walks»ade/ >. Acesso em: 06 set. 2016.....	104
Foto 28	– Paulo Roberto, sonoplasta [s.d.]. Disponível em: < http://goo.gl/inIYp2 >. Acesso em: 27 ago. 2016.....	107
Foto 29	– Dimitri Vega & Like Mike [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://fotos.areah.com.br/images/fotos/mh_interna_destaque_dimitri-vegas-like-mike.jpg >. Acesso em: 18 de ago. 2016.....	109
Foto 30	– DJ Ney. Foto do autor, 2016.....	110
Foto 31	– Extraída de: GED Premier. Marcelo Munerato. <i>O paradigma da produtividade em nossas empresas.</i> Disponível em: http://www.gedpremier.com.br/news/o-paradigma-da-produtividade-em-nossas-empresas/ Acesso em: 6 set. 2016.....	118
Foto 32	– João Rocha, sonoplasta, em pé, à esquerda. Também aparecem Orlando, Dante Filho, Luiz Taques, Rogério Alexandre, Vander Loubet, Sônia Bacha e Edna Delanima. Foto: Gérson Jara. 1982.....	125
Foto 33	– Arthur Mário Medeiros de Ramalho na transmissão da final da <i>Copa Cidade de Campo Grande de Voleibol</i> , Ginásio Avelino dos Reis, o Guanandizão. Foto: arquivo pessoal do entrevistado. Disponível em: < https://www.facebook.com/girodoesportems/photos/t.1832068842/521546314530094/?type=3&theater >. Acesso em: 8 ago. 2016.....	126
Foto 34	– Daniela Cristiane Ota, pesquisadora da mídia rádio em Mato Grosso do Sul. Fonte: Portal Intercom [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://goo.gl/zH10Rg >. Acesso em: 13 ago. 2016.....	130
Foto 35	– Daniela Cristiane Ota, organizadora do livro <i>Olhares sobre a história do rádio em Campo Grande-MS.</i> Foto: Portal Intercom [s.a., s.d.]. Disponível em: < http://goo.gl/mIbXMw >. Acesso em: 5 jun. 2016.....	131
Foto 36	– Edna de Souza, sonoplasta. Foto: Nélson Mandu, 7 de mai. 2016. Estúdio da Rádio Mega FM 94,3.....	132

Foto 37	– Marcos Antônio dos Santos “ <i>Marrom</i> ”, sonoplasta. Foto: [s.d.]. Arquivo pessoal do entrevistado. Disponível em: https://www.facebook.com/marcosantoniomarrom.santos?ref=ts . Acesso em: 9 ago. 2016.....	134
Foto 38	– Roberto Higa, repórter fotográfico. Foto: Arquivo pessoal do entrevistado [s.d.]. Disponível em: http://goo.gl/6Luwue . Acesso em: 9 ago. 2016.....	135
Foto 39	– Roberto Higa, repórter fotográfico (livro Roberto Higa lança a história de MS em fotos). <i>Foto: Paula Maciulevicius – Do menino acorrentado aos Menudos</i> , Disponível em: http://goo.gl/wiOUDJ . Acesso em: 9 ago. 2016.....	137
Foto 40	– Roberto Higa, repórter fotográfico (poltrona) durante a entrevista para esta pesquisa. Residência do repórter-fotográfico, em Campo Grande-MS. <i>Foto: Nélson Mandu</i> (2016).....	138
Foto 41	– Eduardo Malta Rangel. Estúdio da Rádio Difusora Pantanal – CBN, AM-1.240, rua XV de Novembro, 2.649, Campo Grande-MS.....	139
Foto 42	– Mário Márcio da Rocha Cabreira e Arthur Mário Medeiros de Ramalho. Estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS. <i>Foto: Nélson Mandu</i> (2016).....	144
Foto 43	– Mário Márcio da Rocha Cabreira, à esquerda (sonoplasta e locutor-apresentador) e Marcos Antônio dos Santos “ <i>Marrom</i> ”, à direita (sonoplasta e locutor-apresentador). Estúdio da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS. <i>Foto: Ronaldo Costa</i> , 1979. Disponível em: http://goo.gl/xLdTmj . Acesso em: 22 abr. 2016.....	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de trabalhos ligados à mídia rádio, nos TCC de Graduação na UFMS.....	35
Gráfico 2 – Palavras extraídas dos títulos dos TCC de Graduação na UFMS.....	36
Gráfico 3 – Palavras-chaves nos TCC de Graduação na UFMS.....	36
Gráfico 4 – Palavras extraídas dos títulos dos TCC de Graduação na UCDB.....	39
Gráfico 5 – Palavras-chaves nos TCC de Graduação na UCDB.....	40
Gráfico 6 – Pedidos de outorga para serviços de Radiodifusão/MS.....	80
Gráfico 7 – Pedidos de outorga para serviços de Radiodifusão – Campo Grande/MS.....	81
Gráfico 8 – Comparativo pedidos de outorga, por modalidade, Radiodifusão <i>MS versus CG</i>	82
Gráfico 9 – Registros profissionais no período de 01/01/1980 a 14/05/2015.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Registros pelo filtro <i>rádio e TV</i> , relacionando Tipo de Obra e Quantitativo, Biblioteca UCDB.....	38
Quadro 2	– Registros pelo filtro <i>rádio e TV</i> , relacionando Data de Publicação e Quantitativo, Biblioteca UCDB.....	38
Quadro 3	– Defesas de dissertações do Mestrado DL-UCDB, 2002-2016.....	41
Quadro 4	– História do rádio brasileiro contada em fases.....	73
Quadro 5	– Classificação dos serviços de Radiodifusão no Brasil.....	76
Quadro 6	– Comparativo pedidos de outorga Radiodifusão <i>MS versus CG</i>	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Indicadores da radiodifusão no Brasil, 2012-2015.....	76
Tabela 2	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de radiodifusão sonora em OM.....	83
Tabela 3	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de radiodifusão comunitária RadCom	84
Tabela 4	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de Radiodifusão sonora em Frequência Modulada (FM).....	84
Tabela 5	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de Radiodifusão Comunitária RadCom.....	85
Tabela 6	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de Radiodifusão de Sons e Imagens – Digital.....	85
Tabela 7	– Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de Radiodifusão de Sons e Imagens (código 248).....	86

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	22
2 MEMÓRIA E INVISIBILIDADE.....	30
2.1 Lacuna nos trabalhos acadêmicos	31
2.2 Memória e cultura	42
2.3 Apelidos	51
2.4 Questão de gênero	60
3 PERCURSO DO RÁDIO	63
3.1 O rádio no mundo e no Brasil	63
3.2 O rádio em Mato Grosso do Sul e Campo Grande	78
3.3 O rádio como veículo de informação e desenvolvimento	87
4 SONOPLASTIA E QUESTÕES SOCIAIS	100
4.1 Sonoplastia e virtualidade sonora	101
4.2 Novas alternativas de trabalho para o sonoplasta	107
4.3 Migração de AM para FM	112
5 OS PROFISSIONAIS POR ELES MESMOS	126
5.1 Arthur Mário Medeiros de Ramalho	126
5.2 Daniela Cristiane Ota	130
5.3 Edna de Souza	132
5.4 Marcos Antônio dos Santos “Marrom”	134
5.5 Roberto Higa	135
5.6 Eduardo Malta	139
5.7 Eu, o pesquisador participante	141
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS.....	152

Foto 2 – Radiovitrola. [s.a., s.d.]



Disponível em: <<http://www.radiovitroladasaudade.com.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

Por isso, o moderno não está de modo algum associado à moda (“Moda e moderno ligam-se ao tempo e ao instante, misteriosamente ligados ao eterno, imagens móveis da imóvel eternidade” diz Henri Lefebvre, comentando Baudelaire [1962, p. 172]) [...].

Jacques Le Goff. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 198.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há uma preocupação histórica, que pretende salvar a passagem que permeia o transitar na temporalidade, passado, presente e futuro. É por meio da memória e de seus registros, que a sociedade *assegura* o poder sobre o tempo. Enquanto a *história tradicional* se limitava aos documentos oficiais e arqueológicos; nos dias atuais, os documentos abrangem palavras, gestos e oralidade, entre outros. Esses processos de registro, coleta e tratamento de dados documentais foram revolucionados pela informática e pelo computador, que, agora, são partilhados num mundo em rede. Embora relacionados, memória e história são conceitos distintos. A história alimenta a memória, que, por sua vez, alimenta o crescimento da história. É no percurso da história, que se percebem a evolução humana e os avanços tecnológicos, bem como as modificações do espaço do ser humano, local, regional, nacional e internacional. Os estudos do Desenvolvimento Local (DL) cumprem papel fundamental na percepção dessas transformações ao longo do tempo.

Quase todas as modificações encontram seus registros na memória, sendo que, quando a memória se aproxima do DL, potencializa-se ou não, por conta de fatores de *meso* e *micro* escala relacionados aos avanços da tecnologia. As ondas do rádio, sobretudo, na figura do sonoplasta, podem assumir posição de destaque como agentes de transformação em face dessas mudanças.

Ressalte-se que o sonoplasta atua no contexto da sonoplastia, a qual consiste na comunicação por meio do som, e, no caso do rádio, caracteriza-se por vinhetas de abertura e encerramento, intervalos comerciais, trilhas, música eletrônica ou ao vivo, e até o tratamento de efeitos sonoros diversos, inclusive ruídos e aqueles que permitem a alteração da voz do locutor. Também, faz parte do trabalho do sonoplasta de rádio, a

operação técnica de mesas, instrumentos e programas eletrônicos de áudio, gravação e reprodução de audiotapes.

Com relação à história da mídia, não há consenso e precisão sobre quem foi o inventor do rádio. Atribui-se ao italiano Guglielmo Marconi a responsabilidade de ter feito a primeira transmissão de ondas eletromagnéticas, em 1895; daí, ter recebido o título de *pai da radiodifusão* e criador do primeiro aparelho transmissor. Mas, também, atribui-se outro feito relevante ao brasileiro Roberto Landell de Moura (padre Landell), nascido a 21 de janeiro de 1861, na cidade de Porto Alegre-RS. Entre 1893 e 1894, o padre afirmava poder falar à distância, sem fios, cuja demonstração teria efetuado em São Paulo, numa distância de 8 km, na presença de diversas testemunhas. Destaque-se, ainda, como precursor no campo da radiodifusão, o cientista Nikola Tesla, de origem sérvia, que está entre os pioneiros nas tentativas de transmissão sem fio à distância.

Por outro lado, é importante enfatizar que agentes de DL são os atores protagonistas locais de desenvolvimento. Podem se destacar como gestores de estratégias e formuladores de políticas públicas, as quais potencializam os recursos possíveis de serem agenciados e gerenciados no lugar, pela combinação de forças de *meso* ou *micro* escala territorial.

Nesse sentido, teve-se como objetivo nesta dissertação resgatar a memória da sonoplastia e as transformações acerca do trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, a fim de tornar visíveis as contribuições desses sujeitos como agentes de DL. Buscou-se, ainda, identificar, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, uma possível lacuna de literatura nos trabalhos de conclusão de curso (TCC) dos acadêmicos dos cursos de Comunicação (graduação e pós-graduação) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), sobre sonoplastia e sonoplastas de rádio em Campo Grande-MS, identificando novas possibilidades de atuação do sonoplasta como agente de DL. Intentou-se, ademais, conhecer as transformações no processo de trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, documentando a invisibilidade do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS como agente de DL.

Mister também se faz reconhecer que existem diferentes formas de invisibilidade, sejam elas: cultural, econômica, sexual, entre outras. No entanto, por *invisibilidade*, entende-se, nesta dissertação, a indiferença ou o desprestígio dos profissionais de sonoplastia de rádio de Campo Grande-MS, ao longo do tempo. A

preservação da memória do trabalho do sonoplasta não tem atraído atenção do meio profissional de rádio, de historiadores, das mídias em geral e do meio acadêmico. Contudo, sabe-se que não é finalidade deste último. Nem mesmo os próprios profissionais de sonoplastia de rádio têm documentada a memória de sua atuação em prol do DL. Além disso, não são protagonistas das mudanças pelas quais a função vem passando.

O problema principal que se discutiu é essa ausência parcial de registros (invisibilidade) sobre a memória do trabalho do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS, ou o seu apagamento, o que impede e/ou dificulta que ele seja visto como agente de DL. Enquanto outros profissionais de rádio, como os locutores, por exemplo, tornam-se políticos e celebridades, a maioria dos sonoplastas e seu trabalho tende a cair no esquecimento. Esse desmerecimento ocorre por preconceito ou por indiferença. Tanto que, sujeitos entrevistados na pesquisa aqui relatada não souberam mencionar um único nome de sonoplasta local, tampouco conseguiram se lembrar de fatos marcantes da história da sonoplastia de rádio local. E, a maioria dos sonoplastas é lembrada apenas por apelidos e não é identificada por seus nomes.

Embora, sobre o uso negativo de apelidos, haja discordância, como o é caso do Gerente de Rádio Arthur Mário Medeiros de Ramalho, da Rádio Cultura AM-680, ressalte-se que esses apelidos costumam demonstrar um tom pejorativo em relação aos sonoplastas. Outro problema que mereceu realce foi que, por conta dos avanços tecnológicos, os sonoplastas de rádio tornaram-se uma categoria em via de extinção ou incorporada/absorvida por novas funções, como as do *Disc Jockey* (DJ), em que o locutor é operador de áudio de si próprio.

Evidenciou-se que essa invisibilidade, à qual, nesta dissertação, denomina-se apagamento de memória, é causada pelo fato de o sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS não ter se tornado um protagonista e não ter tomado o controle sobre as mudanças que se instalaram na profissão, nos últimos anos, levando aqueles que não se adaptaram a essas transformações a serem excluídos do mercado radiofônico, ou a migrarem para outras profissões.

Buscou-se, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, identificar possível apagamento da memória do trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, objetivando tornar visível a contribuição desses atores como agentes de DL. Partiu-se do princípio de que, até há bem pouco tempo, existia uma

lacuna literária nos trabalhos acadêmicos dos cursos de Comunicação (graduação e pós) produzidos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), acerca dos conteúdos que abordassem a temática sonoplastia, sonoplasta e sua relação com o DL, lacuna essa que pode e deve ser preenchida, não apenas para fornecer subsídios à reflexão sobre as transformações na cidade de Campo Grande-MS e sua sociedade; mas, também, para que seu resultado possa servir como parâmetro a intervenções de agentes de transformação.

Ao se efetuar uma retrospectiva, constatou-se que a função de sonoplasta, em muitas emissoras de rádio, passou por modificações, quase sendo extinta, ou sendo incorporada, ao longo da história do rádio, pelas funções de locutor, que, mais recentemente, passou a atuar como DJ. Este executa, ao mesmo tempo, as duas atividades, de locutor e sonoplasta. Nesse cenário, caminha-se para a multifunção, em que, por meio de equipamentos eletrônicos, em vários setores, um único operador se tornará responsável por locução, sonoplastia, iluminação e efeitos visuais (*VJ sound designer*). Deste modo, a questão básica, que se apresentou como crucial, foi não apenas o resgate da memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS; mas, para além dela, uma tentativa de conferir visibilidade à atuação desse profissional, vez que ele se insere no mundo em transformação e em rede. Sendo copartícipe da construção do desenvolvimento da cidade, do Estado e do país, a atuação do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, como agente de DL, não poderia ficar sem registro.

Partiu-se da hipótese de que não havia registros; ou de que os que existiam demandariam a necessidade de serem reunidos e organizados, pois a falta de preservação da memória tornaria invisível o papel do profissional em Campo Grande-MS.

Buscou-se conceder visibilidade ao sonoplasta como agente de DL, também, ao se estudar a evolução técnica da atividade, permitindo compreender melhor as transformações de tempo e espaço na urbanização da cidade de Campo Grande-MS.

Com o propósito de tentar reconstruir, de modo crítico e sistemático, o passado da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, optou-se pelos métodos histórico e indutivo. Foram utilizados, também, preceitos da pesquisa participante, visto que, nas investigações realizadas, o pesquisador faz parte da comunidade estudada (objeto da pesquisa). O autor desta dissertação exerceu profissionalmente a função de sonoplasta e locutor de rádio, nos anos de 1970.

Na formulação do problema, em especial na sua identificação e no estabelecimento de seus limites, considerou-se, em destaque, a sonoplastia de rádio na cidade de Campo Grande-MS, entre os anos de 1989, até o mês de agosto de 2016. O marco inicial foi eleito porque se refere à implantação do curso de Comunicação, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), primeiro curso de nível Superior da área instalado no Estado. Na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a habilitação em Rádio e TV aconteceu a partir de 1998, registrando-se os seus concluintes de 1993 em diante.

Tem-se, portanto, até agosto de 2016, um período de vinte e sete anos investigados documentalmente e por meio de revisão bibliográfica. Para isso, utilizou-se abordagem qualitativa e quantitativa, com entrevistas realizadas pelo autor; e dados extraídos de registros da produção acadêmica fornecidos pelos cursos de Comunicação e outras fontes oficiais, como o Sintercom e a Anatel. Estabeleceram-se filtros pelo uso do programa MAXQDA 12, com os resultados expressos em planilhas e gráficos do Microsoft Excel 2010. Quanto ao tipo de pesquisa, buscou-se enquadrá-la como descritiva. Também, procedeu-se à gravação e posterior transcrição dos registros orais. Uma única entrevista foi realizada via e-mail, em razão da indisponibilidade de agenda da fonte para gravação em áudio e vídeo.

Quanto à coleta de dados, buscou-se enquadrar como uma pesquisa de campo, por meio de dados obtidos diretamente das fontes em entrevistas semiestruturadas. Entenda-se *campo* em sentido genérico, considerando-se como tal os estúdios de rádio das emissoras em que trabalham os entrevistados e os *campi* das duas universidades pesquisadas.

Como dados secundários, procedeu-se a uma revisão bibliográfica, por meio de consultas a livros, jornais, revistas e banco de dados eletrônicos ou digitais, com a utilização dos bancos oficiais de memória e documentação, entre eles, Domínio Público, Portal Capes, Bibliotecas Digitais de Pós-Graduação, Biblioteca Digital da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), periódicos, monografias, dissertações e teses relativas ao tema; mas, sobretudo, em trabalhos científicos já publicados por acadêmicos da própria UCDB, inclusive, do Mestrado em Desenvolvimento Local.

Fundamental, também, nesta pesquisa, foi a análise documental, considerada como complementar à pesquisa bibliográfica. Ressalte-se que foi criado um sítio¹ na *World Wide Web (web)* não só com a finalidade coletar informações, imagens e vídeos dos sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS, mas, também, como forma de lhes dar visibilidade e, ao mesmo tempo, divulgar esta pesquisa.

É necessário considerar que os elementos de amostragem foram não probabilísticos, por terem sido escolhidos de forma accidental (conveniência) ou intencional (julgamento). Portanto, não se pode inferir certeza quanto à representatividade do universo pesquisado. Desse modo, para a coleta de dados, utilizou-se a busca direta, a campo, com fontes primárias; e indireta, em fontes documentais (primárias) e bibliográficas (secundárias). Quanto à técnica, recorreu-se à observação direta intensiva, durante a realização de entrevistas semiestruturadas.

Adotou-se como método de pesquisa o indutivo, partindo-se de amostras concretas, para as abstrações, buscando-se generalizações; ou seja, do particular para o geral. Dessa observações e constatações particulares, é que se propôs a teorização e a análise.

Dividiu-se esta dissertação em seis capítulos. No primeiro, em considerações iniciais, pretendeu-se fornecer uma visão geral do trabalho. No segundo, buscou-se relacionar memória e invisibilidade, analisando-se os fatores que podem ter induzido a um apagamento da memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS. No terceiro, demonstrou-se o percurso do rádio no mundo, no Brasil, em Mato Grosso do Sul e em Campo Grande-MS, relacionando-o ao DL. No quarto, construiu-se a categoria da virtualidade sonora, a qual foi aplicada na reflexão sobre sua influência nas questões sociais, mormente no mercado de trabalho, com a exclusão ou fusão de postos de trabalho e sua acentuada transformação face aos avanços tecnológicos, no processo de globalização. No quinto capítulo, os sonoplastas por eles mesmos, demonstrando-lhes o perfil e dos demais entrevistados, com os pontos relevantes da sua trajetória profissional, sua percepção de mundo e sua contribuição ao DL. E, a seguir, as considerações finais.

Assim, entendendo-se o papel do rádio como veículo de comunicação de massa e sua importância na construção da sociedade, sob os aspectos socioeconômicos e

¹ Sonoplastas de Rádio. Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

culturais, demanda-se manter organizados e disponibilizados os registros daqueles que atuaram nessa construção. Por isso, entre outros motivos, constatou-se que dar visibilidade ao papel do sonoplasta como agente de DL é de relevância ímpar. Há, ainda, de se ressaltar que, do ponto de vista do ineditismo, este trabalho se reveste de caráter único, vez que, como temática, não há registros anteriores específicos sobre a atuação dos sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS, no papel de protagonistas e na condição de agentes de DL.

Foto 3 – Jotabê – Difusora Pantanal AM-1.240, Campo Grande-MS



Foto: Ricardo Paredes [s.d.].

Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Jacques Le Goff. *História e memória*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 477.

2 MEMÓRIA E INVISIBILIDADE

Neste capítulo, procurou-se relacionar memória e invisibilidade, analisando-se fatores que possam ter levado a um apagamento da memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, com a consequente invisibilidade dos sonoplastas no papel de agentes de DL. Listam-se algumas razões intervenientes entre memória e cultura; o tratamento diferenciado dado aos sonoplastas, identificados apenas por apelidos, e se discutem, ainda, aspectos de gênero relativos ao trabalho de sonoplasta.

Segundo Bosi (1994), existe um interminável elo entre o passado e o presente, ligação que deve ser revivida, como forma de se procurar restaurar, recuperar e reavaliar o modo de vida atual, com experiências já vivenciadas. Também, conforme Ilsa do Carmo Vieira Goulart (2011, p. 570):

A reconstrução da memória coletiva é uma ferramenta utilizada na sociedade contemporânea, identificada como a *sociedade do esquecimento* (VON SIMSON, 2000). Esse processo de reconstituição assume duas posições distintas: uma de se divulgar as memórias dos grupos sociais e outra de se tentar compreender o momento presente.

Trata-se de uma tentativa de contornar o apagamento histórico da categoria dos sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS, e, nesse processo de reconstrução de sua memória, resgatar-lhes o reconhecimento, a contribuição prestada ao Desenvolvimento Local.

Lívia de Tartari e Sacramento & Manuel Morgado Rezende (2016, p. 96) defendem a ideia de que invisibilidade social é a [...] “impossibilidade de ter um lugar no discurso da ciência e nas práticas sociais”. O conceito normalmente se aplica a pessoas não visíveis socialmente, ou por preconceito ou por indiferença. Trabalha-se

este conceito ao relacioná-lo com a falta de prestígio, de reconhecimento e até com a marginalização histórica da categoria dos sonoplastas de rádio, advinda pela influência de fatores socioeconômicos do sistema capitalista, do neoliberalismo e das crises identitárias e relacionais entre os indivíduos e grupos da sociedade moderna.

Os invisíveis socialmente costumam ocupar o papel de coadjuvantes, e é exatamente isso que ocorre com os sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS, quando se estuda sua contribuição como agentes de DL. Não se trata de negar ou diminuir suas contribuições sociais, mas de evidenciar o apagamento ou a insistência da falta reconhecimento a suas contribuições.

2.1 Lacuna nos trabalhos acadêmicos

A questão básica é o resgate da memória da sonoplastia de rádio na cidade de Campo Grande-MS. Uma tentativa de conferir visibilidade à atuação do profissional deste setor, o sonoplasta, como agente de DL, além de demonstrar as transformações por que passou a função até os dias atuais.

Foto 4 – Daniela Cristiane Ota – UFMS, Entrevista para esta pesquisa. Duas últimas fotos mostram: Maurício Picarelli e estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS



Fotos: Nélson Mandu, repórter-cinematográfico (2016). Fotos da emissora: Arquivos Rádio Cultura AM-680, as duas últimas da sequência acima [s.a., s.d.]

Na busca de registros, em nível acadêmico, sobre a atuação do sonoplasta, perguntou-se à pesquisadora Daniela Cristiane Ota² de que forma é tratada essa função ou profissão, no plano acadêmico, nos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisadora afirmou:

Eu diria que historicamente só. A gente só comenta. Eu, por exemplo, tenho um projeto pedagógico que se chama *Rádio Corredor*. Ele vai ao ar, duas vezes por semana, durante uma hora, ao vivo. Como a gente não tinha rádio, era uma forma de os alunos terem uma pequena audiência e treinarem *ao vivo*, porque, no rádio, isso é muito importante. E os alunos aprendem a operar, eles aprendem a função de sonoplastia também. Eu tenho um técnico de áudio (Valdinei Costa de Almeida), e é ele que repassa toda essa operacionalização para eles. Os alunos gostam muito de aprender todas essas etapas. Quando eu comecei a incorporar isso, um questionamento que surgiu, até pedagógico, era esse. Eu acho que o aluno tem que conhecer todas as etapas de produção, até para valorizar. Mas, à medida que ele conhece, a gente também está fazendo uma prática de mercado, que é incorporar locução à sonoplastia. Então, isso, pedagogicamente, também é um ponto a ser pensado. Agora, por enquanto, o que a gente faz, o que a gente desenvolve é isso. O aluno conhece desde esta etapa técnica, até a etapa jornalística, até a etapa da edição mesmo. O aluno consegue passar por todas essas áreas (OTA, entrevista gravada, 2016).

Foto 5 – Valdinei Costa de Almeida. Rádio Educativa UFMS, FM 99,9 / Campo Grande-MS, 2016



Foto: Nélson Mandu (2016).

Quem se forma em Jornalismo também tem espaço no rádio; nos programas de notícias, principalmente, depara-se com a necessidade de operar uma mesa de áudio e

² As citações a OTA (2016) na presente dissertação referem-se à entrevista com Daniela Cristiane Ota, realizada na sala de Orientação do Mestrado em Comunicação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande-MS, em 6 mai. 2016, por volta das 9 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Nélson Mandu. Tempo total 26'25''.

fazer locução ao mesmo tempo. Como demonstrado pelo depoimento da pesquisadora Daniela Cristiane Ota, os alunos do curso de Comunicação da UFMS têm pelo menos noções básicas e uma experiência mínima de como fazer isso. Apesar de, no laboratório de rádio da UFMS, não funcionar o sistema de DJ. Ainda há operador e locutor separadamente. Mas, com a Rádio Educativa UFMS FM 99,9, a experiência passou a ser bem próxima da realidade do mercado, ou seja, já com o sistema DJ.

O primeiro curso de Comunicação instalado no Estado de Mato Grosso do Sul foi o de Jornalismo, na UFMS, cuja turma inaugural graduou-se com bacharelado, em 1993. Já, na UCDB, no ano de 1995, foi implantado, inicialmente, o curso de Comunicação Social, com habilitações em Publicidade, Propaganda e Relações Públicas, as quais, em 1998, ampliaram-se, abrangendo Jornalismo, Rádio e TV.

Na UFMS, a professora Daniela Cristiane Ota é considerada importante pesquisadora na área. Perguntou-se a ela, também, se, de memória, saberia citar o nome de algum sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS. Ela respondeu assim:

Não conheci. E teu trabalho me chamou muito a atenção por isso. Porque eu pesquisei rádio desde a graduação. E, como eu te disse, entrevistei muitos locutores, muita gente. Mas, de sonoplasta, o que eu realmente, hoje, conheço o trabalho, conheço a história dessa fase de transição, foi no meu Pós-Doutorado, só que eu não fiz aqui. Eu tive contato apenas com sonoplastas de São Paulo. Então, se você me pedir, eu consigo elencar pelo menos uns cinco, que me contaram não só a trajetória deles, de como entraram para o rádio, até como eles trabalham atualmente nas emissoras. O que me chama a atenção é que todos começaram muito jovens. Os que eu entrevistei da Rádio USP FM 93,7, por exemplo, todos começaram em rádio, perto dos quinze anos de idade. Teve um, que é o Benê Ribeiro, começou a trabalhar aos treze anos de idade, no Ceará, na única rádio que havia na cidade, à época. Ele queria fazer rádio, a mãe dele foi pedir um emprego de *office-boy*, para ele; a emissora era muito pequeninha, e ele começou a se envolver com tudo aquilo e se tornou sonoplasta daquela emissora. Depois, foi para São Paulo e nunca quis ser locutor. Ele disse que gosta da mesa de som e nunca quis ser locutor. Ele tem uma valorização muito grande e um entendimento muito sério dessa relação dele com o locutor. Numa dessas entrevistas que ele me concedeu, ele me disse ‘Olha, quem vem aqui, meramente para fazer o trabalho, não faz direito, porque a música já tá acabando, já solta o áudio para o locutor, e o locutor já fala em cima da música, ou no final da música, eu acho isso muito feio’, ele me disse. Então, o trabalho do sonoplasta não é só operar a mesa, ele tem que entender o *time* das músicas, do locutor, da programação... para inserir vinheta, pôr ou tirar trilha... Então, eu até chamei o depoimento dele de *A composição do sonoplasta*, porque eu também não tinha essa percepção e nem esse entendimento. E foi uma agradável surpresa, porque, na visão de qualquer leigo, sonoplastia é um cargo em extinção nas rádios. Não existe mais. Mas, a gente vê que, nas AM e em rádios educativas, em rádios universitárias, é um trabalho que ainda persiste, ainda é valorizado. Nas FM universitárias que eu pesquisei, UFMG, UFRGS e USP, o trabalho do sonoplasta está presente e é valorizado (OTA, entrevista gravada, 2016).

Depreende-se desse depoimento o fascínio dos jovens pela mídia, constatado pela pesquisadora, com a entrada deles no mercado de trabalho, via rádio. Outro fato que chama a atenção é o pouco que se publica sobre a influência do sonoplasta na linguagem do rádio. Os locutores e a fala são os temas que mais se realçam.

Partiu-se, nesta pesquisa, do princípio de que até há pouco tempo, existia uma lacuna literária nos trabalhos acadêmicos dos cursos de Comunicação (graduação e pós) produzidos em duas das Instituições de Ensino Superior da cidade de Campo Grande-MS, sendo elas: UFMS e UCDB, acerca dos conteúdos que abordassem especificamente a temática sonoplastia, sonoplasta e sua relação com o DL. Questionando-se, então, as razões dessa ausência ou invisibilidade, desse apagamento, e se tal lacuna poderia e/ou deveria ser preenchida, não apenas para fornecer subsídios à reflexão sobre as transformações na referida profissão e na sociedade, mas, também, para que seu resultado pudesse servir como parâmetro às intervenções na figura dos agentes de transformação. Desse modo, perguntou-se, ainda, à pesquisadora Daniela Cristiane Ota, a respeito do livro *Olhares sobre a história do rádio em Campo Grande-MS*, que contém dezessete artigos acadêmicos mostrando a trajetória radiofônica na capital de Mato Grosso do Sul, contada a partir dos relatos de quem participou dela. O questionamento foi como o sonoplasta havia sido retratado na obra organizada por ela. A pesquisadora respondeu desta forma:

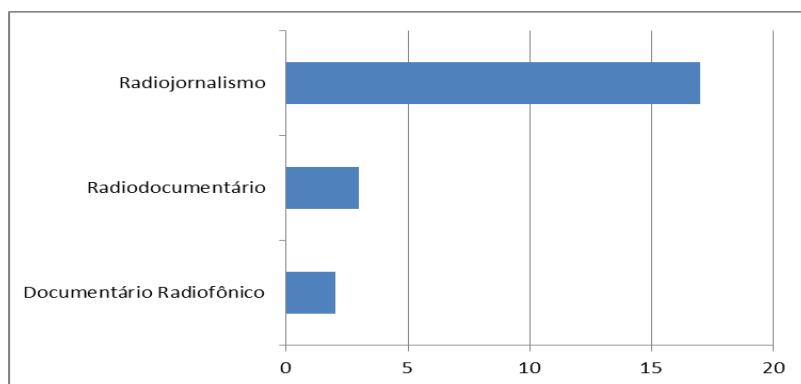
Nós fizemos um livro sobre a história do rádio em Campo Grande, com a participação de dezessete autores. Dentro desses textos todos, a maior ênfase foi a programas e locutores. Infelizmente, sonoplastas só foram citados. Não houve nenhum trabalho de aprofundamento na função, ou sobre a história de algum grande sonoplasta aqui de Campo Grande, a passagem deles pelas emissoras de rádio... Infelizmente, nesse projeto, os próprios autores focaram na história das emissoras e desses personagens, mas, na sua totalidade, locutores (OTA, entrevista gravada, 2016).

Por essa declaração da pesquisadora, fica demonstrado que o olhar dos acadêmicos se volta mais para os locutores e programas. O sonoplasta de rádio torna-se invisível, e a memória histórica do seu trabalho acaba por sofrer um apagamento.

Na lista de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), de 1993 a 2016, do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), conforme se demonstra no Gráfico 1, constam 47 ocorrências da palavra rádio, incluindo-se os títulos dos projetos, tipo de mídia e as palavras-chaves. São dezessete ocorrências que indicaram radiojornalismo como o tipo de trabalho ligado

à mídia rádio, dois documentários radiofônicos e três chamados de radiodocumentários. **Nenhuma menção a sonoplastia e nem à sonoplastia.** A temática rádio aparece em destaque.

Gráfico 1 – Tipos de trabalhos ligados à mídia rádio, nos TCC de Graduação na UFMS

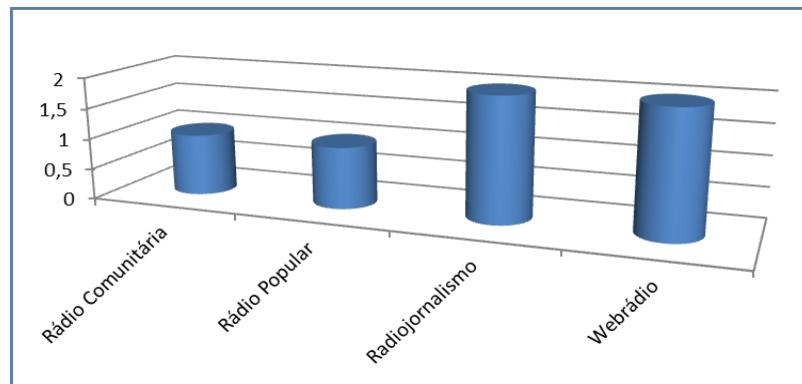


Fonte: Curso de Comunicação da UFMS. Elaborado pelo autor.

No curso de Comunicação da UFMS, há uma especificidade na formação pela habilitação em Jornalismo, mas, por ter na sua grade a disciplina de Radiojornalismo, explica-se a predominância de trabalhos nesta última temática. Porém, os documentários radiofônicos, que contribuiriam para o registro da memória da mídia, ficaram em último lugar no quantitativo.

Buscando-se somente entre os 61 títulos dos projetos experimentais listados daquele curso da UFMS, conforme se evidencia pelo Gráfico 2, a palavra rádio aparece treze vezes, incluindo-se rádio comunitária, uma vez; rádio popular, uma vez; radiojornalismo, duas vezes; webrádio, duas vezes. **Nenhuma menção a sonoplastia e nem à sonoplastia.**

Gráfico 2 – Palavras extraídas dos títulos dos TCC de Graduação na UFMS

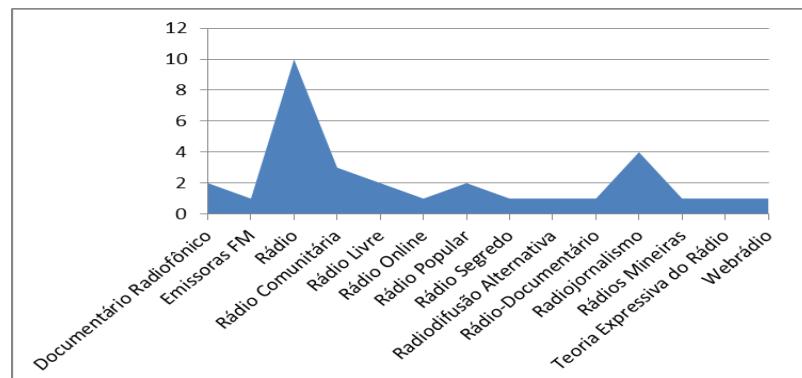


Fonte: Curso de Comunicação da UFMS. Elaborado pelo autor.

Pela relação dos títulos dos trabalhos na UFMS, **não se registra ocorrência de inclusão da temática sonoplastia ou de sonoplasta diretamente**. Predominam, também, as temáticas radiojornalismo e webrádio. Igualaram-se os quantitativos de rádio comunitária e rádio popular, pela correlação do tipo de trabalho e o seu título.

Entre as palavras-chaves, conforme o Gráfico 3, apareceram nos TCC de graduação da UFMS, catorze expressões ligadas ao meio rádio. Entretanto, **nenhuma menção foi feita a sonoplasta e nem à sonoplastia**. As ocorrências foram estas: documentário radiofônico - duas; emissoras FM - uma; rádio - dez; rádio comunitária - três; rádio livre - duas; rádio *online* - uma; rádio popular - duas; rádio Segredo - uma; rádio alternativa - uma; rádio-documentário - uma; radiojornalismo - quatro; rádios mineiras - uma; Teoria Expressiva do Rádio - uma; Webrádio - uma.

Gráfico 3 – Palavras-chaves nos TCC da Graduação na UFMS



Fonte: TCC de graduação em Jornalismo, na UFMS, 1993-2016. Elaborado pelo autor.

Pelas palavras-chaves, nos TCC da UFMS, o termo rádio aparece dez vezes, como a maior ocorrência. Mas, expressões correlatas também foram mencionadas. **Não foram encontradas expressões relacionadas à sonoplastia ou ao sonoplasta.** Constatando-se, por igual, nesses registros, a caracterização de invisibilidade e apagamento sobre o trabalho dos sonoplastas.

Na UCDB, o curso de Comunicação iniciou suas atividades em 1998, com as habilitações em Jornalismo, Publicidade, Rádio e TV. No Jornalismo, o objetivo é formar profissionais divulgadores de notícias nos diversos meios de comunicação, inclusive no rádio. Os acadêmicos podem participar da produção de programas na Rádio UCDB FM 91,5, vivenciando a realidade de um veículo local. A primeira turma se formou em 2002. O curso com habilitação em Rádio e TV foi desativado em 2010, por conta da reduzida demanda de acadêmicos pela formação. De acordo com informações das coordenações dos cursos, os TCC estão todos disponibilizados na biblioteca central da instituição³.

Foto 6 – LABCOM-UCDB. Acadêmicos em aula prática



[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://sítio.ucdb.br/public/banners/63-jornalismo-740x250.jpg>>. <<http://sítio.ucdb.br/cursos/4/graduacao/26/jornalismo/187/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

Em pesquisa realizada na biblioteca *on-line* da UCDB, procurou-se localizar os trabalhos acadêmicos pela palavra-chave *sonoplasta*. **Não foram encontrados registros com o filtro utilizado.** Em seguida, buscou-se pela palavra *sonoplastia*. Também **não existiam registros para o termo pesquisado**. Buscou-se, então, pela expressão *rádio e TV*, resultando nos seguintes registros, encontrados no site e projetados nos dados

³ Biblioteca da UCDB. Endereço eletrônico: <<http://www.bib.ucdb.br/pergamum/biblioteca/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

apresentados no Quadro 1 e no Quadro 2.

Quadro 1 – Registros pelo filtro *rádio e TV*, relacionando Tipo de Obra e Quantitativo, Biblioteca UCDB

Tipo de obra	Quantidade
CD-ROM	01
CD-Monografias TCC	02
Gravações de Vídeo	12
Monografias	42
On-line	01

Fonte: Biblioteca da UCDB. Disponível em: <<http://www.bib.ucdb.br/pergamon/biblioteca/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

O Quadro 1 retrata a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) nos cursos de Comunicação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), discriminados por tipo de obra (coluna da esquerda) relacionado à quantidade produzida (coluna da direita). Os trabalhos monográficos lideram as ocorrências, com 42 produções, com duas monografias gravadas em CD. A seguir, vêm as gravações de vídeo, com 12 registros. CD-ROM e *on-line* têm um registro cada. Quanto ao tipo de obra, evidenciam-se as monografias e as gravações de vídeo (esta última categoria mais peculiar ao curso de Publicidade e Propaganda). Com menor produção, aparecem CD-ROM, *on-line* e periódicos.

Quadro 2 – Registros pelo filtro *rádio e TV*, relacionando Data de Publicação e Quantitativo, Biblioteca UCDB

Data de publicação	Quantidade
2014	01
2009	13
2008	07
2006	01
2005	13
2004	10
2003	05
2002	05
1999	07
1984	01

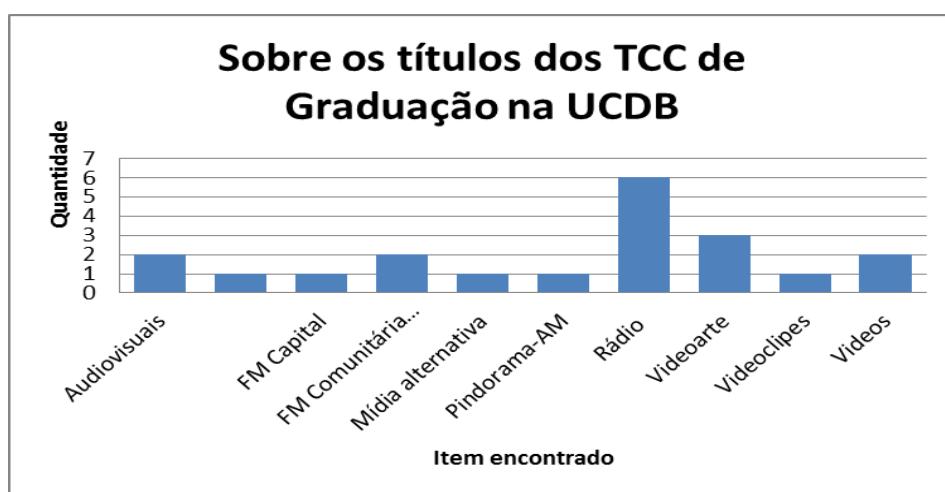
Fonte: Biblioteca da UCDB. Disponível em: <<http://www.bib.ucdb.br/pergamon/biblioteca/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

O Quadro 2 demonstra o quantitativo de produção (coluna da direita), ano a ano, de 1984 a 2014 (coluna da esquerda). Note-se que há lacunas nos registros, como, por exemplo, 1985-1988, 2007, 2010-2013. E, também, não foram encontrados dados referentes a 2015 e 2016. Com relação à produção anual, a maior ocorrência se deu em 2005 e 2009, com treze registros; seguindo-se 2004, com dez; e 1999 e 2008, com sete. Sendo que, em cinco anos diferentes, registrou-se a ocorrência de apenas um trabalho. Este dado, embora relevante, não foi questionado, vez que não era objetivo da pesquisa analisar os cursos e sua produção, propriamente. Por isso, não se aprofundou mais em sua análise.

No rol dos trabalhos acadêmicos da área de rádio e TV, localizados na biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco, em nível de graduação, constatou-se a existência de catorze títulos relacionados com a mídia rádio. Os filtros que se extraíram dessa pesquisa, conforme o Gráfico 4, mostram as seguintes ocorrências: audiovisuais - dois; convergência de mídias - um; FM Capital - um; FM Comunitária Moreninha - dois; mídia alternativa - um; Pindorama-AM - uma; rádio - seis; videoarte - três; videoclipes - um; vídeos - dois.

Atente-se ao fato de que o foco do levantamento não é propriamente a produção dos cursos, não se levou em consideração de forma isolada ou comparativa as produções dos cursos de Jornalismo, Publicidade, Rádio e TV, reforçando-se que a habilitação em Rádio e TV interrompeu suas atividades a partir de 2010.

Gráfico 4 – Palavras extraídas dos títulos dos TCC de Graduação na UCDB

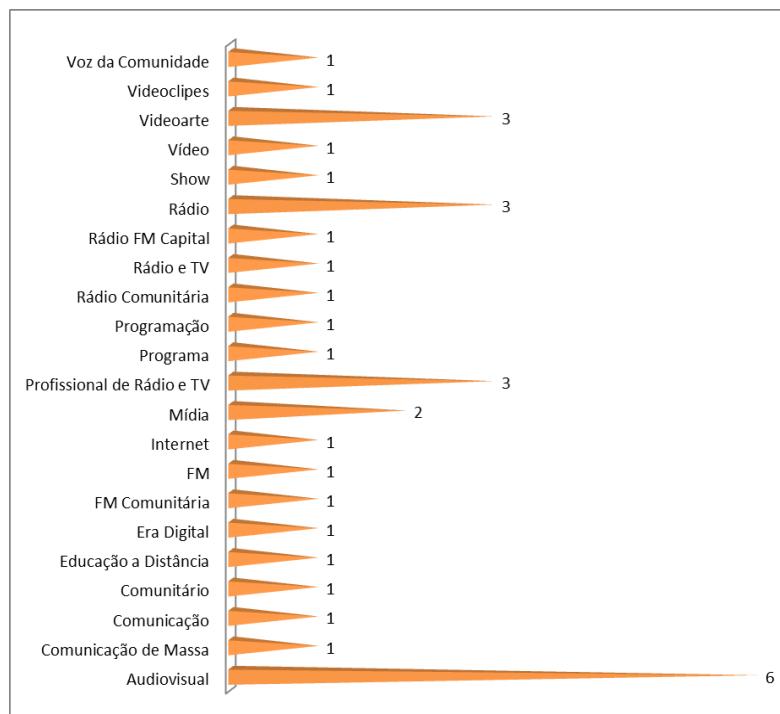


Fonte: TCC de Graduação UCDB, 1984-2014. Elaborado pelo autor.

Entre os títulos, Gráfico 4, destaque para os trabalhos voltados para rádio, de maneira genérica e seus segmentos. Isso demonstra o prestígio da mídia e a atração dos acadêmicos pela escolha da temática. O rádio e as questões sonoras continuam a exercer um fascínio sobre os acadêmicos da área de Comunicação.

Na pesquisa *on-line* pelas palavras-chaves nos trabalhos de conclusão de curso na área de Comunicação, na biblioteca da UCDB, conforme aponta do Gráfico 5, registrou-se a seguinte ocorrência: audiovisual - seis; comunicação de massa - uma; comunicação - uma; comunitário - uma; educação à distância - uma; era digital - uma; FM comunitária - uma; FM - uma; Internet - uma; mídia - duas; profissional de rádio e TV - três; programa – uma; programação - uma; rádio comunitária - uma; rádio e TV - uma; Rádio FM Capital - uma; rádio - três; show - uma; vídeo - uma; videoarte - três; videoclipes - uma; voz da comunidade - uma.

Gráfico 5 – Palavras-chaves nos TCC de Graduação na UCDB



Fonte: Biblioteca UCDB, 2016. Elaborado pelo autor.

Neste Gráfico 5, pelas palavras-chaves, o maior número de ocorrências foi de trabalhos sobre audiovisual, seguido por profissional de rádio e TV; rádio e videoarte.

Não se mencionam as expressões Sonoplastia e Sonoplasta.

Ressalte-se que algumas palavras se repetem nos subtítulos e que eventuais variações ortográficas contidas no título original foram aproximadas em um só filtro; por exemplo: áudio visual e audiovisual; vídeo-documentário, vídeo documentário e videodocumentário, não apenas nesta, mas, também, em ilustrações anteriores.

Por outro lado, dentre as dissertações defendidas no Mestrado de Desenvolvimento Local da UCDB⁴, registra-se, de acordo com o Quadro 3, nas defesas de 2002 a 2016, um total de 240 trabalhos.

Em 2002, foram 12, e, nele, encontra-se a única dissertação ligada à temática rádio, sob o título *A rádio comunitária como fator de Desenvolvimento Local*. **A palavra sonoplastia é mencionada duas vezes** pela autora Cláudia Mara Stapani Ruas. **Sonoplasta, nenhuma vez.** As palavras-chaves dessa dissertação foram: Radiodifusão Comunitária - Desenvolvimento Local - Cidadania. Nos demais anos, ou seja, de 2003 a 2016, houve um total de 228 defesas. **Não há menções aos termos Rádio, Sonoplasta e Sonoplastia.**

Quadro 3 – Defesas de dissertações do Mestrado DL-UCDB, 2002-2016

Ano	Defesas
2002	12
2003	23
2004	21
2005	05
2006	25
2007	21
2008	25
2009	10
2010	13
2011	21
2012	14
2013	19
2014	11
2015	12
2016	08
240	

Fonte: UCDB. Elaborado pelo autor.

Constatou-se que nenhuma das dissertações apresentadas foi voltada especificamente para as questões de Sonoplastia e/ou Sonoplastas em se as relacionando ao DL. A única autora a abordar a temática Rádio foi a atual Doutora Cláudia Mara

⁴ Dissertações defendidas 2002-2016. Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local – UCDB. Disponível em: <<http://sítio.ucdb.br/cursos/4/mestrado-e-doutorado/32/mestrado-e-doutorado-em-desenvolvimento-local/603/dissertacoes-defendidas/1168/>>. Acesso em: 3 set. 2016.

Stapani Ruas, que, embora com base nas conceituações da radiodifusão e DL, teve como objetivo geral analisar até que ponto a radiodifusão comunitária podia ser considerada fator de DL, investigando, também, o tipo de programação veiculada, o grau de influência da grade de programação e sua importância no cotidiano dos ouvintes.

Em nível de pós-graduação, recorreu-se, também, à listagem de trabalhos de conclusão, fornecida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da UFMS⁵, de 2013 a 2015, em que constam 26 dissertações, das quais se teve acesso apenas aos títulos. Relacionados ao rádio, foram encontradas apenas duas pesquisas, com os seguintes títulos *Repórter 104: a apresentação da informação noticiosa na emissora educativa de Mato Grosso do Sul*; e “Da sua casa para a urna: um estudo sobre a recepção do Programa *Picarelli com você*”.

Na UFMS, as palavras-chaves e os títulos dos trabalhos acadêmicos, mesmo em nível de pós-graduação, **não contemplam os termos Sonoplastia e Sonoplastas**. Caracterizando-se, então, a falta de protagonismo desses profissionais nos estudos relativos à Comunicação, neste nível, nessa Universidade.

2.2 Memória e cultura

Certeau (1982) conceitua memória como sendo a ligação entre o passado e o presente, incorporando suas modificações e transformações ao longo do tempo. Assim, para se entender a situação atual de certa comunidade ou sociedade, é necessário verificar as mudanças por ela sofridas no espaço e no tempo. Esse elo interminável entre o passado e o presente, conforme Bosi (1994) deve ser revivido, restaurado, recuperado, resgatado, reavaliado, como forma de se compreender a vida atual, tendo por base as experiências já vivenciadas, as quais Halbwachs (1990, p. 82) ressalta, na relação entre memória individual e coletiva, quando assinala que:

[...] a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em conjunto.

⁵ Sistema de Gestão de Pós-Graduação (SIGPOS – UFMS).

Deste modo, tal como o ser humano é produto do meio, e, nos dias de hoje, os *meios*, por conta das virtualidades, são inúmeros, as memórias pessoais são fruto das memórias coletivas, as quais interagem e, também, replicam-se com velocidade, por conta do mundo em rede.

Pelo ponto de vista histórico, muito embora sem outros registros documentais que possam ser relatados nesta dissertação; considera-se possível, pelo depoimento dos entrevistados, perceber ser preponderante o papel do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS. Ao menos, assim, analisa a pesquisadora Daniela Cristiane Ota:

Historicamente, eu acho que ele teve um papel importante até a década de 80. Depois disso, historicamente e pelas pesquisas que são feitas, a gente vê que houve uma redução gradativa desse profissional no mercado de trabalho. Várias emissoras ainda têm, mas, hoje, a gente vê que são poucos que ainda mantêm a figura do sonoplasta. E eu acho que essas rádios têm ainda uma motivação de aproximação com a comunidade, de aproximação com o ouvinte, muito maior que as FM. Só que, agora, a gente está em plena época de migração e extinção das AM. Elas foram autorizadas a migrar para o formato FM. E aí, há até um ponto de interrogação: será que elas vão perder esse caráter que sempre as diferenciou? Porque a rádio AM sempre foi uma rádio de proximidade, os locutores são conhecidos, a gente pode citar casos locais, como o do Maurício Picarelli, que, na Cultura AM, era uma figura conhecidíssima. Ele passou pela TV, também, mas, sempre, diz que ele deve muito da carreira dele ao rádio. Então, passando pro formato de Frequência Modulada, será que não se perderá esse caráter diferenciado? E, aí, talvez, essas poucas emissoras que ainda incorporaram o sonoplasta no quadro funcional, será que isso também não acabará sendo extinto? (OTA, entrevista gravada, 2016).

Nota-se, pelas palavras da pesquisadora, que a manutenção dos sonoplastas de rádio é um ato de resistência das emissoras de AM que estão migrando para FM. Porém, além da manutenção dos postos de trabalho, busca-se, preservar a linguagem criativa de proximidade, intimista, que o rádio mais conversado do AM proporciona.

De acordo com Nora (1976, p. 179) [...] “a história contemporânea ainda não encontrou nem sua identidade nem sua autonomia”. Deste modo, é legítimo, do ponto de vista histórico, estudar-se o papel do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS como agente de DL. A influência deste profissional nos rumos socioeconômicos e culturais, embora pouco reconhecida, caminha paralelamente à influência da mídia rádio nos rumos da cidade, do Estado e do país.

Do ponto de vista dos profissionais entrevistados, o papel do sonoplasta como agente de DL tem seu reconhecimento dado na constatação de sua influência na

sociedade e sua participação na construção do desenvolvimento da cidade. É isso que pensa o sonoplasta e locutor Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”:

O locutor sempre fala: ‘sem o sonoplasta, ele não é nada’. Então, a gente se sente muito importante por causa disso, porque a gente sabe que é a gente que colabora com ele, está ali colocando brilho na voz dele, colocando os comerciais para rodar na hora certa [...] Então, a nossa importância para a sociedade é o seguinte: é que a gente está ali, no meio da Comunicação, e, na Comunicação, o pessoal ama muito o Rádio. E o Rádio ainda é o queridinho do povo. Então, acho que é importante por causa disso, porque o povo gosta muito do rádio e dá valor aos profissionais. Então, a gente é muito valorizado no rádio, pelo nosso trabalho e tudo o que o rádio representa na vida dos brasileiros (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Esse depoimento do sonoplasta Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*⁶ exemplifica o papel de coadjuvante do sonoplasta de rádio. Seu depoimento evidencia que a função do sonoplasta é dar brilho à voz do locutor. Então, a importância e o reconhecimento do sonoplasta vêm a reboque da importância do rádio e do locutor. Apesar disso, “*Marrom*” se sente valorizado em seu trabalho.

Foto 7 – Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, durante entrevista para esta pesquisa. Estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS. 4 abr. 2016



Fotos: Araquém Vicente Jorge, repórter-cinematográfico.

⁶ As citações a SANTOS, M. A. dos (2016) nesta dissertação referem-se à entrevista com Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, realizada nos estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS, em 4 abr. 2016, 9 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Araquém Vicente Jorge. Tempo total 26'25”.

A história do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS tem se mantido invisível ou foi apagada dos registros de mídia, dos documentos oficiais e até dos estudos acadêmicos. Ao tratar do importante papel da imprensa, Nora (1976, p. 182) reconhece que existem acontecimentos em que “os fatos se escondem e demandam a crítica da informação, a confrontação de testemunhos, a dissipaçāo do segredo mantido pelos desmentidos oficiais, o colocar em questão princípios que apelam à inteligência e à reflexão” [...].

Por exemplo, a pesquisadora Daniela Cristiane Ota disse não ter conhecimento sobre fato ou evento específico em que algum ato ou resultado do trabalho do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS tenha estabelecido uma grande mudança econômica ou social em âmbito local. E, ainda, que não tem na memória registro algum marcante do trabalho do sonoplasta de rádio local. A pesquisadora esclarece:

Eu tive pouco contato com sonoplasta. Eu tive mais contato com locutores, e alguns deles, que me narraram histórias com sonoplastas. A interferência de que tomei conhecimento é mais social e em relação a conteúdo. O próprio LUCAS, do programa *Amor Sem Fim* na rádio FM Cidade 97,9, ainda na época em que eu era estudante de graduação em Jornalismo, fui entrevistá-lo, e ele dizia que as pessoas entravam muito para o rádio, porque tinham uma voz bonita, mas não existia uma formação específica para isso. E o LUCAS dizia que ele trabalhou muito com sonoplastas os quais já tinham muitos anos de experiência em rádio, e que ele aprendeu muito com eles. Então, o operador não era um operador de mesa somente, pois dava muitas dicas de como falar, de como fazer as abordagens, do que funcionava ou não no programa, o que tinha ou não mais apelo popular... Então, do meu conhecimento, a contribuição fica mais nesse nível, do que os locutores já me contaram sobre a importância do trabalho dos sonoplastas (OTA, entrevista gravada, 2016).

Mais uma vez, mostra-se a condição de coadjuvante do sonoplasta, cuja história é narrada pela voz dos locutores entrevistados pelos pesquisadores. O sonoplasta, na maioria das vezes, não é fonte primária das informações. Também, sobre a importância da memória, Todorov (2002, p. 141) afirma que ela é “a vida do passado no presente”. Deste modo, a memória é fundamental para que se compreenda a complexidade vivenciada da experiência dos sujeitos, para que se possa avaliar as transformações que ocorrem na vida das pessoas, no perfil de uma determinada categoria profissional ou em uma determinada comunidade. Então, resgatar a memória da sonoplastia de rádio e tornar visível o papel de agente de DL do sonoplasta é um modo ou método para que se possa pensar as transformações e refletir sobre o futuro profissional e social da categoria.

Foto 8 – Invisibilidade Social



Fonte: *Invisibilidade social*. Ação Futuro, em 27 de maio de 2010. [s.a.]. Disponível em: <<http://acaofuturo.blogspot.com.br/2010/05/invisibilidade-social.html>>. Acesso em: 6 set. 2016.

Sobre invisibilidade ou possível apagamento histórico e até social da função de sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, a pesquisadora Daniela Cristiane Ota confirma que falta visibilidade aos sonoplastas, embora se reconheça que seu trabalho seja imprescindível:

A gente sempre fala que, no Jornalismo, o trabalho é em conjunto, que a gente não faz nada sozinho. No impresso, eu tenho que ter todo um apoio do *pauteteiro*, do editor, do fotógrafo... em TV, do cinegrafista; e, em rádio, do sonoplasta. Mas, a gente verifica que a visibilidade social, a visibilidade profissional, o sonoplasta não tem no rádio. O enfoque é muito direcionado pros locutores, é muito direcionado para quem apresenta os programas. Tanto que vários desses apresentadores viraram políticos, e isso é em nível de Brasil, em todas as regiões do Brasil, a gente tem essa situação. E, historicamente, a gente verifica que o sonoplasta, na Época de Ouro do rádio, ele tinha uma função imprescindível. Até hoje, eu acho que é imprescindível, porque a perda da figura do sonoplasta, na questão do estúdio, do locutor sozinho, você não tem só uma perda técnica, é uma perda de parceria mesmo, no fazer o programa. Só que, infelizmente, pela própria tecnologia, hoje, a figura do sonoplasta foi perdendo campo de trabalho. Hoje, com o advento de programas, como o Pulsar (**de automação de emissoras de rádio**), a *Playlist* (**software com diversos recursos técnicos para programação ao vivo ou automatizada**), a figura do sonoplasta acabou se tornando dispensável. E, também, não é só a questão da tecnologia. Várias emissoras começaram a trabalhar em rede e a aumentar o salário do locutor, desde que ele incorporasse a função do sonoplasta. Então, a gente vê em grandes cadeias de rádio, que isso hoje é uma prática comum no mercado. A empresa agrupa um pouco mais ao salário do locutor, desde que ele faça a função do operador de áudio também (OTA, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Essa pesquisadora alerta que, embora motivada por questões econômicas e tecnológicas, a eliminação do sonoplasta em postos de trabalho representa uma perda

técnica para a mídia rádio. O elemento humano está sendo substituído por máquinas e programas informatizados.

Ainda, sobre essa questão, destaque-se que Edna de Souza⁷ é a única mulher que ainda continua a atuar como sonoplasta no rádio campo-grandense. Ela diz se sentir como peça de museu e que, se há reconhecimento aos sonoplastas e à sonoplastia, ele é pelo aspecto histórico:

É bem histórico mesmo. Hoje em dia, quase não existem mais sonoplastas, estão virando museu, infelizmente. Alguns locutores, das antigas, reconhecem aqueles que foram seus sonoplastas e dizem ‘Eu tive um bom trabalho, um desenvolvimento, porque eu tive um ótimo sonoplasta’. Mas, há muitos que não têm esse reconhecimento. Nós, da sonoplastia, acabamos ficando em segundo plano. O locutor aparece, mas o sonoplasta quase não aparece. Sendo que o locutor depende muito do sonoplasta. Com suas brincadeiras, com sua agilidade, o sonoplasta consegue criar uma atmosfera para o discurso que o locutor está desenvolvendo. Lembro-me que o seu Juca (Carlos Achucarro, o Juca Ganso) valorizava muito o sonoplasta; Ramão Achucarro valorizava; Arthur Mário Medeiros de Ramalho, no setor de esportes, valoriza muito o seu sonoplasta. Hoje, o sonoplasta dele, no Jornalismo, é o “Marrom”, este com o qual eu também aprendi muito. O “Marrom”, agora, está tendo a oportunidade de desenvolver locução também. Mas, nem todos reconhecem a importância que o sonoplasta tem dentro do rádio. São poucos, principalmente, entre os locutores, que reconhecem a importância do seu sonoplasta (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

A sonoplasta Edna de Souza parece buscar refúgio no passado, ao se considerar como peça de museu e ao falar em *locutores das antigas* que reconheciam o valor dos seus parceiros sonoplastas. Suas palavras soam ao mesmo tempo nostálgicas e pessimistas quanto ao presente e ao futuro, ao dizer que *poucos valorizam os sonoplastas*.

⁷ As citações a SOUZA (2016) na presente dissertação referem-se à entrevista com Edna de Souza, realizada nos estúdios da Rádio Mega FM 94,3, Campo Grande-MS, em 7 mai. 2016, por volta das 10 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Nélson Mandu. Tempo total 15'56”.

Foto 9 – Edna de Souza, sonoplasta. Entrevista nos estúdios da Rádio Mega FM 94,3, Campo Grande-MS, em 7 de maio de 2016, por volta das 10 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Nélson Mandu. Tempo total 15'56”



Fotos: Nélson Mandu, repórter-cinematográfico.

Porém, o sonoplasta e locutor Marcos Antônio dos Santos “Marrom”, considerado uma referência no setor de rádio, sobretudo das AM de Campo Grande-MS, pensa diferente de Edna de Souza. Ele se encontra satisfeito com o reconhecimento dado ao próprio trabalho, mas diz que, em geral, os profissionais do setor não são valorizados e nem reconhecidos:

Muitos não tiveram reconhecimento, porque não pegaram com afinco. Eu me sinto prestigiado, porque sei que as pessoas me valorizam pelo meu trabalho e profissionalismo. Quem não foi profissional não ficou no rádio, não prosperou. Eu, graças a Deus, prosperei. É o ganha-pão da minha família. Mas, é o seguinte: o rádio ocupa você só umas três ou quatro horas, o resto, você tem que andar com suas próprias pernas. É assim que vive o homem, o homem tem que progredir, não tem que ficar estacionado e parado no tempo (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Para Marcos Antônio dos Santos “Marrom”, o mérito e o reconhecimento são individuais e devem ser construídos, ser resultado do trabalho dedicado e bem feito de cada um dos profissionais. E, alerta para a necessidade de que o profissional evolua sempre, continue estudando e se aperfeiçoando.

Foto 10 – Roberto Higa durante a entrevista para esta pesquisa. Residência do repórter-fotográfico, em Campo Grande-MS



Fotos: Nélson Mandu (2016) – repórter-cinematográfico.

Perguntou-se, também, ao repórter-fotográfico Roberto Higa⁸ (reconhecido por retratar o trabalho da imprensa local) como ele analisa o fato de que, em seu arquivo documentando a vida da imprensa de Campo Grande-MS, contando com milhares de fotos de profissionais dos diversos veículos de comunicação de todo o Estado, inclusive do rádio campo-grandense, haja apenas duas fotos de sonoplastas do rádio local. Ele interpretou a situação da seguinte maneira:

Eu acho que o sonoplasta, como o próprio fotógrafo, como o próprio cinegrafista, são pessoas de bastidores. Não é pessoa de linha de frente. É o primeiro que chega, e o último a sair, para fazer o trabalho; mas o reconhecimento, na maioria das vezes, vai pro jornalista, pro repórter de texto. Então, o sonoplasta, que é o puxador de fio, que é o cara que pega realmente no pesado, que tem que chegar primeiro para fazer as instalações, colocar os pontos de energia, como por exemplo, dentro de um campo de futebol, ou em qualquer outro evento, essa pessoa quase não aparece. E justo não é, mas é o que acontece. Não tem jeito. Mas, por outro lado, eu acho que o reconhecimento existe. Por exemplo, o Carlinhos ‘Jacaré’, ou *Queixada* ou *Bocão*, como era chamado por muitos e que faleceu há pouco tempo, o seu

⁸ As citações a HIGA (2016) nesta dissertação referem-se à entrevista com Roberto Higa, realizada na residência do repórter-fotográfico, rua Sílex, 275, bairro Coophafé, Campo Grande-MS, em 29 de abril de 2016, por volta das 13 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Nélson Mandu. Tempo total 28'59''.

Chiquinho ‘Carteiro’, da Rádio Cultura AM-680, com quem eu trabalhei muito tempo, são pessoas que eu ainda registrei. Eu conheci alguns outros, mas é que a cabeça, hoje em dia, já não ajuda; de vez em quando, ela dá uma falhada para recordar. Mas eu registrei sim, principalmente, nos estádios de futebol, no Belmar Fidalgo e no Morenão, no final dos anos 1960 e início dos anos 70, respectivamente. Ali, eu registrei muita gente de rádio. Mas, de qualquer forma, eu acho que são pessoas que, de um modo ou de outro, passaram por aqui e marcaram sua época. E fica registrado, de alguma forma, como, por exemplo, nesse seu trabalho. E eu acho que isso é muito importante, inclusive, para a classe, porque, os outros profissionais já foram mostrados, mas, faltava essa ideia de mostrar o sonoplasta, que puxa o fio, que leva o choque, que carrega o material, faltava mostrar esses sujeitos, essas pessoas. E, agora, já não falta mais (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Por meio da fala de Higa, reconhece-se a lacuna na preservação da memória da sonoplastia de rádio. Ele próprio, só se deu conta de que havia fotografado poucos sonoplastas nos ambientes de rádio aos quais ele frequentou, quando lhe foi perguntado pelos registros que ele possuía. Daí, também, ter ele reconhecido o mérito do ineditismo desta pesquisa.

O profissional a quem Higa se referiu, Carlinhos *Jacaré*, também tratado como Carlinhos *Queixada*, ou, simplesmente, *Bocão*, foi técnico de som, operador de áudio de várias equipes de esporte, nos tempos áureos do futebol profissional de Campo Grande-MS e se tornou conhecido do público esportivo que frequentava o estádio Pedro Pedrossian, o Morenão. Era sempre um dos primeiros profissionais a chegar ao estádio e um dos últimos a sair, sendo o principal responsável pelo contato das equipes para as quais trabalhava e os respectivos estúdios. Faleceu em 15 de março de 2016, aos 71 anos de idade.

Foto 11 – Carlinhos de Almeida – à esquerda, segurando rádio e *walk-talk*. Estádio Morenão



Arquivo e Foto: Roberto Higa. [s.d.]. Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

2.3 Apelidos

A maioria dos sonoplastas de rádio em Campo Grande-MS se habituou a ser tratada por apelidos e não por seus nomes reais. Esse fenômeno, segundo os entrevistados nesta pesquisa, não significa um desmerecimento ou desagravo aos profissionais da sonoplastia. Seria apenas fruto do ambiente de humor e descontração que toma conta dos estúdios e da boa relação entre locutores e sonoplastas.

Foto 12 – Arthur Mário Medeiros de Ramalho, durante entrevista para esta pesquisa, estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS, em 4 de maio de 2016, por volta das 18 horas.



Fotos: Nélon Mandu, repórter-cinematográfico. Na segunda coluna da esquerda para a direita, terceira linha, aparece também o locutor Marcelo Nunes. (em pé). Na primeira linha da primeira coluna da esquerda para a direita, aparecem imagens de arquivo do lado externo da emissora.

Para o gerente Arthur Mário Medeiros de Ramalho⁹, o mesmo fenômeno também ocorre com outros profissionais dentro do veículo rádio, os quais são tratados por nomes artísticos. Os próprios locutores têm apelidos ou nomes artísticos. Segundo ele, isso não é uma característica exclusiva dos sonoplastas e nem do rádio local.

⁹ As citações a RAMALHO (2016) nesta dissertação referem-se à entrevista com Arthur Mário Medeiros de Ramalho, realizada nos estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS, em 4 de maio de 2016, por volta das 18 horas, registrada em áudio e vídeo, com imagens do repórter-cinematográfico Nélon Mandu. Tempo total 49'35''.

Há alguns comunicadores generosos que, de repente, puxam o sonoplasta a fazer algumas pontinhas, a participar de alguns programas. Mas, essa questão do apelido é interessante, porque, eu confesso que nunca parei para refletir sobre isso. Mas, como o comunicador no estúdio sempre recorre a algumas situações, algum bordão [...] ele precisa respirar, precisa pensar, então, ele interage com o sonoplasta e, assim, vão surgindo essas brincadeiras de colocar apelido. Eu me recordo que o saudoso Zé do Brejo (*Vítor dos Santos*), o grande humorista do rádio sertanejo, nas manhãs do rádio em Campo Grande, colocava apelido em todo sonoplasta que trabalhava com ele. Tinha o Jaburu, e aí trocava de operador, virava o Canguru. Ele pegava nomes de animais aqui do Pantanal e usava como apelido dos sonoplastas. Temos o “*Marrom*”, aqui na Rádio Cultura, que se eternizou com esse nome, é uma personalidade até da cidade, com esse apelido que ele ganhou aqui no estúdio da Rádio Cultura. Não é uma exclusividade dos sonoplastas e nem do rádio local. Essa tratativa carinhosa, porque não são apelidos depreciativos, eu também já percebi em emissoras do interior de São Paulo, do Paraná e até em São Paulo (*Capital*). Tem um personagem no Sistema Globo de Rádio em São Paulo, que se você falar o nome dele, poucos profissionais que trabalham com ele vão saber quem é o cara de quem você está falando. Se você falar sobre Mauro de Lima, num estádio em São Paulo, no mundo do rádio, em qualquer ambiente, as pessoas não vão saber de quem se trata. Agora, se você falar o apelido dele *Meto Bala*, aí todo mundo conhece ele no rádio brasileiro. Ele é operador técnico da rádio Globo de São Paulo e da rádio CBN. Ele coordena as transmissões externas das duas emissoras. *Meto Bala*, o Mauro de Lima, um dia me mostrou uma comenda que ele recebeu do seu Roberto Marinho, lá pelos anos 70, por uma atividade dele como técnico de externa, como técnico da rádio Globo, ou da Excelsior, que acabou virando CBN. Ele me mostrou num quadro, uma relíquia que ele tem, que ele recebeu por um feito como operador. Ele colocou microfone sem fio, na mesa de um juiz, num julgamento, num tribunal de São Paulo, em que a imprensa estava proibida de acompanhar, pois era em plena ditadura, no julgamento de Doca Street, o cara que assassinou Leila Diniz, a grande personalidade feminina do Brasil. E o *Meto Bala* conseguiu, antes do início do julgamento, colocar um microfone sem fio, que era raro na época. E a rádio Globo e a rádio Excelsior, numa outra sala, distante da sala de julgamento, reuniram todos os jornalistas, e todo mundo pôde acompanhar o julgamento. Foi mídia nacional a transmissão. E os repórteres dos jornais impressos puderam ter todos os detalhes do julgamento, por conta de um feito de um operador de áudio, um técnico, que, naquele caso, era o *Meto Bala*, mas, que, ninguém sabe que é o senhor Mauro de Lima (RAMALHO, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Nesse depoimento, alguns aspectos chamam a atenção. Primeiro, o fato de se considerar uma *generosidade* dos locutores deixar os sonoplastas fazerem uma *pontinha* (locução durante os programas). Segundo, que o artifício do uso de apelidos, é uma *brincadeira* dos locutores enquanto eles *respiram* (organizam seu raciocínio para dar sequência ao programa). Terceiro, que seria apenas uma *tratativa carinhosa*. E, por fim, que o gerente, o qual é também locutor, não havia, antes, refletido sobre esse assunto do uso de apelidos aos sonoplastas. E, por último, que não se trata de uma característica apenas dos sonoplastas e nem do rádio local.

Locutores também se tornaram conhecidos por apelidos. Essa ligação ao lado humorístico dos programas terminava sendo benéfica aos locutores, como Zé do Brejo (Vítor dos Santos) e Juca Ganso (Carlos Achucarro), os quais misturavam animação de programas sertanejos e humor. Mas, os sonoplastas sob a explicação de que se buscava a interação no estúdio e a interatividade com os ouvintes, eram o alvo das piadas dos locutores e até dos ouvintes, e os apelidos que lhes eram atribuídos ganhavam tom pejorativo ou de galhofa. O emprego desses apelidos, poucas vezes, visava enaltecer-los ou consagrá-los.

Também, pelo fato de Arthur Mário Medeiros de Ramalho ser um interessado em preservar as memórias do setor de rádio em Campo Grande-MS, perguntou-se ao gerente da Rádio Cultura AM-680 de Campo Grande-MS como ele interpretava o fato de, no arquivo com mais de 150 fotos, em comemoração aos 65 anos da emissora que dirige, terem sido mostradas apenas duas fotos de sonoplastas, os quais, ressalte-se, não apareceram em situações como protagonistas. O gerente respondeu:

Olha, é uma observação a ser levada em consideração. Isso é por conta dos profissionais de fotografia e a produção dos eventos retratados naquele arquivo pautarem apenas com mais intensidade o artista, o locutor, os eventos da emissora, as festividades, e por se tratar de uma atividade (*sonoplastia*) que, digamos, não é a linha de frente. Já o locutor, o comunicador, ele faz a linha de frente. A sonoplastia é a retaguarda. Então, nem sempre, essa visibilidade do sonoplasta foi registrada, né? Acho que é interessante a observação, até para que, no futuro, a gente possa corrigir essa distorção (RAMALHO, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Destaque-se neste depoimento o reconhecimento do gerente da ausência de protagonismo dos sonoplastas, aos quais ele atribui a condição de *retaguarda* e que esta poderia ser uma das causas de sua invisibilidade. E, também, quando se refere aos artistas, o gerente não inclui o sonoplasta entre eles.

Chama a atenção, ainda, o fato de que muitos locutores de rádio se tornaram políticos de destaque, em vários níveis de governo, mas, principalmente, vereadores e deputados, com reeleição para sucessivos mandatos, graças à popularidade alcançada pelo trabalho no rádio. O mesmo fenômeno, entretanto, não se verificou com aqueles que exerceram apenas a sonoplastia, ficando relegados a um segundo plano, ou, pelo menos, não assumindo um papel de protagonismo social, empresarial ou político.

Foto 13 – “Marrom” (em destaque) foi quem gravou os últimos programas de Juca Ganso



Fonte: CAMPOGRANDENEWS. 25/09/2015, 12h38min. *No dia do Rádio e de 65 anos de AM, programas de Juca Ganso vão para museu.* (Paula Maciulevicius). Foto: Fernando Antunes. Disponível em: <<http://goo.gl/MTcS0e>>. Acesso em: 22 de ago. 2016.

Marcos Antônio dos Santos “Marrom” não se incomoda de ser chamado apenas pelo apelido que o consagrou e não por seu nome ou sobrenome. Diz que esse apelido acabou virando uma marca de sucesso para ele e que até acabou sendo *incorporado* ao seu nome verdadeiro:

Não incomodou pra mim. Mas, todos, antes de eu entrar, já tinham apelidos. Tinha o Jaburu, Canguru, que o Zé do Brejo (**locutor**) colocava apelido em todo mundo. Já na rádio Educação Rural, foi o Wilson de Aquino (**locutor**) que começou a me chamar assim, Marcos Antônio “Marrom”, até hoje não saiu (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Ainda, sobre a ausência de protagonismo, perguntou-se também à sonoplasta Edna de Souza se ela conseguia se lembrar de algum fato marcante em que estivesse envolvido um sonoplasta, cujo episódio tivesse resultado em uma interferência significativa na vida ou nos rumos da cidade de Campo Grande-MS. Assim, a sonoplasta se manifestou:

Não me lembro. Eu só me lembro de fatos interessantes, pitorescos, de coisas que aconteceram dentro do rádio, em que eu tive sorte de saber fazer sonoplastia na época. Houve um sonoplasta, não vou citar o nome, que se irritou no meio da transmissão, largou a mesa e foi embora. Eu estava fazendo locução, plantão esportivo, e tive que assumir a mesa de sonoplastia. Era início de campeonato, e eu ainda não havia feito sonoplastia nessa competição. Então, eu não estava familiarizada com as vinhetas e com as sequências do

programa, com as trilhas, com as pastas onde as vinhetas estavam organizadas (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

Observe-se que os fatos mencionados pela sonoplasta referem-se aos limites de espaço dos estúdios das emissoras, ou respectivos ambientes de trabalho, mas não são externalizados, a ponto de poderem ser considerados como fatos relevantes que tenham mudado os rumos da cidade e da sociedade que nela vive, relacionam-se apenas à rotina interna de trabalho.

Entre os nomes que a fazem se lembrar como modelos ou ícones para a profissão de sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, Edna de Souza cita Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*” e Orlando dos Santos, com os quais teve oportunidade de trabalhar. A sonoplasta assim se recordou:

Orlando dos Santos. Um grande mestre da sonoplastia, do rádio, da TV, tanto em internas, quanto em externas. Ele era um técnico e não um simples sonoplasta. Assumiu até, em uma época, a direção técnica da FM canarinho, que, hoje, é a Mega 94,3, emissora na qual eu trabalho como programadora comercial e na parte administrativa. Na Rádio Cultura AM-680, eu fazia programação, ainda faço esporte e sonoplastia, fiz programa musical lá também. E o Orlando sempre esteve muito presente, aprendi muito com ele. Até por telefone, às vezes, ele me ensinava, ele tinha essa capacidade. Aqui tem um companheiro meu, o Márcio, que também aprendeu muito com o Orlando. Ele ensinou várias pessoas do meio; então, eu o considero um mestre (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

Evidencia-se, deste modo, o aprendizado pela prática e não pela educação no sistema formal de ensino. Os sonoplastas mais experientes ensinam a função aos novatos. Este ainda é o modelo de reposição de mão de obra para a sonoplastia local.

Ainda, discorrendo sobre apelido e protagonismo, Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, tem como fato marcante de sua carreira e como símbolo de sucesso de todo o tempo em que atuou no rádio campo-grandense, exatamente essa marca pessoal, o apelido que o consagrou:

Quando eu comecei em rádio, eu não ouvia rádio, nem prestava atenção em rádio. Depois, quando você começa a trabalhar, você começa a prestar atenção. Aí, na Rádio Educação Rural, mesmo eu trabalhando na Cultura, eu ouvia a Rural e conferia as outras rádios. Daí, tinha um operador de rádio, lá, na Rural, ele virou locutor de rádio e até já é falecido nos dias de hoje; naquele tempo, ele tinha o apelido de Professor Pardal. Então, quando eu comecei no rádio, de madrugada, eu pensava ‘será que algum dia, eu vou ser famoso igual a esse cara?’. Mas, a fama, quando você menos espera, ela acontece. Ela acontece na sua vida. Fica tranquilo, que ela vai acontecer pra você. Você que tá aí, que tá começando, é o seguinte: a proposta é essa – deixa que a vida te carregue,

deixa a vida te levar. Então, eu tava tranquilo, aqui, no rádio, em Campo Grande, pensando isso ‘como é que eu vou ser famoso?’. Aí, tudo foi encaminhado pelo destino, fui numa rádio no interior de São Paulo, na cidade de Lins, chegando lá, eu estava de aventureiro e me disseram ‘entra no estúdio, vai conhecer’. Assim que eu entrei, bem na hora, o locutor que tava animando lá, no estúdio, gritou ‘aí, Marrom, aí Marrom’. Quando voltei, fui contar isso na rádio Educação Rural, aí virei o Marrom, para largar mão de ficar falando as coisas que vê fora daqui, né? Aí, virei o “Marrom” e, hoje, no tempo em que eu entrei no rádio, fui o mais famoso de todos, na época, de todos os operadores que eu conheci (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*” assinala que se inspirou no sonoplasta, o qual, depois, virou locutor na Rádio Educação Rural, com o apelido de *Professor Pardal*. E que a história do seu próprio apelido, “*Marrom*”, começou em uma visita que fez a uma rádio de Lins-SP. E que o apelido, ganho quase que por acidente, talvez tenha sido o grande diferencial do seu sucesso e reconhecimento. E é, também, por conta do apelido que ele se consagrou como sonoplasta. A preocupação com o sucesso e com fazer carreira, talvez tornar-se locutor, é uma característica dos jovens sonoplastas em início de carreira. Mas, “*Marrom*”, que além de sonoplasta, é também locutor atualmente, diz que essa não era uma meta dele nos primeiros anos de trabalho em rádio.

Por sua vez, o gerente da Rádio Cultura AM-680, apesar de ser um entusiasta da preservação da memória do rádio campo-grandense, também tem dificuldades de se lembrar de fatos em que algum ato ou o resultado do trabalho do sonoplasta tenha provocado mudanças expressivas nos rumos ou no desenvolvimento da cidade. O que pode ser percebido pela entrevista, na seguinte passagem:

De memória, nos últimos anos, não. Porém, eu busco um momento passado que eu vivi. Eu estava numa cobertura, em 1992, na cidade de Ponta Porã, nós transmitíamos, pela rádio Difusora, o jogo entre Sociedade Esportiva Pontaporanense e Operário Futebol Clube. E foi um dia trágico, em que a torcida de Ponta Porã, incitada, e o clima não era bom para a realização daquela partida. Era Lei Zico ainda, não havia o Estatuto do Torcedor e os rigores, de agora, da Lei Pelé e tantas exigências. Então, naquela oportunidade, o trabalho do sonoplasta, operador de áudio, nosso querido Altair Roque, impactou, emocionou o mundo. Quando, à época, o editor de esportes da TV Morena, Carlos Voges, teve a sensibilidade de correr para a rádio Difusora e tentar pegar os áudios da transmissão que nós fazíamos e que culminou com uma entrevista do jornalista Gílson Giordano, o qual estava como repórter naquele dia. E, ao final do primeiro tempo do jogo, o Gílson, naquelas entrevistas de encerramento da primeira etapa da partida, perguntou ao Eduardo, lateral direito, camisa dois do Operário F. C. Era um jogador emprestado do Fernandópolis F. C., do interior de São Paulo, atleta que fazia já sua terceira partida de final de campeonato. Havia muita violência e pressão da torcida, e foi sobre isso que o Gílson perguntou ao jogador. Então, o Eduardo deu uma resposta bem assim ‘Olha, se isso aqui é futebol, hoje, eu estou encerrando a minha carreira’. E, com essas palavras ao microfone da

Difusora, o jogador profetizou o que aconteceria minutos seguintes, ao retornar do vestiário para o segundo tempo da partida, momento em que ele recebeu uma tijolada no peito e acabou falecendo, quando era conduzido já dentro de uma ambulância, no colo de um diretor de futebol do Operário, o ex-árbitro Lourival Ribeiro da Paixão, oficial da aeronáutica, experiente em prestar socorro. Antes que pudesse chegar ao hospital, o jogador faleceu no colo do diretor Lourival Ribeiro da Paixão, ainda dentro da ambulância. Então, em função da tragédia, aquela entrevista do Eduardo repercutiu em todo o mundo. Antes mesmo de nós voltarmos a Campo Grande, porque o Altair conseguiu editar aquele áudio, que foi aproveitado pela TV Morena e, imediatamente, virou matéria nacional e internacional. Jornalistas até de Tóquio buscaram uma cópia daquele áudio. Ou seja, da agilidade do trabalho como sonoplasta e a percepção da emissora coirmã do grupo Zahran, isso entrou para a história como um fato marcante no jornalismo e no radiojornalismo naquela oportunidade. Foi novembro de 1992. Ali, o operador de rádio Altair Roque mostrou uma competência imensa e uma sensibilidade maior ainda. Tanto que, posteriormente, foi promovido a coordenador de áudio e está, até hoje, na TV Morena (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

Uma tragédia no esporte, captada por meio de uma gravação de áudio de uma transmissão de uma partida de futebol, que resultou na morte de um jogador. A atuação do sonoplasta, nesse caso, virou mídia internacional, em grande parte, também, pelo valor-notícia do acontecimento, e menos, talvez, pelo reconhecimento da técnica e da habilidade do profissional de sonoplastia.

Também, o repórter-fotográfico Roberto Higa se manifestou sobre o papel do sonoplasta de rádio com agente de DL em Campo Grande-MS. Ele respondeu que não tinha dúvidas sobre essa condição do sonoplasta, ao expressar o seguinte pensamento na entrevista:

Agentes de Desenvolvimento Local são todos aqueles profissionais que, de uma forma ou de outra, contribuem, com seu trabalho, para a cidade, para o Estado e para o país. E o sonoplasta é um deles. Se não é o sonoplasta, como você vai ouvir o som do seu rádio, da sua televisão, seja lá de que meio for, na comodidade da sua casa, no seu carro, no seu trabalho e por aí afora (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Na condição de repórter-fotográfico, Roberto Higa conviveu no ambiente de rádio com sonoplastas em seus locais de trabalho, em estúdios e espaços de competições esportivas, por exemplo, na maioria das vezes, estádios de futebol. Ele declarou, ainda:

Eu sempre gostei de fotografar as pessoas que, também, na época, já eram famosas no rádio. Eu fotografei Juca Ganso trabalhando, fotografei Jonathan Barbosa, Aílton Guerra, Ramão Achucarro, Moura Brasil, seu Vicente do turfe. Então, são pessoas importantes que passaram em minha vida e que contribuíram muito com o desenvolvimento local e, de uma forma mais ampla, com o país (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Ressalte-se que, desses nomes mencionados por Higa, nenhum foi sonoplasta. Juca Ganso, Jonathan Barbosa, Moura Brasil e Vicente Ferreira foram locutores. Aílton Guerra foi gerente da Rádio Educação Rural AM-580 de Campo Grande-MS.

O repórter fotográfico Roberto Higa falou sobre o critério para selecionar quem deveria ser clicado ou merecer sua atenção. Disse que, no caso dos locutores de rádio, era porque eles eram considerados celebridades:

O locutor, sim. Eu sempre fotografiei repórter, jornalista de uma maneira geral, gente de rádio, porque eu sempre gostei de mostrar o ambiente de trabalho deles, ou o ambiente do trabalho que eu estivesse fazendo, do local onde eu me encontrava. Por exemplo, seu Godoy, que era da Rádio Cultura AM-680, fotografiei ele trabalhando na posse do governador Fragelli, em Cuiabá. Ele é mais um monte de gente da imprensa da época, Onésimo Filho, Antônio Carlos de Azambuja Dagher [**o Pastel**] (HIGA, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Ainda, enquanto buscava no seu arquivo, por gente do rádio, por sonoplastas que ele tivesse fotografado, Higa se lembrou de nomes de mais locutores, como seu Godoy, Onésimo Filho e Antônio Carlos de Azambuja Dagher. Mas, ainda não haviam aparecido os registros de sonoplastas.

Foi, então, que veio a descoberta. Embora não se possa considerá-lo como celebridade da sociedade campo-grandense, Carlinhos Jacaré, o *Queixada* ou *Bocão* é um ícone da sonoplastia de rádio e, no meio esportivo, era reconhecido pelos profissionais de imprensa e pelo público que frequentava o campo esportivo, em particular as competições de futebol e futsal realizadas em Campo Grande-MS.

Foto 14 – Carlinhos de Almeida. Desfile comemorativo na rua 14 de Julho, 2015



Foto e Arquivo: Roberto Higa. Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

Roberto Higa, inclusive, trabalhou durante onze anos, para conseguir terminar a montagem de um painel com milhares de fotos, só com profissionais de imprensa de todo o Estado de Mato Grosso do Sul. Enfrentando dificuldade para localizar um sonoplasta em meio ao imenso painel, com diversos profissionais de rádio, jornal, televisão etc., de épocas diferentes, foi tratando de tentar justificar por que não havia sonoplastas ali. Roberto Higa bradou:

Tem um! O *Bocão* tá ali! Tem também fotos de alguns cinegrafistas que não era comum aparecer. Além de outros como Pio Lopes, Jefferson Parra, Nelson Mandu [...] eu tenho registrado todo esse povo que passa pela nossa imprensa. Eu acho que a maior sacada que eu tive foi fazer a história da cidade e do Estado e até do país. E se não tivesse incluído ali esses profissionais, eu teria só metade da história (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Parte da história do rádio local, que pode ter sofrido um apagamento, ocorre por meio da atuação do sonoplasta, muito embora, não haja reconhecidamente de grandes ídolos ou celebridades entre eles. Assim, embasou-se nos fundamentos teóricos do DL, sobretudo, como forma a dar visibilidade para esses profissionais, os quais, como atores locais, tanto fizeram para o desenvolvimento do rádio e da Comunicação e, portanto, da cidade, mas, que não têm suas contribuições e seus nomes enaltecidos pelos relatos históricos e não são grafados nos estudos acadêmicos. Ficaram relegados à condição de coadjuvantes, como *gente da retaguarda*.

2.4 Questão de gênero

A questão de gênero precisa ser conceituada e relacionada aos profissionais da sonoplastia, bem como a sua inserção no DL. Para um conceito preliminar de gênero, subsidia-se da seguinte preleção:

A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência. Para Izquierdo, poderíamos nos referir aos gêneros como obras culturais, modelos de comportamento mutuamente excludentes cuja aplicação supõe o hiperdesenvolvimento de um número de potencialidades comuns aos humanos em detrimento de outras. Modelos que se impõem ditatorialmente às pessoas em função do seu sexo. Mas esta só seria uma aproximação superestrutural do fenômeno dos gêneros (CARLOTO, 2001, p. 201-2).

O conceito estrutural acima indica preliminarmente que, na intervenção conjunta dos dois gêneros, masculino e feminino, estes resultam da produção social existente, em particular, a reprodução das obras culturais, dos modelos de comportamento que pressupõem o hiperdesenvolvimento das potencialidades comuns dos seres humanos, o que indica que o conceito está intrinsecamente ligado ao aspecto cultural de cada sociedade dentro do seu tempo e do seu espaço.

Tem-se nas preleções da autora supracitada, em especial, no que tange à questão do hiperdesenvolvimento das potencialidades, que, de certa forma, a questão de gênero se manifesta na desigualdade de responsabilidades, de direitos, e, principalmente, pelo esquecimento ou afastamento em funções que podem ser exercidas por ambos os gêneros. Isto se confirma com a seguinte passagem:

A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma (CARLOTO, 2001, p. 202).

Relacionando sonoplastia e questão de gênero, perguntou-se à sonoplasta Edna de Souza sobre a participação feminina nesta função e por que ela é a única remanescente no rádio campo-grandense. Ela assim analisou as dificuldades e a pouca participação das mulheres na sonoplastia em Campo Grande-MS:

Eu não sei se é porque é mulher, mas, antigamente, não havia mulheres nessa função. Hoje, tem muitas (*Disc Jockeys*). Talvez, fosse porque ela não desenvolvia esse lado, não queria aprender, mas são poucas as mulheres, pelo menos que eu conheci, que faziam sonoplastia. Na verdade, eu conheci só uma sonoplasta, na década de 1980, que fez, na Educação Rural (**AM-580**). Estou tentando lembrar o nome dela, mas não estou conseguindo¹⁰. E, eu, por curiosidade, fui aprendendo também. Mas, tem uma divisão muito grande. É difícil você encontrar uma que faça só sonoplastia; normalmente, faz locução também. Se for só sonoplasta, não tem reconhecimento, não tem valorização. Mesmo se for um homem, não é reconhecido se fizer só sonoplastia. Então, não sei se é uma questão de gênero (SOUZA, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Percebe-se, pela opinião da entrevistada, que a *invisibilidade* ou o possível *apagamento* dos profissionais de sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS não são uma decorrência direta da questão de gênero, mas que o fato de ser mulher dificultava que elas exercessem a função. Edna chega a afirmar que, talvez, muitas mulheres não tenham se interessado por aprender a função.

O teor do depoimento de Edna de Souza, como a única sonoplasta do gênero feminino, confirma que se houvesse uma igualdade maior de gênero, isso se refletiria no DL, pela atuação da mulher, nos planos econômico e social, por meio do rádio, sobretudo.

¹⁰ A sonoplasta citada se chamava Marileide Rocha, esposa do falecido sonoplasta João Rocha. Ambos trabalharam na Educação Rural AM-580, na década de 1980. Ela não está mais na profissão. Não se conseguiu foto dela, nem da época em que trabalhava em rádio e nem dos dias atuais.

Foto 15 – Mário Lago, ator



[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://www.radioemrevista.com/historia/mario-lago/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

O rádio permitia exercícios de imaginação. Chegava com uma voz envolta de mistérios. Meninas davam aos galãs o tipo físico que elas gostariam. O jardim de que estavam falando era o jardim que a gente gostaria de ter; a casa era a de nossos sonhos, com as flores de nossa preferência. Tudo no rádio era nosso.

(Mário Lago, in. VELLOSO, Mônica. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997, citado por Valci Regina Mousquer Zucoloto. *No ar – a história da notícia de rádio no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 35).

3 PERCURSO DO RÁDIO

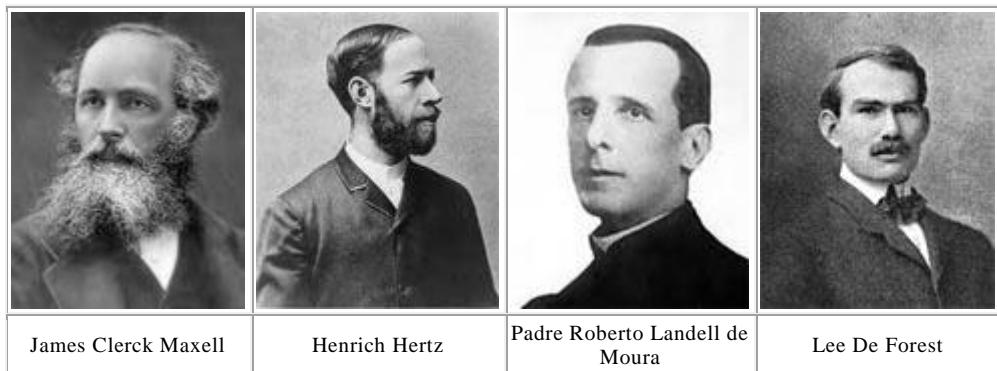
Neste capítulo, pretende-se apresentar parte da história do rádio, no mundo, no Brasil, em Mato Grosso do Sul e em Campo Grande-MS, de forma com que o rádio, visto como instrumento de informação, seja considerado veículo importante para o DL em larga escala, não apenas como meio de lazer, mas como motor da cultura, economia e da sociedade em geral.

3.1 O rádio no mundo e no Brasil

Para alguns, a mídia rádio pode ter sido considerada um milagre da inteligência humana, outros, seus detratores, viram-no como o triunfo do analfabetismo ou uma simples caixa de tocar música. Fato é que o rádio se consagrou como mídia, instrumento de comunicação e desenvolvimento.

Apresentam-se, a seguir, alguns personagens e eventos de realce na história do rádio. Da mesma maneira como não há consenso sobre a invenção do avião, cuja autoria se atribui ao brasileiro Alberto Santos Dumont, mas que é reivindicada pelos irmãos Wright, dos Estados Unidos, há divergências históricas sobre quem ou quando foi inventado o rádio. Além do cientista italiano Guglielmo Marconi (celebrado como *pai da radiodifusão*), também se atribui o ato histórico considerado como inaugural das transmissões de rádio, ao brasileiro Roberto Landell de Moura (padre Landell), nascido em 21 de janeiro de 1861, na cidade de Porto Alegre-RS. Entre 1893 e 1894, o padre afirmava já poder falar à distância, sem fios, e o teria demonstrado em São Paulo, fazendo uma transmissão a 8 km, com a presença de diversas testemunhas.

Foto 16 – Personagens da História do Rádio



Fonte: Hugo Bellard – MusikCity [s.a., s.d.].
Disponível em: <http://musikcity.mus.br/historia_do_radio.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Destaque-se, também, conforme Moreira (2005, p. 2), a frequente omissão da história às contribuições para as comunicações, em especial à radiodifusão, de Nikola Tesla, inventor sérvio, o qual:

[...] apesar de ter conseguido as primeiras patentes de rádio em 1900, três anos depois de encaminhar o pedido inicial, o cientista teve os seus direitos retirados pelo Departamento de Patentes dos Estados Unidos, que reviu decisões anteriores e transferiu para Guglielmo Marconi a autoria da invenção do rádio.

Segundo Moreira (2005, p. 1-9) essa *manobra* comercial que preteriu Tesla relacionou-se ao nascimento industrial do setor e ao incipiente funcionamento de órgãos reguladores estadunidenses. Sem contar a influência do cientista italiano que, à época, presidia a *Marconi Wireless Telegraph Company*, a qual, com ações nas Bolsas de Nova Iorque e Londres, foi a primeira a operar no setor de comunicação sem fio.

Divergências históricas à parte, elencam-se a seguir alguns registros cronológicos da história do rádio e fatos correlatos ligados às telecomunicações, dados como concretos, e que ajudam a compreender melhor o processo de evolução pelo qual passou a mídia rádio, que, por muito tempo, foi soberana como veículo de comunicação de massa:

1753 – Benjamim Franklin propôs o uso da eletricidade para a transmissão de mensagens à distância.

1844 – Samuel Morse criou o Código Morse, utilizado no telégrafo.

1863 – James Clerck Maxell, professor de Física Experimental, em Cambridge (Inglaterra), demonstrou teoricamente a existência de ondas eletromagnéticas.

1865 – Criou-se a União Internacional das Telecomunicações (UIT), responsável, em nível internacional, pela administração e coordenação das radiofrequências.

1876 – Alexander Graham Bell transformou vibrações da voz humana em som.

1877 – Thomas Alva Edson criou o fonógrafo, permitindo a gravação do som.

1887 – Henrich Rudolf Hertz, físico alemão, demonstrou o uso de ondas eletromagnéticas em transmissões radiofônicas, daí o termo *hertzianas*.

1888 – O cientista alemão Emil Berliner criou o gramofone, reproduzindo som a partir de um disco plano.

1892 – Foram iniciadas, pelo padre Roberto Landell de Moura, as primeiras experiências de radiodifusão no Brasil.

1893 – Roberto Landell de Moura, padre gaúcho de Porto Alegre, construiu e aperfeiçoou vários aparelhos importantes para as transmissões radiofônicas.

1896 – Até essa data, usava-se o telégrafo sem fio. Guglielmo Marconi, cientista italiano, criou a primeira companhia de rádio, em Londres (Inglaterra), iniciando a industrialização de equipamentos radiofônicos. Obteve a patente da radiotelegrafia.

1897 – Oliver Lodge inventou o circuito elétrico sintonizado, o que permitiu a seleção de frequências. Von Lieben, alemão, e Armstrong, estadunidense, amplificaram e produziram ondas eletromagnéticas, de forma contínua.

1899 – Marconi realizou a primeira transmissão de telégrafo sem fio.

1903 – O brasileiro Roberto Landell de Moura conseguiu patentear, nos Estados Unidos, três inventos seus: o transmissor de ondas (*hertzianas* ou *landellianas*), o telefone sem fio e o telégrafo sem fio.

1906 – O canadense Reginald Aubrey Fessenden fez a primeira transmissão de voz, sem o uso de fios.

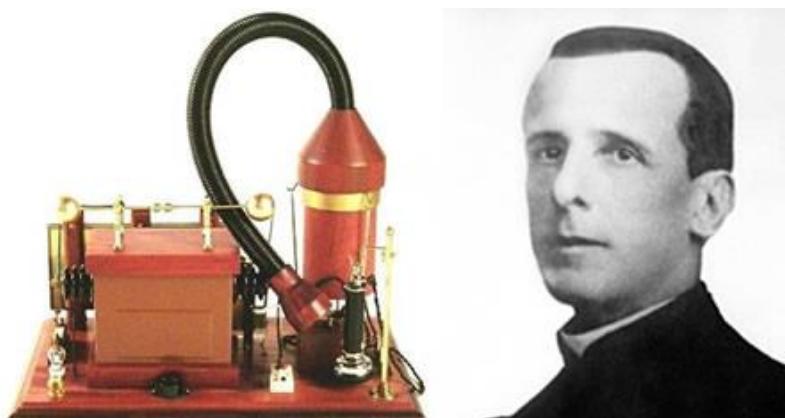
1907 – Lee De Forest criou e patenteou a válvula tríodo.

1909 – Marconi ganhou o Nobel de Física.

1912 – A KQW da Califórnia (EUA), precursora do veículo, iniciou transmissões regulares.

1916 – Lee De Forest instalou o primeiro estúdio-estação de radiodifusão, em Nova Iorque (EUA), transmitindo conferências e música de câmara.

Foto 17 – Padre Roberto Landell de Moura, inventor brasileiro de diversos aparelhos usados na transmissão de voz e ruídos



Fonte: Isadora Borghetti. *Foto*: [s.a., s.d.]. In: Modus Labjor. Disponível em: <<http://moduslabjor.tumblr.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

1919 – Iniciou-se a chamada *Era de Ouro* do rádio. Iniciaram-se as transmissões da emissora pioneira no Brasil, a Rádio Clube de Pernambuco, atual Rádio Clube 720 AM, de Recife.

1920 – Engenheiros da empresa Westinghouse, nos Estados Unidos, criaram o microfone, por meio da ampliação dos recursos do bocal do telefone. E colocaram no ar, em Pittsburgh (EUA), a primeira emissora comercial.

1921 – Os Estados Unidos contavam com 4 emissoras de rádio.

1922 – Os estadunidenses contavam com 382 emissoras. Foi realizada a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil. Discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil.

1923 – Edgard Roquete Pinto, considerado o *pai do rádio brasileiro*, fundou com Henry Morize, em 20 de abril, a primeira estação de rádio brasileira: *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, atual Rádio MEC.99,3 mHz FM e AM 800 kHz. Deste modo, surgiu o conceito de *rádio sociedade* ou *rádio clube*, no qual ouvintes associados contribuíam, mensalmente, para a manutenção da emissora.

1924 – Foi inaugurada a Rádio Sociedade da Bahia, AM-740 kHz, FM 102,5 mHz.

1925 – A Rádio Nacional do Rio de Janeiro, AM 1.130 kHz, OC 9.705 kHz, criou horários regulares para o jornalismo.

1930 – Com apoio de Getúlio Vargas, interessado em divulgar as questões de governo, o rádio se tornou popular.

1931 – Começou a era dos programas humorísticos.

1932 – Passou a vigorar o Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, considerado primeiro documento legal da radiodifusão brasileira, regulamentando o papel do governo na radiodifusão sonora e a publicidade no rádio. Até então, as emissoras recebiam permissão para operar, com base nas leis da radiotelegrafia.

1934 – Edgar Roquete pinto instalou a Rádio-Escola Municipal, AM-630 e atual FM 94,1, no Rio de Janeiro¹¹.

1935 – Com duração de uma hora diária, entrou no ar *A Hora do Brasil*.

1938 – O estadunidense ator e diretor de cinema Orson Welles criou pânico nos Estados Unidos, ao transmitir durante uma hora, em 30 de outubro, pela rede de rádio Columbia Broadcasting System (CBS), a novela *Guerra dos Mundos*, do escritor inglês Herbert George Welles. Interrompeu-se a programação musical para comunicar, em forma de *notícia extraordinária*, uma invasão de marcianos à cidade de Grover's Mill, no Estado de Nova Jersey. A radionovela narrava a chegada de naves extraterrestres, com centenas de marcianos. Acreditando tratar-se de uma notícia verdadeira, mais de um milhão de pessoas entraram em pânico, por todo o país, conforme relato de jornais da época.

Para confirmar a visão de cinema de Orson Welles, expõe-se o trecho da obra *Rádio e Pânico*, organizada por Eduardo Medistsh, nos seguintes termos:

Na noite de domingo, 30 de outubro de 1938, véspera do tradicional Dia das Bruxas nos Estados Unidos, a rede de rádio CBS transmitia o programa *The Mercury Theatre on the Air*, que semanalmente apresentava textos literários adaptados, sob a direção de um talentoso ator de 23 anos chamado Orson Welles. Naquela semana, o texto escolhido foi o romance de ficção científica *A Guerra dos Mundos*, escrito no final do século XIX pelo inglês G.G. Wells.

¹¹ Rosilâna Aparecida Dias. *A educação à distância em movimento*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp013417.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Por uma série de fatores, o programa teve audiência maior do que a normal. A qualidade da produção e um contexto histórico carregado de tensões levaram a um resultado explosivo: um em cada cinco ouvintes não notou que se tratava de obra de ficção, parte considerável do público acreditou que a Terra estava realmente sendo invadida por marcianos. Milhares abandonaram as suas casas tentando fugir das cidades. O pânico provocou acidentes em série, prejuízos incalculáveis e até tentativa de suicídio. A radiofonização de *A Guerra dos Mundos* foi repetida depois em diversos países, com resultados ainda mais catastróficos em alguns casos, como no Chile e no Equador, onde chegou a provocar mortes. Também aconteceu no Brasil. Em 1998, os pesquisadores de rádio reunidos na Intercom se mobilizaram para produzir o *Rádio e Pânico*, seu primeiro livro coletivo, em comemoração aos 60 anos do programa. A obra teve intensa repercussão na mídia e esgotou rapidamente. Para cobrir a lacuna e explicar melhor este fenômeno radiofônico, inicialmente previsto para durar apenas uma hora, mas que prolongou por décadas o seu alcance e segue desafiando a imaginação de profissionais, ouvintes e estudiosos da mídia 75 anos depois, o Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom produziu agora, com seu décimo oitavo livro coletivo, este *Rádio e Pânico 2* (MEDITSH, 2013, contracapa).

Foto 18 – Orson Welles, durante a transmissão



[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/UgWZfH>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

1940 – Surgiu o projeto *Universidade do Ar*, de São Paulo, iniciativa educativa do SESC e do SENAC.

1941 – Surgiu, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, prefixo ZYI 460 (AM) e ZYE 768 (OC, 31m), o programa Repórter Esso, com o *slogan* “Testemunha ocular da história”. *Em busca da Felicidade* foi apresentada a primeira radionovela, pela Rádio Nacional.

1942 – Foi ao ar, pela Rádio Tupi de São Paulo, 280 kHz e FM 96,5 mHz, o *Grande Jornal Falado Tupi*, marco no radiojornalismo brasileiro.

1945 – O aparecimento da televisão começou a transformar o conteúdo e o papel do rádio, o qual era, até então, o meio de massa eletrônico mais disponível no mundo¹².

1946 – Surgiram as fitas magnéticas, e o rádio ganhou mais agilidade, principalmente no jornalismo. “A Hora do Brasil” mudou de nome, passando a se chamar “A Voz do Brasil”, obrigatória para todas as emissoras do país.

1947 – Surgiram os transístores (retificadores de selênio), invenção de John Bardeen, Walter Brattain e William Schockley, que lhes garantiu o prêmio Nobel de Física (1957), o dispositivo permitiu a miniaturização do rádio, dando-lhe mais agilidade, para que pudesse ser ouvido a qualquer hora e em qualquer lugar. A UIT, agência especializada das Nações Unidas, já reunia 192 Estados-Membros e mais de 700 entidades ligadas ao setor de telecomunicações.

1950 – Ocorreu a inserção de *jingles*¹³, valorizando-se a publicidade. A rede Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateubriand, inaugurou a TV Tupi de São Paulo, pondo fim à *Era de Ouro* do rádio.

1954 – A Rádio Bandeirantes de São Paulo, AM-840 kHz, inovou ao transmitir notícias de um minuto, a cada intervalo de quinze minutos de programação, e, nas horas cheias, em boletins com duração de três minutos.

1959 – Criou-se o Movimento de Educação de Base (MEB), realizado pela Igreja Católica, no Nordeste, para educação formal e não formal, à distância, por meio de escolas radiofônicas.

1962 – Instituiu-se o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT), por meio da Lei nº 4.117/62, de 27 de agosto de 1962. Surgiu a Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert).

1963 – Por meio do Decreto nº 52.785, de 31 de outubro de 1963, estabeleceram-se regras para as licitações nas outorgas de radiodifusão.

¹² Fonte: Encyclopædia Britannica, Inc. Disponível em: <<http://goo.gl/w59Kk1>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

¹³ Mensagens publicitárias musicadas, que consistem no uso de estribilho simples e de curta duração, próprio para ser lembrado e cantarolado com facilidade. Muito utilizadas como tema em campanhas políticas. No passado, eram gravadas em discos de acetato. *Nota do autor*.

1967 – Pelo Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, mudou-se o Código Brasileiro de Telecomunicações, criando-se as rádios e televisões educativas, sem caráter comercial, vedando-se lhes a transmissão de qualquer propaganda. Criou-se a Fundação Padre Anchieta, Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativa.

1970 – Iniciou-se a interligação de emissoras em rede, via satélite. A Rádio Difusora de São Paulo, 96,5 mHz, foi a primeira emissora a utilizar exclusivamente as ondas da Frequência Modulada (FM). Criou-se o Sistema de Radiodifusão Educativa (SRE) do Ministério da Educação e Cultura. Iniciaram-se as transmissões dos programas de rádio e TV do Projeto Minerva (1970-1989), com a finalidade de educar tecnicamente as pessoas adultas. Todas as emissoras do país foram obrigadas a transmitir esses programas, veiculados via Embratel, durante cinco horas semanais, com trinta minutos diários, de segunda a sexta-feira, e uma hora e quinze minutos, aos sábados e domingos. No rádio, o projeto Minerva costumava ser veiculado após *A Hora do Brasil*.

1971 – Iniciou-se o Movimento das Rádios Livres, com a Rádio Paranoica, de Vitória-ES. O objetivo era fortalecer os movimentos sociais e quebrar os monopólios de radiodifusão.

1972 – Criou-se o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), responsável por integrar e coordenar as atividades didáticas e educativas do Sistema de Ensino a Distância, efetivado pelo MEC.

1976 – O governo central, militar, criou a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobrás).

1978 – Pela Lei nº 6.615, de 16 de dezembro de 1978, regulou-se a profissão de radialista.

1979 – Pelo Decreto-Lei nº 84.134, de 30 de outubro de 1979, regulamentou-se a Lei nº 6.615.

1980 – Estabeleceu-se que outorgas para pessoas jurídicas de direito público interno (Estados e Municípios) passassem a ser feitas mediante autorização. Criou-se a necessidade de licitação. Iniciou-se a segmentação e diversificação do público. A Rádio Mulher (que fora inaugurada em 1969) foi pioneira na programação voltada especialmente ao gênero feminino. Iniciou-se um avanço das igrejas, especialmente as evangélicas, que passaram a alugar horários nas rádios e, posteriormente, a comprar emissoras por todo o país.

1989 – A Rádio Bandeirantes-AM de São Paulo foi a primeira a usar satélite para a transmissão de radiojornal. A Rede Bandeirantes de Rádio passou a operar um canal de satélite próprio.

1990 – O bispo Edir Macedo adquiriu a rede Record de TV.

1991 – Entrou no ar a CBN, do Sistema Globo de Rádio, com o formato *jornalismo 24 horas*. O modelo perdura até os dias atuais.

1994 – O Brasil se tornou signatário da Declaração de Chapultepec, carta de princípios éticos para o setor de radiodifusão, assinada no México.

1995 – Editou-se a Emenda Constitucional nº 8, de 15 de agosto de 1995. Até então, as telecomunicações e a radiodifusão eram tratadas da mesma forma. A internet comercial chegou ao Brasil, propiciando a criação de *webrádios*, emissoras que funcionam apenas no ambiente virtual.

1996 – Criou-se a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias.

1997 – Editou-se a Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997, Lei Geral de Telecomunicações (LGT), disciplinando os serviços de telecomunicações e criando a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), responsável por elaborar, administrar e manter os Planos Básicos de Distribuição de Canais (radiofrequências). Criaram-se dois modelos de outorga dos serviços de radiodifusão: *permissão* (serviço radiofônico de caráter local, de responsabilidade do Ministério das Comunicações) e *concessão* (serviço de caráter regional, de responsabilidade do Presidente da República).

1998 – Pela Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, instituiu-se o Serviço de Radiodifusão Comunitária (RadCom), regulamentado pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

2005 – Foram autorizadas pela Anatel as primeiras transmissões experimentais de sinais digitais em radiodifusão sonora.

2006 – O Brasil ratificou seu compromisso internacional relativo à ética do setor de radiodifusão.

2008 – Pela Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008, a Radiobrás se transformou em Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), esta que ficou responsável pela *Voz do Brasil*.

2009 – O Supremo Tribunal Federal decidiu pelo fim da obrigatoriedade de diploma para o exercício profissional de jornalista, sob alegação de que tal exigência impedia a liberdade de expressão, prevista na Constituição Federal de 1988. Muitos dos jornalistas não diplomados são oriundos do rádio.

2010 – Pela primeira vez, quebrou-se a obrigatoriedade de retransmitir a *A Voz do Brasil* em horário único. O Senado flexibilizou o horário de transmissão.

2011 – A 6ª Vara da Justiça Federal de Brasília, por meio de Liminar, autorizou emissoras a transmitirem o jogo Brasil x França, no lugar de *A Voz do Brasil*.

2011 – O Ministério das Comunicações lançou o Plano Nacional de Outorgas para Radiodifusão (PNO), universalizando o serviço.

2015 – Foi assinada pela Anatel a Portaria nº 6.467, de 24 de novembro de 2015, que estabeleceu valores de migração das rádios AM para a faixa de FM.

2016 – Realizou-se em Campinas-SP, no dia 27 de julho, a exposição *Os 100 anos do rádio no mundo*¹⁴, contando a história de 1900 a 2016.

Mas, o rádio não vive só do sistema formal. A própria sociedade busca alternativas de se comunicar por meio das ondas sonoras, inventando sistemas de radiodifusão a cabo, rádio-corneta, serviços de alto-falantes, rádio favela, rádio-poste, rádios alternativas de linhas moduladas, que, também, dão sua contribuição ao desenvolvimento do país, por meio da valorização dos assuntos e da cultura local.

Hoje em dia, com a convergência midiática, o rádio está presente em diversos aparelhos e formatos, como carros, celulares, relógios, MP3, MP4, tablet, notebook, TV etc. O veículo rádio não deixou de provocar fascínio, não perdeu sua magia, nem sua agilidade e seu poder de divertimento, informação e formação de opinião, ou seja, mantém, inclusive, o seu poder político, o que faz dele um veículo moderno e indispensável. No mister de transmitir informações em tempo real, é uma mídia que ainda ocupa lugar de destaque.

¹⁴ *Campinas Shopping recebe exposição sobre a história do rádio*. Publicada em 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/Ofgc5y>>. Acesso em: 4 set. 2016.

Foto 19 – Convergência Midiática



Fonte: Andye Buckingham/Flickr [s.d.]. *Especial Dia do Rádio 4: como fica a questão da convergência?* Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/grandes-classicos/edicao/2014-02/especial-dia-do-radio-4>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Diversos autores reconhecem esse poder do rádio. Entre eles, Pierre Nora (1976), o qual é enfático ao defender que a interpretação de alguns fenômenos históricos depende diretamente do rádio e cita como exemplo o período entre-guerras e a Segunda Guerra Mundial, cuja informação só podia ser percebida, auditivamente, por meio dessa mídia.

Uma certa época da história contemporânea começa com as conversas democráticas inauguradas por Roosevelt, com os discursos fulminantes de Nuremberg, que a televisão, no estrangeiro, talvez tivesse matado pelo ridículo ou pela certeza de suas consequências (NORA, 1976, 182).

Tratando especificamente do rádio no Brasil, Zucoloto (2012) divide a trajetória em seis fases, Quadro 4, as quais demonstram o percurso da mídia no país e como este meio impactou o desenvolvimento cultural, econômico e social da nação, além da transformação pela qual o veículo passou com presença e convergência de outras mídias. Cada uma dessas fases é resumida no quadro que segue:

Quadro 4 – História do rádio brasileiro contada em fases

1ª Fase – Rádio Pioneiro	Estendeu-se do advento do rádio, em 1922, a meados da década de 30. Período de surgimento e implantação do meio no Brasil. A transmissão pioneira foi realizada na Exposição do Centenário da Independência,
---------------------------------	--

	<p>no Rio de Janeiro. O rádio foi uma das atrações; apresentado como uma grande novidade tecnológica, com a finalidade de ajudar a amenizar o clima de tensão política do país. A primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto, só entrou no ar, no ano seguinte, em 20 de abril de 1923. Nessa fase, o rádio se caracterizava como veículo de transmissão elitista. Período de construção do rádio que se observava com a compreensão de que uma nova mídia adquiria sua linguagem própria, não de forma espontânea, mas operando uma metamorfose gradual, a partir dos meios já existentes.</p>
2ª Fase – Era de Ouro	Iniciou-se por volta de 1935 e se encerrou em torno de 1955, com o desenvolvimento da televisão no Brasil. A fase incluiu a chamada <i>Época de Ouro</i> do rádio brasileiro, que atingiu seu apogeu no final dos anos 1940 e na década de 1950. Esta é a época do <i>rádio espetáculo</i> , com programas de auditório, musicais, radionovelas, num padrão de radiofonia <i>broadcast</i> ao estilo estadunidense. Surgiu o marco definitivo do jornalismo radiofônico brasileiro – <i>O Repórter Eso</i> .
3ª Fase – Rádio em tempos de Televisão	Começou na metade dos anos 1950 e se estendeu por todos os anos 60. O rádio passou a sofrer realmente o impacto da televisão, e os mais pessimistas decretaram sua morte, apontando-o como obsoleto. O veículo sofreu mesmo um declínio, mas não se concretizaram as previsões negativas. O rádio passou de um veículo do espetáculo, para um vitrolão que se limitava a tocar discos na maior parte de sua programação e na maioria das emissoras. O avanço tecnológico, com novidades como transístor e vários outros equipamentos eletrônicos, constituiu-se num dos aspectos históricos que mais influiu na sua trajetória neste período.
4ª Fase – Desenvolvimento da FM e novo impulso ao radiojornalismo	Compreendeu as décadas de 1970 e 80. Período de incremento do jornalismo, da prestação de serviços, da segmentação e do desenvolvimento das FM. Estas, por sua melhor qualidade sonora, passaram a ser preferidas para o rádio musical. Consagrou-se uma programação no formato <i>all news</i> , e houve formação de grandes redes permanentes.
5ª Fase – Fim da hegemonia Eso: vários modelos em uma nova notícia	Período que compreendeu os anos 1990. O rádio começou a se digitalizar, passou a sofrer impacto das novas tecnologias e da

<i>de rádio</i>	globalização do final do século 20. Desenvolveram-se os modelos <i>all news</i> e <i>talk and news</i> . As emissoras de FM passaram também a fazer jornalismo.
6ª Fase – No ar e na WEB, outra invenção do radiojornalismo.	Abarcou os anos 2000 e a atualidade. Com muita polêmica, discute-se o padrão digital de transmissão. O cenário muda com o surgimento do celular. Surge o livre acesso ao uso da WEB para a implantação de emissoras de rádio exclusivas na internet, ou, para, simplesmente, transmissão de informações ou produções em áudio. Previsões de morte da mídia voltaram ao cenário. Mas, ao contrário, surgiu um novo formato de rádio, a partir da convergência multimídia, que permitiu avançar na captação, investigação, reflexão, interatividade, em novos e mais modelos e formatos, experimentação criativa, ofertas de programação e serviços.

Fonte: Zucoloto, 2012, p. 27-8. Elaboração do autor.

O rádio manteve sua hegemonia como veículo de comunicação de massa no Brasil, até 1950. Com a chegada da televisão, teve que se reinventar, tanto em tecnologia, quanto em sua linguagem. A chegada das FM (emissoras que operam em Frequência Modulada), o uso da *web* e a possibilidade de se tornar digital foram indicadores das mudanças pelas quais o meio passou.

Ainda, nos dias atuais, é importante, também, conhecer como se distribuem as ondas do rádio no Brasil. De acordo com o Ministério das Comunicações, os serviços de radiodifusão comercial no Brasil podem ser: I) serviço de radiodifusão de sons em ondas médias (OM); II) serviço de radiodifusão de sons em ondas curtas (OC); III) serviço de radiodifusão de sons em ondas tropicais (OT); IV) serviço de radiodifusão de sons em frequência modulada (FM); e V) serviço de radiodifusão de sons e imagens (TV).

Por meio de dados disponibilizados pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Tabela 1, indicadores de Radiodifusão no Brasil, de 2012 a 2014¹⁵, sabe-se que este é o panorama quantitativo dos serviços de radiodifusão no Brasil:

¹⁵ Indicadores da Radiodifusão no Brasil 2012-2015. Fonte: Anatel. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/index.php/2015-02-04-18-43-59>>. Acesso em: 5 out. 2016. Essa agência não disponibilizou dados mais atualizados até o fechamento da pesquisa.

Tabela 1 – Indicadores da Radiodifusão no Brasil, 2012-2015

RADIODIFUSÃO	UNIDADE	Ano 2012	Ano 2013	Ano 2014	Ano 2015
Geradores de TV	Estação	519	541	542	541
Retransmissora de TV	Estação	10.471	10.513	11.308	12.595
Rádios FM	Estação	3.162	3.180	3.208	3.222
Rádios OM	Estação	1.783	1.781	1.781	1.781
Rádios OC	Estação	66	66	62	61
Rádios OT	Estação	74	74	73	73
Rádios Comunitárias	Estação	4.514	4.613	4.650	4.727

Fonte: Anatel. Tabela elaborada pelo autor.

Observe-se a superioridade numérica das retransmissoras em comparação às geradoras de TV. Isso representa mais comunicação em rede e menos produção local ou regional; maior monopólio e concentração de domínio sobre a informação. No rádio, o que se observa é uma diminuição de emissoras de Ondas Médias (OM), Ondas Curtas (OC) e Ondas Tropicais (OT), mas um aumento das FM (Frequência Modulada) e das rádios comunitárias (RadCom). Com potência máxima de transmissão de 25 watts e alcance limitado a 1 km, as comunitárias não têm fins lucrativos e, por atuar em pequenas comunidades, deveriam valorizar a informação e a cultura local. A comunicação local deveria ganhar força; todavia, a maioria tem assumido características de rádios comerciais comuns, desviando-se do propósito para o qual foram criadas.

Para entender tecnicamente as diferenças entre as modalidades de serviços de radiodifusão no país, apresenta-se o Quadro 5, dos serviços de Radiodifusão no Brasil, classificados em 08 (oito) categorias, conforme informações disponibilizadas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel):

Quadro 5 – Classificação dos serviços de Radiodifusão no Brasil

Televisão (TV) – é a modalidade de serviço de radiodifusão destinado à transmissão de sons e imagens, por ondas radioelétricas. A televisão digital é a tecnologia que utiliza transmissão, recepção e processamento digitais, podendo exibir programas por meio de equipamento digital ou de aparelho analógico acoplado a uma Unidade Receptora Decodificadora (URD).
Frequência Modulada (FM) – é a modalidade de serviço de radiodifusão sonora que opera na faixa de 87,8 MHz a 108 MHz, com modulação em frequência.

Radiodifusão Comunitária (RadCom) – é a modalidade de serviço de radiodifusão sonora em Frequência Modulada operado em baixa potência e com cobertura restrita, outorgado a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.
Onda Média (OM) – é a modalidade de serviço de radiodifusão sonora que opera nas faixas de 525 KHz. a 1.605 KHz e 1.605 KHz a 1.705 KHz, com modulação em amplitude.
Onda Curta (OC) – é a modalidade de serviço de radiodifusão sonora que opera nas faixas de 5.950 kHz a 6.200 kHz, 9.500 kHz a 9.775 kHz, 11.700 kHz a 11.975 kHz, 15.100 kHz a 15.450 kHz, 17.700 kHz a 17.900 kHz, 21.450 kHz a 21.750 kHz e 25.600 kHz a 26.100 kHz, com modulação em amplitude.
Onda Tropical (OT) – é a modalidade de serviço de radiodifusão sonora que opera nas faixas de 2.300 kHz a 2.495 kHz, 3.200 kHz a 3.400 kHz, 4.750 kHz a 4.995 kHz e 5.005 kHz a 5.060 kHz, com modulação em amplitude.
<p>Ancilares de TV</p> <ul style="list-style-type: none"> - Retransmissão de Televisão (RTV) – é a modalidade de serviço destinado a retransmitir, de forma simultânea, os sinais de estação geradora de televisão para a recepção livre e gratuita pelo público em geral. - Repetição de TV – é a modalidade de serviço destinado ao transporte de sinais de sons e imagens oriundos de uma estação geradora de televisão para estações repetidoras ou retransmissoras ou, ainda, para outra estação geradora de televisão, cuja programação pertença à mesma rede.
Serviços Auxiliares de Radiodifusão e Correlatos (SARC) – são aqueles executados pelas concessionárias ou permissionárias de serviços de radiodifusão para realizar reportagens externas, ligações entre estúdios e transmissores das estações, utilizando inclusive transceptores portáteis. São considerados correlatos ao serviço auxiliar de radiodifusão os enlaces-rádio destinados a apoiar a execução dos serviços de radiodifusão, tais como comunicação de ordens internas, telecomando e telemedição.

Fonte: Anatel. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/setorregulado/index.php/servicos-de-radiodifusao>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

Os serviços anciliares e auxiliares de radiodifusão [I. serviço de retransmissão de TV (RTV); II. serviço de repetição de TV (Rptv); e III. serviço auxiliar (SARC)] são gerenciados pela Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica.

Note-se que o Quadro 5, acima, relaciona a tecnologia digital apenas para os serviços de televisão, sem articulá-la com o setor de rádio. Essa tecnologia proporcionaria a oferta múltipla de programações e maior interatividade. Entretanto, o acesso a esse mundo digital e seus recursos parece distante de se tornar realidade no Brasil.

Ao se buscar no sítio da Biblioteca Digital¹⁶ da Anatel, pelo assunto *sonoplastia* ou *sonoplasta*, ligando-se ao Estado de Mato Grosso do Sul, **nenhum registro foi encontrado**. Já, para o termo rádio, são sete os registros, a maioria deles, documentos legais, como códigos, decretos, estatutos e normas. Porém, ressalte-se a disponibilização do livro *Radiodifusão 1922 – 1972: meio século a serviço da integração nacional*, de autoria de Saint-Clair Lopes, publicado pela Abert do Rio de Janeiro, em 1972.

Tem-se evidenciada, no contexto da realidade pesquisada, a tendência de se dar projeção às normas e leis, às técnicas e ao meio, em detrimento dos profissionais que o executam diariamente e constroem sua história. Caracterizam-se, também, deste modo, o apagamento e a invisibilidade dos sonoplastas, pelas fontes documentais.

3.2 O rádio em Mato Grosso do Sul e Campo Grande

A história do rádio em Mato Grosso do Sul começa no antigo Estado de Mato Grosso se confunde com a história do Rádio Clube de Campo Grande-MS, cuja inauguração se deu em 25 de dezembro de 1924. Um grupo de pessoas se reuniu na Avenida Afonso Pena, a fim de criar um centro de encontro, local em que amigos pudessem ouvir rádio, novidade recente no Brasil da época e cujo aparelho receptor não era popular e nem acessível.

Foto 20 – Rádio Clube MS



[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://www.radioclube.org.br/historia/#.V6xvsfkrLIU>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

¹⁶ Biblioteca Digital da Anatel. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/biblioteca/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Nessa retrospectiva, registre-se a afirmação de Diego Abelino José Máximo Moreira, em seu artigo *O começo do rádio no antigo sul de Mato Grosso: instalação das primeiras empresas e seus objetivos (1930-1970)*, de que a primeira emissora de rádio em Campo Grande-MS, PRI-7 (Rádio Difusora) foi inaugurada em 1939. A pioneira nasceu com o nome de *Sociedade Rádio Difusora de Campo Grande Limitada*, mais precisamente, em 26 de agosto de 1939. A cidade contava, então, com 35 mil habitantes, quando o mundo estava a quatro dias do início oficial da Segunda Guerra Mundial. Na Junta Comercial do Estado, figuraram os nomes de Pedro Marinho de Mello e Pedro Marinho de Mello Júnior como sendo os responsáveis pelo registro da empresa, num tabelionato carioca; a emissora campo-grandense passaria a operar a partir de 26 de agosto de 1939, data do quadragésimo aniversário de fundação da cidade de Campo Grande e vinte anos após a instalação da primeira emissora de rádio no país.

Foto 21 – Difusora Pantanal AM-1.240

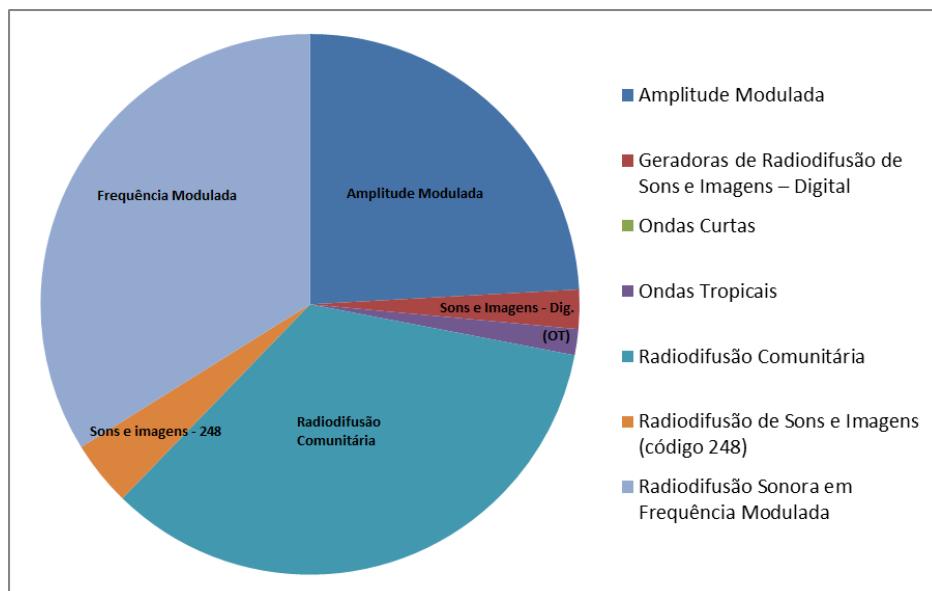


[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://www.difusorapantanal.com.br/historia-da-radio/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Atualmente, em conformidade com a vigente Lei Geral de Telecomunicações do Brasil (Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997), entende-se por Radiodifusão o serviço de telecomunicações que permite a transmissão de sons (radiodifusão sonora) ou a transmissão de sons e imagens (televisão), destinados ao recebimento direto e livre pelo público. Por meio dos gráficos a seguir, de número 6, 7 e 8, serão expostos os dados relativos aos pedidos de outorga para os diversos serviços de radiodifusão, correlacionados à possibilidade de atuação do sonoplasta de rádio, para que se possa dimensionar o mercado de trabalho em que esse profissional pode ser aproveitado. Constatase, por exemplo, por meio do Gráfico 6, abaixo, o relativo predomínio de pedidos para operação de emissoras de

radiodifusão comunitária e das emissoras em Frequência Modulada.

Gráfico 6 – Pedidos de outorga para serviços de Radiodifusão – MS

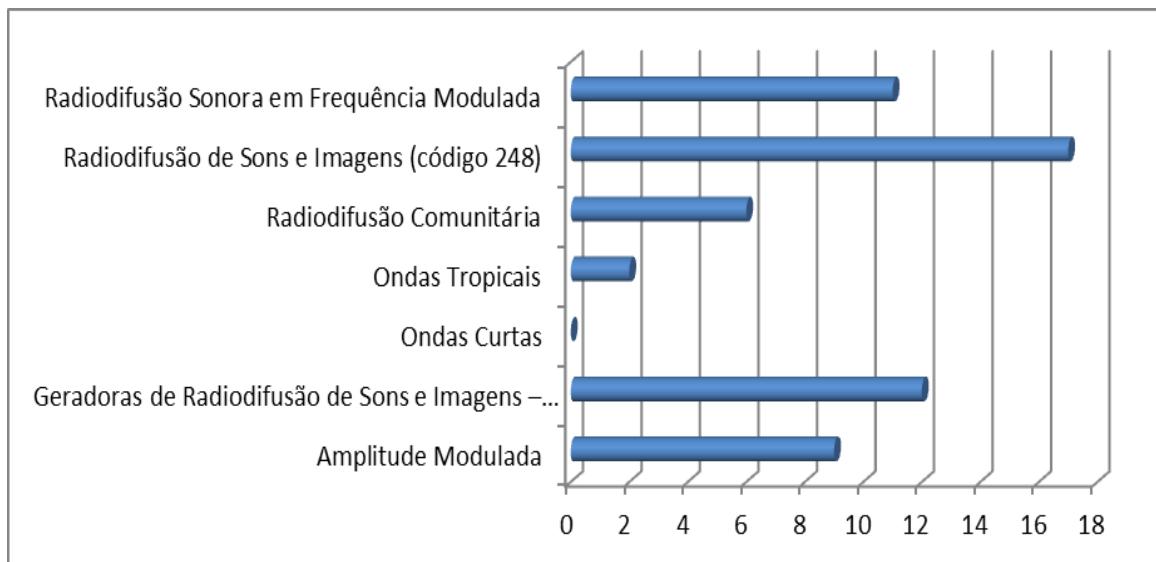


Fonte: Anatel (2016). Elaborado pelo autor.

Depreende-se destas informações uma valorização para a comunicação local e regional, devido a sua inserção num espaço e num território menor, quando se trata de emissoras convencionais. Caráter que se perde, quando essas emissoras passam a ser retransmitidas pela internet (*webrádios*).

Por meio do Gráfico 7, tomando-se por base informações extraídas da Superintendência de Serviços de Comunicação de Massa, da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), evidencia-se o número de pedidos de empresas para exploração dos diversos serviços de radiodifusão na Capital do Estado.

Gráfico 7 – Pedidos de outorga para serviços de Radiodifusão – Campo Grande-MS

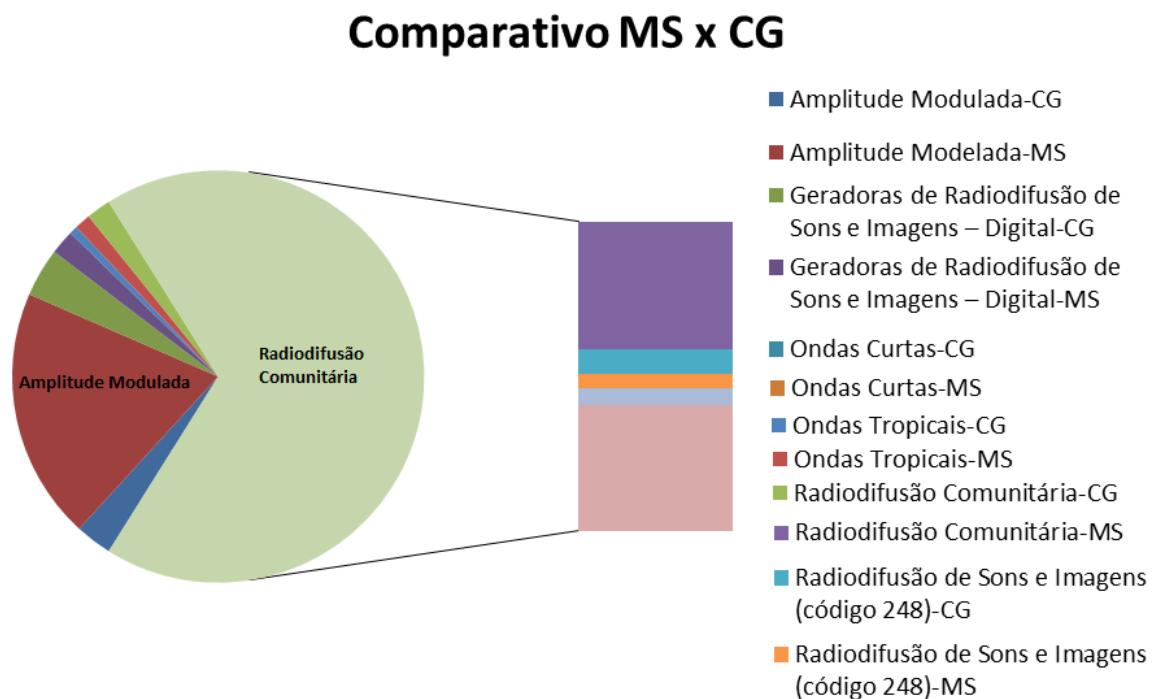


Fonte: Anatel (2016). Elaborado pelo autor.

Este Gráfico 7 demonstra a relação entre o quantitativo de pedidos de outorgas para serviços de radiodifusão e o tipo de serviço a ser explorado. Verifica-se que desponta o serviço de Sons e Imagens (código 248), uma solicitação mais voltada à instalação e utilização de equipamentos de TV Pública Digital, na qual, por força da convergência midiática, o rádio se mostra um instrumento de comunicação e lazer, mas, sobretudo um instrumento de integração que viabiliza o desenvolvimento local, por sua abrangência e capacidade de levar aos mais distantes rincões, possibilitando uma igualdade social e de compartilhamento de informações. Na sequência, também, aparecem os pedidos para funcionamento de emissoras em Frequência Modulada (FM), as quais proporcionam melhor qualidade de som.

Por meio do Gráfico 8, abaixo, busca-se estabelecer um comparativo, por modalidade, entre os pedidos de outorga das empresas e outras instituições para exploração dos serviços de radiodifusão em todo o Estado e na Capital. Ressalte-se que o território em foco é Campo Grande-MS, área de atuação dos sonoplastas estudados.

Gráfico 8 – Comparativo pedidos de outorga, por modalidade, Radiodifusão MS versus CG



Fonte: Anatel (2016). Elaborado pelo autor.

Neste Gráfico 8, estabelece-se um comparativo, por modalidade, entre o número de pedidos de outorga para Campo Grande-MS e para o restante do Estado. Verifica-se, principalmente, que, prevalecem os pedidos para exploração dos serviços de radiodifusão comunitária (94, sendo seis da capital e 88 do interior do estado). Em Campo Grande, as FM predominam, seguidas pelas emissoras de OM.

Os números absolutos são estes, expressos no Quadro 6:

Quadro 6 – Comparativo pedidos de outorga Radiodifusão MS versus CG

SERVIÇO DE RADIODIFUSÃO	CAMPO GRANDE (Capital)	MATO GROSSO DO SUL (Interior)	TOTAL
Amplitude Modulada	9	62	71
Geradoras de Radiodifusão de Sons e Imagens – Digital	12	6	18
Ondas Curtas	0	0	0
Ondas Tropicais	2	4	6
Radiodifusão Comunitária	6	88	94
Radiodifusão de Sons e Imagens (código 248)	17	10	27
Radiodifusão Sonora em Frequência Modulada	11	87	98
Totais	57	257	314

Fonte: Anatel (2016). Elaborado pelo autor.

Conforme o Sistema de Informação dos Serviços de Comunicação de Massa (SISCOM)¹⁷, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), consultado em 16 de agosto de 2016, existiam 62 (sessenta e duas) emissoras com registro de pedido de outorga para exploração dos serviços de radiodifusão sonora em Onda Média (OM) no Estado de Mato Grosso do Sul. Dessas, conforme Tabela 2, nove estavam localizadas em Campo Grande-MS. Esses dados ajudam na compreensão da dimensão do mercado de trabalho para os sonoplastas nos dias atuais. Foram selecionadas para a amostragem apenas as empresas nas quais o sonoplasta possa atuar de acordo com sua função. Deixando-se de considerar os demais tipos de empresas, ou seja, não radiofônicas ou que exigissem do sonoplasta a mudança funcional.

Tabela 2 – Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de radiodifusão sonora em Onda Média (OM)

Serviço: 205 (Radiodifusão Sonora em Onda Média)

Localidade da Outorga: Campo Grande-MS

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Ind.	Freq. (kHz)	Pot. PBOM (kW)
CAMY TELECOMUNICAÇÕES LTDA.	(N)				800	10
EMPRESA DE RADIODIFUSÃO CAMPOGRANDENSE LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA 26 DE AGOSTO, 1.932, - SALAS 72/74	ZYN606	1120	25
EMPRESA DE RADIODIFUSÃO CAMPOGRANDENSE LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA 26 DE AGOSTO, 1.932, - SALAS 72/74	ZYN606	1120	25
RÁDIO CULTURA DE CAMPO GRANDE LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. FELINTO MÜLLER, 59	ZYI389	680	10
RÁDIO EDUCAÇÃO RURAL LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. MATO GROSSO, 530	ZYI387	580	25
RADIOSUL EMISSORAS INTEGRADAS LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA ANCHIETA - ACESSO AO PARATI, 871	ZYI454	930	10
REDE MS INTEGRACAO DE RADIO E TELEVISAO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA AMANDO DE OLIVEIRA, 135	ZYN603	630	10
SOCIEDADE CAMPOGRANDENSE DE RADIODIFUSÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA 26 DE AGOSTO, 384, SALAS 72/74	ZYN602	1180	10
SOCIEDADE RÁDIO DIFUSORA CAMPO GRANDE LTDA. EPP	(S)	Campo Grande-MS	RUA 15 DE NOVEMBRO, 2.649	ZYI388	1240	5

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborada pelo autor.

¹⁷ Fonte: SISCOM. Disponível em: <<http://goo.gl/BqiY1X>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

Em Ondas Curtas (OC), nenhum pedido foi registrado. Já, para Ondas Tropicais (OT), houve quatro registros, sendo duas emissoras da capital, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Empresas com pedido de outorga para exploração em Campo Grande-MS, de radiodifusão sonora em Onda Tropical (OT)

Serviço: 221 (Radiodifusão Sonora em Onda Tropical)

Localidade da Outorga: Campo Grande

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Ind.	Freq. (kHz)	Pot. PBOT (kW)
RÁDIO EDUCAÇÃO RURAL LTDA.	(S)			ZYF904	4755	0
IPB-Integração MATOGROSSENSE DE RÁDIO E TV LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA AMANDO DE OLIVEIRA, 135	ZYR200	4895	5

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborada pelo autor.

Para Radiodifusão Sonora em Frequência Modulada (FM), foram 87 (oitenta e sete) registros, dos quais onze em Campo Grande-MS, em conformidade com a Tabela 4.

Tabela 4 – Empresas com pedido de outorga para exploração, em Campo Grande-MS, de radiodifusão em Frequência Modulada (FM)

Serviço: 230 (Radiodifusão Sonora em Frequência Modulada)

Localidade da Outorga: Campo Grande-MS

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Ind.	Canal	Freq. (MHz)	Classe PBFM
CÂMARA DOS DEPUTADOS	(N)				266E	101,1	B1
EBC - EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO S/A	(N)				260E	99,9	B1
PORTAL COMUNICAÇÕES, RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(N)				244	96,7	B1
SENADO FEDERAL	(N)				288E	105,5	B1
ACAIABA EMISSORAS INTEGRADAS LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA BAHIA, 80	ZYL675	274	102,7	A3
FUNDAÇÃO DOM BOSCO	(S)	Campo Grande-MS	AV. TAMANDARÉ, 6.000	ZYL686	218E	91,5	B1
FUNDAÇÃO ESTADUAL JORNALISTA LUIZ CHAGAS DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA DE MATO GROSSO DO SUL	(S)	Campo Grande-MS	AV. PROJETADA, S/N	ZYL679	284E	104,7	B2
FUNDAÇÃO MANOEL DE BARROS	(S)	Campo Grande-MS	RUA CEARÁ, 333	ZYT605	279E	103,7	B1
RÁDIO CAPITAL DO SOM LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. DA CAPITAL, 125	ZYC916	240	95,9	A3
REDE CENTRO-OESTE DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. AFONSO PENA, 5.154	ZYC911	232	94,3	A3
REDE MS INTEGRAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA ITAJAÍ, 433	ZYC921	250	97,9	A4

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborado pelo autor.

Pelo Sistema de Informação dos Serviços de Comunicação em Massa (SISCOM), foram 88 (oitenta e oito) as emissoras com pedidos de outorga para Radiodifusão Comunitária (RadCom) em Mato Grosso do Sul. Sendo seis na capital, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Empresas com pedido de outorga para exploração, em Campo Grande-MS, de radiodifusão comunitária RadCom

Serviço: 231 (Radiodifusão Comunitária)

Localidade da Outorga: Campo Grande-MS

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Canal / Freq.	Ind.
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ATALAIA DA ÚLTIMA HORA	(S)	Campo Grande-MS	RUA PONTA PORÃ	292 / 106.30	ZYT607
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE RÁDIO FM ANHANDUÍ	(S)	Campo Grande-MS	RUA GUIMARÃES ROSA	292 / 106.30	ZYT612
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA NOVA MARACANÃ	(S)	Campo Grande-MS	AV. MANOEL DA COSTA LIMA	292 / 106.30	ZYL697
ASSOCIAÇÃO DA EMISSORA SEGREDO FM	(S)	Campo Grande-MS	RUA SÃO LUCAS	292 / 106.30	ZYT628
ASSOCIAÇÃO DE INTEGRAÇÃO E DIFUSÃO COMUNITÁRIA DAS MORENINHAS	(S)	Campo Grande-MS	RUA MUCURI	292 / 106.30	ZYL698
ASSOCIAÇÃO LOUVORES AO REI DE INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA	(S)	Campo Grande-MS	AV. GUAICURUS	292 / 106.30	ZYT604

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborada pelo autor.

Foram registradas, também, doze Geradoras de Radiodifusão de Sons e Imagens – Digital, das quais seis eram em Campo Grande-MS, como demonstrado na Tabela 6.

Tabela 6 – Empresas com pedido de outorga para exploração, em Campo Grande-MS, de radiodifusão de Sons e Imagens – Digital

Serviço: 247 (Geradora de Radiodifusão de Sons e Imagens - Digital)

Localidade da Outorga: Campo Grande-MS

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Canal / Freq.	Ind.	Razão Social
CÂMARA DOS DEPUTADOS	(N)				61	A
FUNDAÇÃO ESTADUAL JORNALISTA LUIZ CHAGAS DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA DE MATO	(N)				42	E

GROSSO DO SUL							
FUNDAÇÃO PADRE KOLBE DE RÁDIO E TELEVISÃO	(N)	Campo Grande-MS	AV. CORONEL PORTO CARRERO, 284		14	A	
REDE CENTRO-OESTE DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(N)	Campo Grande-MS	AV. CALÓGERAS, 315		28	E	
REDE MS INTEGRAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA ITAJAÍ, 433	ZYA946	32	A	
SISTEMA DE COMUNICAÇÃO PANTANAL S/C LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA DO SUCRE, 180	ZYP203	24	A	
SOCIEDADE CAMPOGRANDENSE DE TELEVISÃO LTDA.	(N)	Campo Grande-MS	AV. EDUARDO ELIAS ZAHRAN, 2.644		21	A	
TELEVISÃO MORENA LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. EDUARDO ELIAS ZAHRAN, 1.600	ZYA942	30	E	

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborada pelo autor.

Para empresas de Radiodifusão de Sons e Imagens (código 248), foram dezessete registros, sendo dez de Campo Grande-MS, como mostra a Tabela 7.

Tabela 7 – Empresas com pedido de outorga para exploração, em Campo Grande-MS, de radiodifusão de Sons e Imagens (código 248)

Serviço: 248 (Radiodifusão de Sons e Imagens)

Localidade da Outorga: Campo Grande-MS

Razão Social	Lic. (S/N)	Localidade Estúdio	Endereço Estúdio	Ind.	Canal	Classe PBTv
MATRIX RADIODIFUSÃO E TELECOMUNICAÇÕES LTDA.					18	A
FUNDAÇÃO ESTADUAL JORNALISTA LUIZ CHAGAS DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA DE MATO GROSSO DO SUL	(S)	Campo Grande-MS	AV. PROJETADA, S/N, - PARQUE DOS PODERES	ZYA948	4E	A
FUNDAÇÃO PADRE KOLBE DE RÁDIO E TELEVISÃO	(S)	Campo Grande-MS	AV. CORONEL PORTO CARRERO, 284	ZYP202	15E	A
REDE CENTRO-OESTE DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA	(S)	Campo Grande-MS	AV. CALÓGERAS, 315	ZYA944	8+	E
REDE CENTRO-OESTE DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. CALOGERAS, 315	ZYA944	8+	E
REDE MS INTEGRAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA ITAJAÍ, S/N	ZYA946	11+	A
REDE MS INTEGRAÇÃO DE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA ITAJAÍ, S/N	ZYA946	11+	A
SISTEMA DE COMUNICAÇÃO PANTANAL S/C LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	RUA DO SUCRE, 180	ZYP203	23	A
SOCIEDADE CAMPOGRANDENSE DE TELEVISAO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. EDUARDO ELIAS ZAHRAN, 2.644	ZYP200	13-	A
SOCIEDADE CAMPOGRANDENSE DE TELEVISÃO LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. EDUARDO ELIAS ZAHRAN, 2.644	ZYP200	13-	A
TELEVISÃO MORENA LTDA.	(S)	Campo Grande-MS	AV. EDUARDO ELIAS ZAHRAN, 1.600	ZYA942	6	E

Fonte: Anatel, Superintendência dos Serviços de Comunicação de Massa. Tabela elaborada pelo autor.

Este código 248 se refere ao pedido de empresas de Radiodifusão de Sons e Imagens para exploração de canais de geração de televisão analógica. São os atuais canais que já exploram a TV aberta em Campo Grande-MS.

3.3 O rádio como veículo de informação e desenvolvimento

A seguir, discorre-se sobre o papel do rádio, como veículo de informação, sua importância para o DL em larga escala. A linguagem acompanhando os avanços tecnológicos foi se modificando nos territórios em que a mídia se inseria. Campo Grande-MS, por exemplo, tinha cerca de 40 mil habitantes quando (em 1939) recebeu sua primeira emissora de rádio. Nos dias atuais, com uma população estimada em cerca de 800 mil habitantes, a cidade possui 28 emissoras de rádio (onze FM, nove AM, seis Comunitárias e duas OT).

Foto 22 – Avenida Afonso Pena, Campo Grande, Relógio Central



[s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/fotos.php?lang=&codmun=500270&search=||-fotos>>. Acesso em: 4 set. 2016.

Entende-se que o rádio foi agente propulsor de desenvolvimento da cidade, na medida em que a sua expansão acompanhou o seu crescimento como mídia e o poder socioeconômico local. Observa-se nas ideias de Nora (1976) que a palavra radiofônica funciona em diferentes níveis. Esse autor se refere, principalmente, à produção e transmissão de notícias, num jogo de poder, o qual não seria possível sem a presença dos técnicos de som responsáveis pelos equipamentos e na ausência do sonoplasta operador

de som a manipular tais equipamentos. Sem o sonoplasta, não haveria transmissão da palavra falada. Sobretudo, é desta forma que esse autor se refere à palavra *falada* via rádio:

É ela, antes de mais nada, quem assegura a importância do acontecimento, caracterizada pela quantidade de palavras que ele desencadeia: voz que informa, explica, comenta, critica, parafraseia, extrapola, conjectura, eco público de conversações privadas e, às vezes, veículo único da modernização (NORA, 1976, p. 182).

Embora se reconheça o papel revolucionário desempenhado pela voz transmitida via rádio, os estudos mantêm no esquecimento o papel desempenhado por técnicos de som, operadores de áudio, sonoplastas de diversas naturezas que, também, atuaram na construção da história narrada e possibilitaram que ela fosse contada.

Ressalte-se que há estudos, como o de Zucoloto, o qual, referindo-se às características do rádio, destaca a evolução da mídia rádio, em seus aspectos técnicos e de linguagem. Evidentemente, que essa evolução técnica é reflexo da evolução da sociedade brasileira em diversos setores. Esse autor afirma que:

[...] o rádio vem evoluindo de forma a funcionar com características próprias e específicas ao meio, as quais são consideradas também como fatores definidores da linguagem (ou texto) e técnicas de produção que vêm adotando na construção de sua trajetória e [...] Estas características não nasceram prontas junto com o veículo. Foram evidenciando-se, sendo descobertas, moldadas, aperfeiçoadas de acordo com o desenvolvimento de todo o processo de instalação, consolidação e transformações sofridas pela radiofonia (ZUCOLOTO, 2012, p. 22).

Ele afirma ainda que “os meios eletrônicos, nos seus primeiros tempos de auge, assumem como papel básico serem mediadores do choque da industrialização e da experiência campesina e popular urbana” (2012, p. 43-4). De acordo com Zucoloto, o cinema e o rádio são a vanguarda cultural das massas em seu processo de adaptação urbana, dos anos 1930 a 1950.

Neste primeiro período, o rádio já transforma e é transformado pelo processo de constituição histórica do país. E este processo, é importante ressaltar, mesmo sendo reflexo do que acontecia em nível mundial – a instalação de uma nova ordem sócio, econômica e cultural decorrente em especial da guerra, da urbanização e da industrialização –, terá nuances próprias, nacionais, específicas da constituição social brasileira (ZUCOLOTO, 2012, p. 43-4).

Essa transformação tecnológica e social percorre o caminho da radiotelegrafia, via código Morse; da radiotelefonia, por meio da voz humana; transmissões em circuito fechado, com sinal sonoro emitido por um transmissor e recebido com exclusividade por um receptor operando na mesma frequência; até se chegar à transmissão em circuito aberto e frequência fixa, passível de ser captada por milhares de receptores de sintonia variável, que se ajustam à frequência de qualquer estação emissora. Muitas das transformações pelas quais o rádio e outros veículos de comunicação sofreram se deram por conta de interesses militares, ávidos por encurtar a intercomunicação nos seus postos de combate. Desta forma, inúmeros avanços tecnológicos e de linguagem foram alcançados.

Evidencia-se, então, o papel transformador desse meio em nossa sociedade. O rádio interfere nas relações de poder, inclusive as que envolvem o próprio Estado, conforme enfatiza Zucoloto (2012, p. 44):

A industrialização progressiva, o crescimento dos centros urbanos, o surgimento das massas assalariadas, no âmbito de uma nova concepção de relações de produção, provocaram efetivamente uma reformulação nas relações socioeconômicas do país, onde o próprio Estado brasileiro surgiria como ator determinante. É no interior desse novo quadro, de transformações igualmente significativas no plano cultural, que o rádio se revelou como veículo de mudanças nas relações de poder.

Pode-se dizer que o rádio, como veículo de comunicação de massa, viveu altos e baixos, por conta de crises periódicas nas áreas política e econômica. Criado com a finalidade de entreter e educar, o veículo ganhou poder por sua agilidade na produção e transmissão de notícias, sobretudo políticas, passando a ser o principal meio de divulgação de informações e a influenciar as decisões de governos e a direcionar a construção de um modelo social.

Historicamente, entretanto, há divergências quanto ao marco inaugural do rádio no Brasil. Mas, o Rio de Janeiro pode ser considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio:

[...] experiências já eram feitas por alguns amadores, existindo documentos que provam que o rádio, no Brasil, nasceu em Recife, no dia 6 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres (ORTRIWANO, 1985, p. 13).

Essas imprecisões históricas sobre o nascimento e o desenvolvimento do rádio não existem apenas em nível de Brasil. Há muita controvérsia sobre a história do rádio e de seus principais personagens, mundo afora. A disputa por patentes é o motivo maior dessas divergências históricas sobre os verdadeiros inventores de instrumentos usados na radiodifusão.

No Brasil, o antropólogo Edgard Roquete Pinto foi um dos grandes incentivadores do desenvolvimento do rádio. Há registros que demonstram o surgimento da primeira emissora de rádio brasileira, pela fundação da Rádio Clube de Pernambuco, em Recife, no dia 6 de abril de 1919. Em 1922, teria sido feita a primeira irradiação oficial, uma transmissão desde o alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Ortriwano (1985, p. 13), também, considera a data oficial de inauguração do rádio no Brasil o dia 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da Independência do nosso país:

[...] através de 80 receptores especialmente importados para a ocasião, alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. A Westinghouse havia instalado uma emissora, cujo transmissor, de 500 watts, estava localizado no alto do Corcovado.

Essa pesquisadora relata que, após a transmissão inaugural, durante os primeiros dias que se seguiram, transmitiu-se ópera, diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Isso demonstra o quanto o rádio era representado, no imaginário social, como uma mídia das elites e, portanto, pouco acessível aos trabalhadores e às pessoas menos abastadas. Mas, apesar do favorável impacto inicial, não houve consistência suficiente no projeto, que tivesse sido capaz de dar continuidade às transmissões.

Em 1923, foram instalados aparelhos receptores na cidade do Rio de Janeiro, por idealização de Roquete Pinto. Nesse mesmo ano, outras emissoras começaram a surgir, não somente com uma programação informativa, mas planejada, inicialmente, para transmitir música e arte brasileiras. Ressalta que, já com grande evolução tecnológica, nos anos 1930, as rádios criaram programas de auditório, tornando o veículo bastante popular e que, em 1934, a rádio Sociedade, do Rio de Janeiro foi transformada em Rádio Municipal do Rio de Janeiro e passou a ser conhecida, popularmente, como Rádio Roquete Pinto, quando grandes talentos musicais e artistas populares brasileiros surgiuram, a exemplo de Francisco Alves, Vicente Celestino, Dalva de Oliveira e Emilinha Borba, entre outros.

Foto 23 – Rádio Nacional



Foto: Fábio Pirajá. História do Rádio [s.d.]

Disponível em: <[http://www.locutor.info/fotosNacional/RadioNacional%20\(2\).jpg](http://www.locutor.info/fotosNacional/RadioNacional%20(2).jpg)>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Esse importante marco, também, é mencionado por Zucoloto (2012), vez que a Rádio Nacional viria, depois, a se tornar uma potência e emissora-padrão. Outro avanço ocorre nesse período, com a “criação dos primeiros *jingles* – e o aparecimento dos aparelhos de válvula, que passam a substituir as antigas galenas”. Segundo ele “essa inovação tecnológica significou a possibilidade de compra de aparelhos receptores a preços mais acessíveis e, portanto, um número bem maior de ouvintes” (Zucoloto, 2012, p. 45-6). O rádio passou a operar, então, com mais qualidade técnica e profissional. Linguagem e características próprias do meio passam a ser empregadas e desenvolvidas. O veículo, com *status* de modernidade, passa a ser fator de integração nacional, instalando-se, até mesmo, em cidades do interior do país. Programações elitistas, restritas a um pequeno público, deram lugar a uma comunicação popular e um veículo com características comerciais, com elementos da emergente conformação socioeconômica e cultural do país.

Zucoloto (2012) ainda relaciona as características da mídia rádio com aspectos econômicos e sociais, enfatizando que não se tratava de um veículo acessível a todas as camadas; somente os mais abastados é que tinham condições de adquirir o aparelho:

Desde que adquiriu o perfil de veículo de comunicação de massa, o rádio tem sido apontado como aquele, entre os meios massivos, com potencial para ser o mais popular (no sentido de atingir todas as camadas da sociedade) e de maior alcance de público, possuindo características específicas tanto de emissão quanto de recepção. Boa parte dessas características pode, inclusive, ser classificada como vantagem em relação aos demais meios de comunicação de massa. Entre elas, destacam-se a utilização de uma única linguagem (pelo lado

do emissor) e um único sentido (em relação ao receptor), a mobilidade, o imediatismo, a penetração abrangente, o baixo custo e a sensorialidade (ZUCOLOTO, 2012, p. 23).

Depois, a facilidade operacional e o custo de equipamentos baixos, fonte dinâmica de informações e lazer consagraram o rádio como um veículo de comunicação de massa. E, apesar das previsões negativas quanto a sua sobrevivência, por meio da convergência midiática, expande-se ainda nos dias atuais. O rádio não só não morreu, como vem se desenvolvendo nos aspectos tecnológicos.

Discorrendo sobre as vantagens características do rádio como veículo de comunicação de massa e quanto ao nível de escolaridade do público receptor, no mesmo texto e nas mesmas páginas, o autor supra avalia que, nesse aspecto, o rádio também possui vantagens:

A principal delas é o fato de o rádio utilizar uma única linguagem – a sonora – e trabalhar, no caso do ouvinte, com um único sentido – a audição. Cabe ressaltar aqui que uma das grandes vantagens do rádio, decisiva na atribuição do seu potencial de meio de comunicação de massa mais popular e de maior abrangência, é justamente este fato. Por exemplo, isto o torna o único meio de comunicação de massa que dispensa totalmente a necessidade de o público saber ler para que a comunicação com ele realmente se complete e seja decodificada (ZUCOLOTO, 2012, p. 23).

Outra superioridade do rádio como veículo de comunicação é a sua mobilidade, pois o aparelho receptor pode ser transportado para qualquer lugar. Nos dias atuais, o rádio é usado nos automóveis, em carros, celulares e na web. Com relação à sua abrangência ou capacidade de comunicação instantânea, com um grande número de pessoas em diversos territórios, Zucoloto (2012, p. 25) evidencia o poder de penetração do rádio como mídia, ressaltando que a abrangência geográfica da mídia rádio lhe confere ainda maior potencial, pois consegue transmitir para todos os pontos, com alcance local e mundial, sem complexidade e com fácil instalação e funcionamento de emissoras.

Observa-se que, em dezembro, de 1950, com a chegada da televisão ao Brasil, trazida por Assis Chateaubriand, havia um temor de que o rádio fosse substituído pela TV. Por outro lado, a mídia radiofônica sofreu um forte abalo, mas resiste até os dias atuais, como um importante meio de comunicação.

Foto 24 – Cabine de produção de radionovelas nos anos 1950, na Rádio São Paulo, auge deste tipo de atração



Divulgação Geocities

Foto: A história do Brasil na era de ouro do rádio [s.a., s.d.].
Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2007/07/09/a-historia-do-brasil-na-era-de-ouro-do-radio>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Sabe-se que as formas de desenvolvimento técnico e tecnológico e os agentes que os impulsionam são instrumentos capazes de produzir impacto social e, eventualmente, algum tipo/grau de DL. Para explicitar esse conceito, apropria-se das ideias de Vicente Fidélis de Ávila, o qual definiu:

[...] O ‘núcleo conceitual’ conceitual do Desenvolvimento Local consiste no efetivo desabrochamento – a partir do rompimento de amarras que prendam as pessoas em seus *status quo* de vida das capacidades, competências e habilidades de uma ‘comunidade definida’ (portanto com interesses comuns e situada em [...] espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica) no sentido de ela mesma – mediante ativa colaboração de agentes externos e internos – incrementar a cultura da solidariedade em seu meio e se tornar paulatinamente apta a agenciar (discernindo e assumindo dentre rumos alternativos de sua reorientação do seu presente e de sua evolução para o futuro aqueles que se lhe apresentem mais consentâneos) e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, agir, avaliar, controlar etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios – ou cabedais de potencialidades peculiares à localidade – assim como a ‘metabolização’ comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito (ÁVILA, 2012, p. 33).

Com base nesse conceito, entende-se que, no DL, os atores, os quais seriam os sonoplastas, deveriam ser protagonistas e ter o controle das mudanças, das transformações e da evolução de suas capacidades, competências, e habilidades, inserção

no ou exclusão do mercado de trabalho.

Na entrevista com o gerente da Rádio Cultura AM-680, Arthur Mário Medeiros de Ramalho, buscou-se melhor compreender como os atores desse cenário avaliam o papel do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, na condição de agente de DL, aquilatando-se a influência do sonoplasta na sociedade, sua capacidade em promover alterações econômicas, sociais e culturais. Para Arthur Mário Medeiros de Ramalho:

O sonoplasta, nessa cadeia produtiva do rádio, ocupa um papel extremamente importante. Eu colocaria do ponto de vista cultural. Grandes nomes do rádio, que estão eternizados na história do rádio de Campo Grande, como Juca Ganso (**já falecido**), Reinaldo Costa, que, agora, retornou para a cidade natal dele, no interior de São Paulo, o saudoso Rui Pimentel, Sabino Presa, todos eles, os profissionais do microfone no rádio, os artistas, sempre deram crédito ao sonoplasta. Sempre, nos eventos, o sonoplasta esteve lado a lado. Eu me recordo de uma crônica do radialista Hélio Ribeiro (**grande ícone do rádio brasileiro**), que ele leu no dia em *partiu* o operador dele, o Johnny Black (**apelido**). No dia da morte do Johnny Black, eu escutei na CBN uma crônica do Hélio Ribeiro, que estava nos Estados Unidos, salvo engano, e, de lá, mandou uma crônica, falando da importância da realização de qualquer atividade profissional, relembrava alguns dos grandes feitos de alguns personagens do esporte, da arte, da música e de outros setores de atividades, até da Ciência, da Física, da Química. O Hélio relembrava que, nem sempre, o grande nome alcançou seu objetivo sozinho, sempre teve uma dupla. Como Pelé e Coutinho; Tonico e Tinoco... Hélio Ribeiro e Johnny Black, estes que fizeram tanto sucesso no rádio brasileiro. Então, o sonoplasta, do ponto de vista cultural, tem uma influência muito grande. Porque, na verdade, ele joga pra cima o comunicador, este que acaba entrando para a História, do ponto de vista cultural, econômico, social, das ações transformadoras; ele dá crédito ao sonoplasta na abertura e no encerramento do programa. E o sonoplasta, com seu trabalho, com sua criatividade, nem sempre tem essa glória dividida com o apresentador. Não vai junto. Mas, o profissional de sonoplastia tem todo um crédito nas ações transformadoras feitas pelo comunicador (**o locutor**), por conta do resultado do trabalho e das ações transformadoras do sonoplasta. Nem sempre, o sonoplasta leva o crédito, mas ele, de certa forma, é o indutor disso. A ação dele, o trabalho dele (**do sonoplasta**) vai junto à glória e ao reconhecimento dados ao locutor (RAMALHO, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Chama a atenção o fato de que o gerente se refere a grandes nomes da história do rádio, mas que, também, reconheça o fato de que, embora receba crédito no início e no fim do programa, o sonoplasta não está entre eles. E que, apesar de ter grande influência, o sonoplasta não obtém o reconhecimento e a glória merecida. Destaque-se que o entrevistado mencionou o nome de um sonoplasta, o qual se tornou consagrado nacionalmente, por meio de um apelido. Outro aspecto importante é que, quando se refere às ações transformadoras dos comunicadores, o gerente enfatiza que o reconhecimento dado aos sonoplastas depende do que eles recebam o crédito por meio dos locutores, isto é, que eles sejam citados pelos locutores. Confundem-se também as

ideias de *crédito, mérito e reconhecimento*. Embora não se negue mérito e crédito ao trabalho do sonoplasta, o reconhecimento ou a recompensa que ele tem é inferior ao de outros profissionais do rádio “*Não vai junto*”.

Nesta mesma entrevista, indagou-se ao Gerente da Rádio Cultura AM-680, qual avaliação ele fazia, do ponto de vista do reconhecimento histórico e da valorização profissional sobre o papel do sonoplasta de rádio local. Arthur Mário Medeiros de Ramalho disse que:

O reconhecimento é pouquíssimo. Primeiro, porque o próprio rádio e a memória do rádio ainda não foram pautados, a não ser por alguns escritores de forma privada, mas, do ponto de vista público, não. Este ano, por exemplo, nós enviamos à Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, os CD com os últimos programas do Juca Ganso, com todos os créditos. Isto é, foi lá o crédito ao operador Marcos Antônio “*Marrom*”. A gente imaginava que a Fundação de Cultura, por meio do Museu da Imagem e do Som, a partir desse gesto, poderia, inclusive, começar a pautar, juntamente aos profissionais do rádio, e os profissionais do rádio pautarem junto às autoridades, a necessidade da recuperação e da preservação da memória radiofônica. Porque as próprias emissoras – e, talvez, você esteja encontrando dificuldades – podem ter arquivo fotográfico. Mas, os arquivos de áudio, inexistem, é praticamente zero. Nós não temos a memória auditiva do que o rádio campo-grandense produziu em todas as décadas, em suas sete décadas de existência. E, com isso, não só o sonoplasta, mas, também, o próprio rádio de maneira geral é pouquíssimo lembrado. Não se cultiva e não se preserva a memória, a história, os personagens do rádio local (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

Alguns aspectos desta entrevista chamam a atenção. Primeiro, a visão de que ‘memória do rádio’ ainda não é *agenda* da nossa sociedade. Tampouco, a memória da sonoplastia e dos sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS. Segundo, e como fator preocupante, é que, embora sendo um veículo que trabalha com som, o próprio meio, em Campo Grande-MS, não tem por prática organizar e manter arquivos sonoros. Perdendo-se, desta forma, a memória do rádio campo-grandense como um todo. Os próprios sonoplastas não têm, talvez, preocupação ou ações efetivas no sentido de manter viva a memória da sonoplastia local. Portanto, comprova-se a hipótese inicial desta pesquisa, de que não há registros sonoros; ou, os que existem demandam a necessidade de serem reunidos e organizados, pois, da falta de preservação da memória decorre a invisibilidade do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS como agente de DL, embora se reconheça em sua atuação profissional um motor do avanço econômico, social e cultural da cidade.

Ainda, na tentativa de ampliar a visão sobre o rádio como veículo de informação e DL, e investigar sua inserção nesse mundo em constante transformação, na entrevista com a pesquisadora Daniela Cristiane Ota (2016), constatou-se que, na opinião dela, as fusões de funções e postos de trabalho, com a transformação do sonoplasta em DJ e vice-e-versa, são mais benéficas aos empregadores, com prejuízo aos locutores e sonoplastas. Sobre essas mudanças, a entrevistada afirmou que:

Eu penso que essas mudanças são melhores para o empregador, porque ele reduz salários e, também, não incorpora o salário do sonoplasta ao locutor, que passa a exercer as duas funções. Às vezes, ele dá um pequeno aumento, pelo acúmulo de função. Mas, a meu ver, se o sonoplasta e as emissoras de rádio investissem em qualificação, haveria um ganho muito significativo, não só para as rádios, mas, também, para a qualidade dos programas que seriam produzidos. Faria uma total diferença (OTA, entrevista gravada, 2016).

No caso do locutor que passa a desempenhar de forma concomitante a função de sonoplasta, transformando-se, portanto, em DJ, as empresas têm pagado somente um percentual variável por acúmulo de função. Sem contar, que não há um curso de preparação para a nova função. Locutores que se tornam sonoplastas, e sonoplastas que se transformam em locutores, aprendem as novas funções na prática. Não há, portanto, que se falar em desenvolvimento, em face dessas mudanças trabalhistas, inclusive com queda da qualidade dos programas produzidos e veiculados.

A respeito da comparação entre salários e ganhos auferidos pelos sonoplastas, em relação aos demais profissionais de rádio em Campo Grande-MS, questionou-se ao gerente da Rádio Cultura AM-680 kHz sobre como era a correlação de ganhos no passado, como está atualmente e qual projeção se pode fazer nesse aspecto. Arthur Mário Medeiros de Ramalho respondeu que:

O sonoplasta de rádio cumpre um papel importantíssimo. Praticamente, o pulmão e o coração de uma emissora de rádio estão sob a responsabilidade de operação de um sonoplasta. No passado, eu me recordo de muitos deles com os quais tive oportunidade de trabalhar, o ganho sempre foi menor do que o do locutor, do *Disc Jockey*, enfim; e ainda é menor; mas, em todos aqueles com que trabalhei, a gente percebe que há muito mais a realização humana, artística, e que, por estarem operando uma emissora de rádio, produzindo som, efeitos sonoros... eles estão muito mais realizados artisticamente. E a maioria dos que eu conheço vive deste salário. A jornada é de meio expediente, cinco horas, seis horas (**Lei nº 6.615/78, de 16 de dezembro de 1978 regulamentada pelo Decreto nº 84.135/79, de 31 de outubro de 1979**), e o sonoplasta, como locutor também, tem outras atividades extras. Ele acaba sendo um *free-lancer* em eventos, alguns atuando como DJ... No passado, houve sonoplastas que foram representantes das gravadoras, até os anos 1980/90, em que as gravadoras contratavam profissionais de rádio. Aos

sonoplastas, aqueles que já estão no rádio, e os novos que vêm chegando ao rádio, a realização nem sempre é o salário, que garante alguma coisa da sobrevivência, mas que, sempre, ele complementa renda, todos eles complementam sua renda, na mesma função, trabalhando com áudio, som, em eventos fora do rádio, ou até mesmo em outras atividades que não têm nada a ver com o áudio (RAMALHO, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Constata-se, então, por nesse depoimento, que o salário de sonoplastas foi e continua sendo inferior ao de outras funções dentro do rádio, em particular na comparação com o salário dos locutores. E que, por esta razão e por conta da jornada de seis horas, os sonoplastas acabam complementando renda, fazendo *bicos* com atividades ligadas a áudio, ou até mesmo sem relação com sonoridade. Inclusive os locutores têm salários baixos, o que os obriga a também fazerem *bicos* para melhorar seus ganhos. O gerente destaca que os profissionais vivem desse salário, mas que a realização deles é muito mais humana e artística; porém, o entrevistado assegura que *o salário garante alguma coisa da sobrevivência*.

Justifica-se investigar os ganhos financeiros dos sonoplastas e compará-los aos demais profissionais do meio, pois, para se investigar o papel dos sonoplastas como agentes do DL, faz-se necessário identificar seus protagonismos frente às mudanças tecnológicas, socioeconômicas e culturais pelas quais passou o veículo rádio e o padrão de inserção e visibilidade desses profissionais na comunidade, ou seja, a importância para o desenvolvimento do território em que atuaram e das populações às quais influenciaram; e, talvez, ainda, atuem e influenciem, mesmo com as transformações ocorridas em suas atividades.

Os sindicatos que representam a categoria não possuem tabela de cargos e salários dos radialistas em Campo Grande-MS. Os sonoplastas, por exemplo, não possuem nem associações representativas e alguns dos profissionais entrevistados para esta dissertação confirmaram que não há acordo coletivo sobre isso. Cada sonoplasta cobra o que entende que merece ganhar, e o empregador paga o que pensa que vale a pena pagar. Não foram localizados dados oficiais sobre o assunto. O sítio do Sintercom apresenta *Acordos Coletivos* isolados com algumas emissoras, mas não há um acordo geral para a categoria.

Entrevistou-se a sonoplasta Edna de Souza e a ela foi perguntado como avaliava o papel do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS, na condição de agente de DL. A radialista respondeu que, apesar de reconhecer que a função do sonoplasta caminha para a extinção, não há como negar-lhe a importância, por tudo o que já representou. Ela

declarou:

Hoje em dia, a gente já tem até poucos sonoplastas dentro do rádio. Temos algumas AM em Campo Grande que os utilizam. FM, penso que não tem ninguém mais utilizando sonoplasta. Atualmente, usa-se muito o DJ (*o locutor que faz a própria sonoplastia*). Mas, o sonoplasta tem uma importância muito grande ao fomentar a imaginação do ouvinte. O sonoplasta brinca, ele desenvolve um trabalho que amplia a imaginação de quem está do outro lado do rádio. Infelizmente, a gente está acabando com isso, por conta da globalização e desses processos (SOUZA, entrevista gravada, 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

O depoimento ressalta a ideia de que a função de sonoplasta está sendo extinta ou incorporada por outras, como a do DJ. A entrevistada atribui essas transformações a processos externos, ligados à macroeconomia, como a globalização e outros fatores socioeconômicos. Ela destaca, ainda, a capacidade do sonoplasta de enriquecer a mensagem veiculada pelo rádio, por meio de habilidade de fomentar a imaginação do ouvinte, por meio dos efeitos sonoros.

Ao se sobrepor o conceito sobre o objeto, em exercício interlocutório, questionam-se quais fenômenos interferiram na execução das transformações na função de sonoplasta, que o levaram a passar de profissional de uma atividade criativa e interessante, a uma atividade desimportante, relegada a um segundo plano no mercado de trabalho, a ponto de quase ser extinta, ou de ser incorporada por outras funções e outros cargos.

Processos econômicos e sociais têm criado inovações, transformações, em vários setores, inclusive, no mercado de trabalho. A fusão de funções dentro do rádio e a virtualidade sonora definem um novo conceito de território sem territorialidade, incorporando ao espaço físico uma nova visão de integralização para a realidade, que amplia os conceitos de concreto e abstrato, real e virtual, verdade e mentira. Novas maneiras de manipular e interpretar os sons fazem parte desse mundo virtual, que não se limita à mediação do computador, mas elas se manifestam em diversos instrumentos da vida moderna, nos quais o som se faz presente. E, apesar de todas as mudanças nos processos e meios de comunicação, o rádio mantém-se como importante veículo de massa. Os profissionais que nele trabalham, como ficou evidenciado pelas entrevistas apresentadas, continuam se adaptando às mudanças e transformações, falando para um único indivíduo ou para toda uma nação, mantendo seu potencial e sua agilidade.

Foto 25 – Sílvio Garcia (à esquerda) Sérgio Quevedo (terceiro da esquerda para a direita). Os outros dois indivíduos que aparecem na foto não foram identificados pelo dono do arquivo. Rádio Educação Rural AM-580, avenida Mato Grosso, Campo Grande-MS, 1980. Arquivo pessoal de Sérgio Quevedo



Disponível em: <<https://sonoplasta.wordpress.com/galeria-de-fotos/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

“Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em uma piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”.

Zygmunt Bauman. *Vida Líquida*. 2. ed. Rev. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 7.

4 SONOPLASTIA E QUESTÕES SOCIAIS

Neste capítulo, abordam-se a virtualidade sonora e sua influência em questões sociais, mormente no mercado de trabalho, ampliando-se a discussão sobre a exclusão ou fusão de postos de trabalho e sua acentuada transformação face aos avanços tecnológicos e ao processo de globalização.

Sabe-se que as políticas oriundas do Consenso de Washington¹⁸ tiveram influência em diversos setores da sociedade brasileira, em consequência, o setor de Comunicações também foi afetado por essa visão economicista dos problemas sociais. Porém, entende-se que:

O Consenso de Washington não tratou tampouco de questões sociais, como educação, saúde, distribuição de renda, eliminação da pobreza. Não porque as veja como questões a serem objeto de ação numa segunda etapa. As reformas sociais, tal qual as políticas seriam vistas como decorrência natural da liberação econômica. Isto é, deverão emergir exclusivamente do livre jogo de forças da oferta e da procura num mercado inteiramente auto-regulável, sem qualquer rigidez, tanto no que se refere a bens quanto ao trabalho (BATISTA, 1994, p. 11).

É nesse livre jogo de forças, também, que se insere o trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, confrontando-se com o crescimento de outras mídias e as transformações nas emissoras nas quais estavam empregados ou das quais eram dispensados. Parte da categoria que se mantém na informalidade, em trabalhos paralelos, com baixos salários; a alta rotatividade, também pode ser em decorrência dessa política macro.

¹⁸ Reunião convocada pelo *Institute for International Economics*, realizada na capital dos Estados Unidos da América, em 1989, com a presença de instituições e economistas de perfil neoliberal, além de pensadores, administradores e dirigentes de países latino-americanos. Resultou do encontro, uma série de recomendações dos países ricos a serem seguidas pelos países latino-americanos, caso quisessem obter novos empréstimos e cooperação econômica. Dentre as regras da “cartilha” de instituições como FMI e Banco Mundial, estavam: disciplina fiscal, reforma fiscal e tributária, privatização de empresas estatais, abertura comercial e econômica, desregulamentação progressiva do controle econômico e das leis trabalhistas.

4.1 Sonoplastia e virtualidade sonora

Utiliza-se a definição de *sonoplastia* como sendo uma linguagem que se vale da manipulação de registros de som, criando signos e ampliando significados:

Sonoplastia é a comunicação pelo som. Abrangendo todas as formas sonoras - música, ruídos e fala, e recorrendo à manipulação de registros de som, a sonoplastia estabelece uma linguagem através de signos e significados. **Sonoplastia** (do Lat. *sono*, som + Gr. *plastós*, modelado) é um termo exclusivo da língua portuguesa que surge na década de 60 com o teatro radiofónico, como *a reconstituição artificial dos efeitos sonoros que acompanham a ação*. Esta definição é extensiva ao teatro, cinema, rádio, televisão e web (MARRANA, 2014, p. 2).

Esse autor também esclarece que a atividade era, antes, designada como *composição radiofônica* e que tinha como função recriar sons da natureza, de animais, objetos, ações e movimentos. Tais elementos, conforme afirmação do autor, demandavam por ilustração, ou que fossem aludidos sonoramente. A função incluía, assim, a gravação e a montagem de diálogos, seleção, gravação e alinhamento de músicas, com uma atividade dramatúrgica na ação ou narração. Para Marrana (2014, p. 9), a sonoplastia é a “Manipulação de registros sonoros, criação de ambientes musicais, de paisagens sonoras e de efeitos sonoros”, pois a sonoplastia, para ele, produz “o registro sonoro, nas suas variadíssimas formas e, nos seus diversos meios, é a ferramenta e, simultaneamente, o produto final ‘desenhado’”. O autor, também, ressalta uma confusão frequente existente no uso de termos que intentam descrever a função do sonoplasta e esclarece:

O **técnico de som** é o membro do departamento de som que faz a instalação do sistema de som e que dá apoio técnico durante os ensaios e espetáculos; poderá igualmente ser **operador de som**, efetuando o controle de som durante ensaios e espetáculos o que, para além dos conhecimentos técnicos, requer uma sensibilidade teatral e perícia musical, podendo interpretar uma “partitura” (guião) de maior ou menor exigência, com tempos de resposta a “deixas”, execução de movimentos dinâmicos de *crescendo* e *diminuendo*, fazendo a banda de som integrar-se no espetáculo, sendo discreta ou impositiva (MARRANA, 2014, p. 10).

Embora essa terminologia esteja ligada ao teatro, também é empregada no rádio. Porém, neste, o termo sonoplasta se aplica, ainda, às duas categorias mencionadas (técnico e operador). O técnico de som no rádio é o responsável por transmissores, montagem e manutenção de equipamentos de estúdio de externa. Enquanto o operador

de som é quem manipula esses equipamentos depois de postos em funcionamento, não tendo a responsabilidade pela sua montagem ou manutenção.

Conforme o *Manual dos Radialistas*¹⁹ (2016), do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão de São Paulo, a sonoplastia é “Responsável pela realização e execução de efeitos especiais e fundos sonoros pedidos pela produção ou direção dos programas. Responsável pela sonorização dos programas”. O documento elenca o sonoplasta como o profissional encarregado por fazer o registro e tratamento sonoro, dividido em cinco categorias: operador de áudio, de microfone, de rádio, sonoplasta e operador de gravações.

Por outro lado, o termo *virtualidade* [do Latim medv. *virtualis*], categoria de análise, presta-se à inteligibilidade daquilo que é virtual; conforme o dicionário Aulete Digital, enquadra-se como adjetivo de dois gêneros, com os seguintes significados: “1. Que não existe no momento, mas pode vir a existir; POTENCIAL. 2. Diz-se de algo cuja concretização é tida como certa: Meu time é o virtual campeão desse ano”.

A definição seguinte é a que mais se aproxima do que se busca abordar: “3. Inf. Que existe somente como efeito de uma representação ou simulação feita por programa de computador (museu virtual; realidade virtual)”.

Por essa definição, não faz sentido falar-se em virtualidade sonora, a não ser que se refira ao som mediado pelo computador. Todavia, nesta dissertação, entende-se por virtualidade sonora todo e qualquer som produzido artificialmente, por qualquer meio, inclusive o computador, ou produzido naturalmente, mas reproduzido por quaisquer meios e transportados à distância. Por exemplo, o som de um disco de acetato, tocado numa antiga vitrola (ou toca-discos) é uma representação sonora sem mediação do computador, até porque esta máquina ainda não havia sido inventada.

Desse modo, amplia-se o conceito de virtualidade, passando-se a uma abstração do som, *virtualidade sonora*, que instaura uma nova forma de compreender som e sonoplastia, e de interpretar espaço e territorialidade, uma visão totalizadora na qual se insere a ideia de territorialidade sem território, por meio das sensações auditivas e de todas as percepções consequentes. O conceito, levado ao objeto, transmuta-se em categoria de análise.

Isso muda, inclusive, a forma de como se deve proceder na utilização dos conceitos de concreto *versus* abstrato, real *versus* virtual, verdade *versus* mentira, com reflexos nas formas de comunicação e, inclusive, na produção de notícias.

¹⁹ *Manual dos Radialistas*. Disponível em: <<http://goo.gl/xgcNiM>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Sobre o jornalismo *24 Horas*, que emplacou, sobretudo no rádio, o jornalista Carlos Nascimento [na apresentação do livro *Rádio: 24 horas de jornalismo*, de Marcelo Parada (2000, p. 12-3)], advertia, ao relacionar o trabalho no rádio e a produção de notícias, que, aos profissionais de rádio, havia um desafio a ser vencido, destacando o pioneirismo de se produzir notícias vinte e quatro horas por dia. Enaltecia a velocidade, a simplicidade e a popularidade do rádio como grande veículo de massa; entretanto, Nascimento fazia a seguinte advertência:

Dos radiodifusores espera-se arrojo. Investimento e seriedade como meta. Dos novos profissionais exige-se conhecimento, cultura, domínio do veículo, ousadia e profissionalismo. Nada diferente do que já consagrou dezenas de gerações de radialistas no Brasil.

É indiscutível a importância do rádio como veículo de comunicação de massa e a necessidade de aprimoramento e do uso da criatividade no cotidiano do profissional que nele atua. O sonoplasta, enquanto responsável pela ilustração sonora, mediada ou não pelo computador, não perde sua importância na captação e na transmissão dos acontecimentos, o que não se pode fazer sem considerar os sons que envolvem o ambiente, o cotidiano e o noticiário.

Foto 26 – Rádio em família. *Music by request/INTELOCHE*



Foto: [s.a., s.d.]. Disponível em: <http://mediad.publicbroadcasting.net/p/wiaa/files/201311/family_lisetning_to_radio_2.jpg> . Acesso em: 27 ago. 2016.

Sabe-se que a história é viva, na medida em que o ser humano é quem a vive. E, vive-se, segundo Zygmunt Bauman (2007, p. 12), em uma era de relações cada vez mais

flexíveis, com relacionamentos em *redes*, os quais podem ser tecidos ou desmanchados com igual facilidade, sem que isso envolva contato algum além do virtual. Desse modo, as pessoas não cultivam laços de longo prazo.

Ainda, constata-se que os relacionamentos pelas redes eletrônicas se sobrepõem aos presenciais. Isso sem contar a artificialidade da comunicação em nuvem, ou do desconforto de se *conversar* com um caixa eletrônico de banco ou com uma secretária eletrônica. Dos pioneiros inventos que levaram à criação do rádio como mídia de comunicação de massa, até os dias atuais, permanece o fascínio humano pelo som e sua manipulação, mas, as formas de manipulação diversificam-se e inovam-se com rapidez.

Foto 27 – Rumor urbano. *Dar a Ouvir a Cidade: O Valor Estético das Paisagens Sonoras Quotidianas*



Foto: Christina Kubisch. Instalações *Electrical Walks*. Retirada do sítio: <www.christinakubisch.de>. Disponível em: <<http://interact.com.pt/22/ouvir-a-cidade/>>. Acesso em: 6 set. 2016.

Bauman (2007) induz à reflexão sobre o papel dos meios de comunicação de massa, considerando-se a constante transformação tecnológica. É necessário analisar se as mídias são produto da sociedade, ou se a sociedade é produto das mídias. Da mesma forma, é desafiador saber como se organiza o pensamento humano face à atmosfera midiática. O contato entre os seres humanos passou a ser mais midiático, virtual, impondo elevado padrão de comportamento social, que inclui as formas como a sociedade se relaciona com o espaço, o território, o tempo, o som e com a *virtualidade sonora*.

Partindo-se dos modos mais rudimentares e até artesanais de se produzir som e se fazer sonoplastia, avançou-se para milhares de instrumentos que revolucionaram a

linguagem da sonoplastia. Existem inúmeros programas e instrumentos que permitem, mesmo aos amadores, manipular som e *fazer sonoplastia*, ainda que seja apenas por pura diversão ou por lazer. É a *nova virtualidade sonora* criando territorialidades sem território.

A velocidade da Internet e dessa sociedade midiática interfere, também, no mercado de trabalho. As relações sociais surgem e desaparecem com um simples *delete*, palavra que recobre uma das teclas dos computadores, indicando a operação de apagar registros. No entanto, o vocábulo foi incorporado ao Português brasileiro, pois, no Brasil, as pessoas já conjugam o verbo *deletar*, cujo sentido real ou original seria um simples toque no teclado ou no *mouse*. Todavia, transforma-se na conotação de uma ação capaz de apagar qualquer coisa do mundo ou de nossas vidas. Isso não seria diferente com os postos de trabalho, que são eliminados ou transformados por conta das modificações geradas pelos avanços tecnológicos. Os profissionais que, por quaisquer razões, não se preparam para acompanhar a velocidade dessas mudanças, correrão o risco de ficar à margem das oportunidades de trabalho, serão *deletados* do mercado.

Na opinião da estudiosa da área de rádio, pesquisadora Daniela Cristiane Ota (2016), a sonoplastia de rádio deixou de ser uma atividade primordial no mercado de trabalho “Deixou de ser. Tanto que, a gente está implantando a FM aqui na UFMS, eu estou fazendo pedido de cargos para o MEC, pra gente soltar concurso, e a função de sonoplasta não existe mais, é tida como cargo extinto”. Essa opinião é compartilhada pela maioria dos profissionais e especialistas entrevistados nesta dissertação.

Partindo dos conceitos de *virtualidade* inseridos no mundo cada vez mais líquido (BAUMAN, 2004), delineou-se a *virtualidade sonora*, para se chegar, qualitativamente, aos aspectos inclusivos e exclusivos, demonstrando suas implicações na eliminação ou fusão de postos de trabalho dos profissionais de rádio.

Por outro lado, segundo Teresa Maria Frota Haguate “[...] os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e sua razão de ser” (1996, p. 63). De certa forma, então, aqui se particulariza o fenômeno da *virtualidade sonora*, sem desprezar suas implicações e interferências na vida moderna.

A priori, entende-se por *virtualidade sonora*, a ação ou o efeito de produzir, de forma natural ou artificial, qualquer som, representando, transportando, ou propagando-o, por meio de programas eletrônicos ou quaisquer outros meios que o tornem possível.

De forma análoga, para o surdo, que vê o som ser transformado em palavras ou sinais da linguagem de Libras, a *virtualidade sonora* faz desenhos sonoros, ilustrações sonoras e está contida em diversos setores da sociedade, em diversos instrumentos e em novas linguagens. Ela se encontra, por exemplo, nos fones de ouvido que são usados pela maioria dos jovens, nos *disc players* e nos aparelhos de telefone celular, entre outros. Pode-se afirmar que ela já existia nos antigos *Long Players*, ou mesmo nos discos de acetato, usados outrora.

Esta virtualidade, que se estabelece com relações em rede, tem influência direta no mercado de trabalho, promovendo inclusão de uns e exclusão de tantos outros. Diversas profissões, face aos avanços tecnológicos, são extintas, modificadas ou incorporadas por outras. É o caso da sonoplastia de rádio. A maior parte das emissoras já adotou o sistema de *Disc Jockey*, em que o locutor é o seu próprio técnico e operador de áudio, deixando de existir dois postos de trabalho, fundidos em um só.

Em meio a tanta invisibilidade, fluidez e virtualidade, faz-se necessária uma reflexão, de modo que se enseja a questão a qual norteia a continuidade desta investigação: se, na atualidade, permanece o sonoplasta de rádio como agente de DL. Ou, ainda, investigar se a função pode ter sido extinta, ou foi apenas incorporada por outras atividades profissionais, e seu saber substituído pela tecnicidade.

Daniela Cristiane Ota (2016) considera relevante o papel pretérito do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS, na condição de agente de DL, mas, apenas como um fenômeno de caráter histórico:

Eu acho que ele teve um papel muito importante. No Mestrado, eu fiz um estudo na Educação Rural, retratando ainda os tempos de auditório, com personagens como *Juca Ganso*, ‘quem ouvir favor avisar’. Nesse tipo de programa, os sonoplastas eram parceiros mesmo. Eles operavam a função técnica, mas acho que, socialmente, eles eram tão responsáveis não só pela concepção, mas, como pela produção mesmo desses programas, pela linguagem desses programas. O próprio *Juca Ganso*, antes dele falecer, nós tivemos oportunidade de fazer umas duas entrevistas com ele, e ele sempre citava o sonoplasta e o tratava como ‘meu parceiro’. E numa das entrevistas, ele disse que, como recebia muito bilhetinho, os quais, às vezes, ele não conseguia ler, entender a letra, o sonoplasta ia além de operador de efeitos sonoros e vinhetas, era um parceiro de produção do programa, inclusive,

influenciando na condução mesmo desses programas (OTA, entrevista gravada, 2016).

Apesar do relato da pesquisadora Daniela Cristiane Ota, fatores como menores ganhos e salários, identificação por apelidos e não pelos próprios nomes, o apagamento da memória no meio de comunicação e do meio acadêmico, reforçam o argumento de que os sonoplastas de rádio são relegados a uma condição de *invisibilidade* e marginalização social. São considerados coadjuvantes, e a memória de seu trabalho tem sido *apagada*. É, portanto, necessário que se faça o resgate dessa memória, por meio de uma coleta e organização dos registros porventura existentes.

4.2 Novas alternativas de trabalho para o sonoplasta

Aspecto relevante são as constantes mudanças por que passou e ainda passa a função de sonoplasta, ao longo dos anos, com o processo de digitalização e a assimilação das atividades do sonoplasta por outros profissionais, como o Locutor, que se transformou no seu próprio operador de áudio, passando a se denominar *Disc Jockey* (DJ).

Em alguns casos, o sonoplasta se transformou em um multiprofissional, operando não apenas os equipamentos de áudio e fazendo locução, mas, também, operando equipamentos de iluminação e de efeitos visuais. Os operadores, limitados tão somente à condição de sonoplastas, estão sendo excluídos do mercado, tornados obsoletos, peças de museu, seres de atividades em vias de extinção.

Foto 28 – Paulo Roberto, sonoplasta



Foto: [s.a., s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/inIYp2>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Por outro aspecto, Elizalde (2000, p. 53) adverte sobre a hegemonia da visão cultural, que estabelece uma hierarquia de necessidades próprias de outras culturas e que acaba por impor concepções da realidade, pelas quais se tende a desvalorizar os próprios recursos, as riquezas, causando empobrecimento no momento em que se passa a aceitar tal escala de valores de desejos e de consumo.

As ideias desse autor chileno relacionam-se com o processo acelerado de avanço tecnológico, responsável, em parte, pela mudança de hábitos da nossa população, que acabou por trocar o rádio pela TV e, recentemente, a TV pela Internet, reunindo todas as mídias, por meio de um único instrumento, que as agrupa e lhes integra. Tal processo, em fluxo irreversível, pode ser imputado, também, às mudanças na função de sonoplasta, que acabou sendo transformada em *Disc Jockey* (DJ) e *Vídeo Jockey* (VJ), *Sound Designer*, *Sound Effects Designer*, designações empregadas para fazer menção aos atuais multiprofissionais de sonorização, que tornam os sonoplastas de antigamente em antiquados e obsoletos, tanto quanto seus instrumentos, suas formas de se comunicar e de divertir as pessoas.

Em consequência, o padrão de valores morais, culturais, sociológicos, entre outros, que eles representavam, também se transmuta, incluindo-se as relações sociais e familiares. Pode decorrer, portanto, daí, o possível desinteresse dos trabalhos acadêmicos em versar sobre um grupo de profissionais que outrora eram considerados criativos e gozavam de considerável importância na área comunicacional.

Por outro lado, em nível mundial, *Disc Jockeys* são celebridades e fazem fortuna, misturando música, efeitos sonoros e visuais, tanto que, segundo listagem da revista estadunidense Forbes, há milionários entre eles, conforme dados publicados no ano de 2014²⁰. Fazem espetáculos para multidões e são considerados artistas de sucesso. Neste cenário, destacam-se nomes como o do francês David Guetta, consagrado DJ e produtor de músicas, e o holandês Tiësto, um dos precursores neste setor. A Foto 29 mostra em atividade os irmãos DJ belgas Dimitri Vega & Like Mike em *show* pela vitória da Seleção da Bélgica, em 16 de outubro de 2015, no estádio *Roi Baudoin*, em Bruxelas.

²⁰ Fonte: The 405. *The 10 Highest-Paid DJ #10 deadmau5*. Disponível em: <<https://www.thefourohfive.com/music/article/the-10-highest-paid-DJ-142>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

Foto 29 – Dimitri Vega & Like Mike. PHOUSE. [Pedro Fialdini, 16 out. 2015]



Disponível em: <<http://www.phouse.com.br/selecao-da-belgica-alcanca-1o-lugar-no-ranking-da-fifa-e-chama-dimitri-vegas-like-mike-para-comandar-a-festa/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

No Brasil, o padrão de atuação dos DJ é parecido com os de nível internacional, *shows* de música eletrônica, realizados para grandes públicos na maioria das vezes, revestidos de toda a pompa do *showbiz*²¹. Mas, também, destacam-se os chamados MC²², que se evidenciam nas camadas mais populares e nos chamados bailes *funk*²³, espalhados por todo o Brasil.

Na cidade de Campo Grande-MS, sem as contas bancárias milionárias, contando com uma estrutura mais modesta e sem os recursos e os grandes públicos, a maioria dos DJ é originária do rádio. São locutores ou sonoplastas que usam aquela função como complementação de renda.

Alguns, como é o caso do DJ Ney, são apenas técnicos de som e iluminação, que oferecem somente o equipamento necessário para a animação de festas, com a execução de *Play Lists* (listas de longa duração, com músicas de diversos estilos pré-gravadas), sem oferecimento do serviço de locução, inclusive. Este tipo de serviço

²¹ Adota-se o conceito de *showbiz*, como sendo: “Mundo ou indústria do espetáculo”, conforme verbete na *Infopédia – Dicionários da Porto Editora*. Disponível em:

<<http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/showbiz>>. Acesso em: 6 set. 2016.

²² MC – acrônimo que significa Mestre de Cerimônia. O termo tem origem no *Reggae* e na música jamaicana, mas acabou sendo apropriado pelos animadores de grandes bailes *funk* no Brasil.

²³ “O *funk* é um estilo musical que surgiu através da música negra norte-americana no final da década de 1960. Na verdade, o *funk* se originou a partir da *Soul Music*, tendo uma batida mais pronunciada e algumas influências do *R&B*, *rock* e da música psicodélica. De fato, as características desse estilo musical são: ritmo sincopado, a densa linha de baixo, uma seção de metais forte e rítmica, além de uma percussão (batida) marcante”. Fonte: Brasil Escola. Disponível em:

<<http://brasilescola.uol.com.br/artes/funk.htm>>. Acesso em: 6 set. 2016.

(sonorização profissional, iluminação digital de pista e luz decorativas, *datashow*, projetor e telão) é uma das principais fontes alternativas de recursos financeiros futuros para os sonoplastas que ainda atuam no rádio local.

Foto 30 – DJ Ney



Foto do autor, 2016.

As concepções defendidas por Elizalde (2000) possibilitam refletir sobre a diferenciação entre evolução e desenvolvimento. No caso, a evolução tecnológica por que passaram os meios de comunicação, o rádio em especial, não representou significativo desenvolvimento na vida pessoal, social e profissional dos sonoplastas. Eles não foram protagonistas, não tomaram coletivamente o controle sobre essas mudanças e não se articularam de forma a fazer frente às transformações tecnológicas promovidas por outros agentes locais, como os donos de empresa de comunicação e as cadeias globais, sobretudo as midiáticas.

A atuação do sonoplasta de rádio em qualquer evento que requeira sonoplastia impulsiona a economia local. Nesse mercado de trabalho, existe demanda para profissionais de sonoplastia em casas noturnas, bares, festas diversas, casamentos, eventos científicos, como palestras e congressos, entrevistas coletivas, conferências de imprensa e até sonorização de cerimônias e cultos em igrejas; vislumbrando

oportunidade de ganhos extras, muitos profissionais de rádio acabam por atuar também nesses segmentos.

Uma questão essencial é o *incômodo* demonstrado por alguns sonoplastas ao se colocarem apenas na condição de operador. Pelo fato de a função estar sendo extinta ou transformada, com a fusão em outras funções dentro do veículo rádio, sentem-se constrangidos ou pouco orgulhosos de sua história. Daí, também, talvez, surja o desinteresse em manter viva a memória da sonoplastia. Mas, este não é caso de Marcos Antônio dos Santos, que se consagrou como sonoplasta, com o apelido de “*Marrom*”:

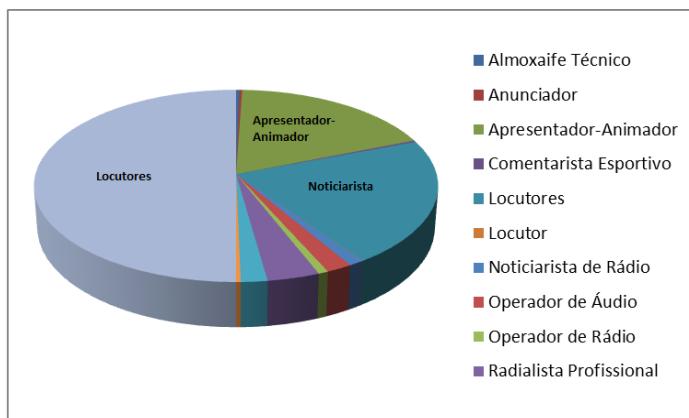
Primeiro, que não tem mais quase operador. Estão tudo mexendo com outra área. Só tem eu, o J.B. e uns outros poucos aí. Mas, não é vergonha, não. O rádio é o maior orgulho. Eu tenho o maior orgulho de trabalhar no rádio, ser sonoplasta, operador que ainda sou. Graças a Deus, estou no rádio. Arrumei um monte de amigos, e todos me respeitaram. Bom lembrar que eu não era do rádio. Mas, trabalhei com os melhores comunicadores que tem aqui em Campo Grande: Wilson de Aquino, Maurício Picarelli, Mário Márcio, *Juca Ganso*... Todos gostavam de mim, pela minha pessoa. O que importa para a pessoa que trabalha no rádio é ser humilde, ter caráter e ter um ‘nada consta’ contra ele. Não importa se é operador, locutor... sabe, eu tenho o maior valor como locutor e operador, e gosto muito de todos os operadores e, de todos, eu sou fã. O rádio, para mim, é uma sensação emocionante (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Registros profissionais continuam sendo emitidos pelo Ministério do Trabalho para os trabalhadores em Radiodifusão, inclusive para os que atuam com sonoplastia. De acordo com informações de Maria Conceição Vieira de Jesus do Nascimento, chefe substituta do Núcleo de Identificação e Registro Profissional, da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Mato Grosso do Sul, por meio de Ofício nº 0021/2016, de 20 de junho de 2016, foram concedidos 111 registros para a categoria profissional Radialista, na função sonoplasta, conforme dados assentados naquela Superintendência. Os registros não se referem somente a Campo Grande-MS, eles possuem base estadual.

Do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, Televisão, Publicidade e Similares de Mato Grosso do Sul (Sintercom), por meio de Ofício, recebeu-se a informação de que a última listagem sobre registros profissionais que se encontra naquela entidade se refere ao período de 01/01/1980 a 14/05/2013, os quais, também, foram extraídos do Sistema de Registro Profissional (SIRP WEB) e liberados para aquele sindicato, por meio da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MS (SRTE/MS). Nessa listagem, constam 1.857 registros feitos nas diversas

funções dos profissionais de radiodifusão, incluindo-se os de rádio e televisão. Especificamente, na área de rádio, foram concedidos 918 registros. Mas, os dados não se limitam a Campo Grande-MS, vez que o sindicato também tem base estadual. A entidade não forneceu dados mais atualizados.

Gráfico 9 – Registros profissionais no período de 01/01/1980 a 14/05/2015



Fontes: Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, Televisão, Publicidade e Similares de Mato Grosso do Sul (Sintercom) e Sistema de Registro Profissional (SIRPWEB) da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego/MS (SRTE/MS). As entidades não forneceram dados mais atualizados até o fechamento da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Comprova-se que, do total de 1.055 registros emitidos, exclusivamente, para os profissionais de rádio, o maior quantitativo se deu para a função de ‘locutor’, 732, em diversas modalidades: Apresentador-Animador – 674; Locutor-Noticiarista de Rádio – 38; Locutor-Comentarista Esportivo – 10; Locutor-Anunciador – 9; e, somente, Locutor – 1. E, que, além de Sonoplastas – 69, ainda aparecem outras cinco categorias (Almoxarife Técnico, 11; Operador de Áudio, 68; Operador de Rádio, 26; Supervisor Técnico, 12); e, entre elas, a de Radialista Profissional – 137, os quais podem desenvolver múltiplas funções dentro de uma emissora de rádio.

4.3 Migração de AM para FM

Encontra-se em fase final, o processo administrado pelo Ministério das Comunicações (MC) do Brasil, que autoriza a migração das emissoras de AM (Amplitude Modulada) para FM (Frequência Modulada). Um total de 1.388 emissoras já solicitou essa adaptação. As emissoras interessadas em fazer essa migração, devem

formalizar sua intenção na Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), para obter permissão do uso da nova frequência. Com essa autorização, os veículos já podem passar a operar na FM.

Evidentemente, que essa migração provocará transformações nas rotinas e nos procedimentos de trabalho das emissoras. A pesquisadora Daniela Ota (2016) analisa assim essas mudanças:

Eu penso que o rádio, depois da fase áurea dele, todo mundo dizia que ele iria acabar. Mas foi uma mídia que foi mudando, adaptando-se ao longo do tempo. A função do sonoplasta também vai ter que se adequar. Porque, atualmente, temos uma mudança bem significativa em equipamentos, que requer mais qualificação. Temos como exemplo a instalação da Educativa UFMS FM 99,9, os nossos equipamentos são todos digitais. Então, não é que a pessoa não vá mais saber operar a mesa, mas o equipamento tem um monte de recursos que a gente não conhece. Não são mais aqueles duzentos fios atrás, apenas um cabeamento agora, a rede de transmissão dela é muito maior, muito mais potente, os recursos que podem ser utilizados e que têm que ser manipulados pelo profissional são muito maiores. E, atualmente, a função de sonoplasta na criação de vinhetas, de trilhas, de estúdio, requer também um conhecimento de programas específicos. Num primeiro momento, na composição de quadros para nossa emissora, entrevistamos várias pessoas da área, que declararam não trabalhar, ainda, com esses programas. Fomos fazer um orçamento aqui, no mercado regional, não tinha nem os programas e nem os profissionais qualificados. Quem oferecia esse trabalho eram estúdios de São Paulo, de Goiânia, de Brasília, de Belo Horizonte. Então, penso que é um trabalho que não será extinto, porém, como tudo no rádio, deverá ser adaptado, não só pela questão da tecnologia, por toda uma mudança que as próprias emissoras tiveram em termos de programação. Antigamente, tínhamos, nas AM, pelo menos, um maior peso para o Jornalismo, programas que eram uma conversa entre os locutores e os ouvintes... Já, nas FM, não. Elas impessoalizam um pouco essa programação. E, nisso, há todo um trabalho de caracterização de vinhetas, de trilhas, que também é diferente (OTA, entrevista gravada, 2016).

Os mercados local e regional não se prepararam para essas mudanças, tanto que a rádio da Universidade Federal teve dificuldade na contratação de programas informatizados e profissionais para sua instalação e funcionamento. Os equipamentos e as linguagens se modernizaram, mas os profissionais da área não acompanharam.

A criação das rádios e televisões educativas, a partir de 1972, por meio do Art. 13 do Decreto-Lei nº 236, complementando o Código Brasileiro de Telecomunicações, é um marco relevante nas comunicações brasileiras:

A radiodifusão educativa pode ser outorgada a pessoas jurídicas de direito público interno, inclusive universidades e fundações de cunho educacional. É destinada à transmissão de programas educativo-culturais que, além de atuar em conjunto com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, vise à educação básica e superior, à educação permanente e à formação para o

trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional (NEUBERGER, 2012, p. 23).

Na prática, a rede pública de comunicação, sobretudo as educativas, não tem cumprido suas finalidades. As emissoras que a integram acabam se transformando em veículos de assessoria de comunicação dos dirigentes das entidades às quais estão ligadas, quando, na verdade, como o próprio nome indica, deveriam ser educativas, ou, no mínimo, pela qualidade de sua programação, representar uma alternativa às emissoras comerciais. A instalação da FM da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul representa uma esperança neste sentido, além de ampliar opções ao mercado de trabalho.

Sobre a migração para FM, também se manifestou o gerente da Rádio Cultura AM-680 de Campo Grande-MS, que não considera essas mudanças, em particular a migração AM para FM como um avanço tecnológico, pois poderá alterar a linguagem das emissoras AM, ameaçando o futuro da função do sonoplasta de rádio. Segundo Arthur Mário Medeiros de Ramalho (2016):

É um fator de preocupação para esses profissionais. O rádio FM, não só em Campo Grande, mas, de modo geral, em todo o Brasil, adotou o sistema de acúmulo de funções, em que o locutor é também operador de áudio, o chamado DJ, em que o próprio locutor-apresentador opera a mesa de áudio. Eu não gosto, porque o conteúdo cai muito. É impossível que uma pessoa só possa produzir efeitos, ser criativa como um sonoplasta que fica concentrado ali, para ancorar todo um trabalho de locução, da externa que vem com um repórter do jornalismo, as transmissões esportivas, as coberturas de eleição, de carnaval, de grandes eventos que as emissoras transmitem. Ou seja, o conteúdo fica muito pobre. Nas conversas que eu tenho com a direção da Rádio Cultura, eu sempre defendo que se mantenha o mesmo formato, isto é, que a emissora, ao migrar para a FM, continue com os sonoplastas, que eles continuem dando esse apoio ao locutor. E esse conteúdo do AM, no processo da migração, que seja mantido. Porque, se as emissoras AM que terão essa oportunidade de migrar para FM adotarem a mesma plástica, o mesmo formato que as FM, de um modo geral, adotaram, a gente terá um padrão, um formato, uma linguagem de rádio que não vai dar opção pro ouvinte. Então, nessa ideia, por conta do impacto econômico no custo das emissoras, eu creio que ainda vamos ter um amadurecimento. Os concessionários de rádio, os radiodifusores de Campo Grande precisarão adotar um pouco daquilo que as grandes capitais fizeram, que é, de alguma maneira, estabelecer a concorrência de uma forma que o rádio (**mídia**) ganhe, que não caia o nível, o padrão. E a Rádio Cultura, que é uma das tradicionais do rádio campo-grandense, precisa ter essa preocupação de, ao passar para a FM, manter o mesmo formato de interatividade com o ouvinte, essa possibilidade da fala mansa, sem que aquela correria do FM seja mantida. Essa é a nossa esperança.

O rádio vai perder a humanização e a agilidade do sonoplasta, para o Arthur Mário Medeiros de Ramalho, é pouco provável que um único profissional (DJ) consiga manter na FM o padrão de interatividade que as AM conseguem com o trabalho dos

sonoplastas. Ressalte-se o importante indicativo de que o gerente tentará manter os sonoplastas nos quadros da emissora que dirige. Já, para Edna de Souza, sonoplasta da rádio Mega-FM, 94,3 de Campo Grande-MS, a única mulher remanescente nesta função no rádio local na cidade de Campo Grande-MS, o cenário é pessimista. Na opinião da profissional, essas mudanças transformarão o sonoplasta de rádio em peça de museu. Ela expressa deste modo o seu pessimismo:

Infelizmente, eu acho que vai acabar. Eu não vejo razão para essa mudança, vai migrar para FM e ter que adotar o sistema de DJ. Pode-se ter sim o sonoplasta dentro de uma FM. Tem locutores que acabam fazendo sonoplastia para aqueles horários que são comprados, a maioria por políticos. Nesses horários, o locutor acaba fazendo papel de sonoplasta, para manter a rádio no ar, porque determinado horário foi vendido e, normalmente é para políticos, ou para aqueles que querem se tornar políticos, e não são do meio, não da área. Porque, se fossem do meio, iriam querer aprender, também, a fazer sonoplastia, pois, como eu te disse, rádio é uma paixão; por isso, você quer sempre aprender a fazer de tudo um pouco. Então, vai se extinguir a função do sonoplasta, nós já vemos aí, essa extinção acontecendo. Só que, a maioria tá virando locutor, para poder manter a profissão. Só que muitos não têm a habilidade para locução, é só sonoplasta e não consegue fazer locução. Esses, então, infelizmente, vão ter que acabar arrumando outros meios, mudando de profissão. Mas, se quisessem mesmo, essas AM que estão migrando para FM poderiam manter sim os seus sonoplastas. Não vejo o porquê de ser diferente. Não há por que ter que mudar o estilo também. Particularmente, sou apaixonada pelo rádio AM. E o grande diferencial de uma rádio AM para uma FM é esse papel de estar próximo ao ouvinte. E é o sonoplasta que faz esse diferencial, porque ele cria, por meio do seu som, as brincadeiras, as vinhetas, as trilhas, que fazem com que ele consiga interagir com quem está do outro lado, com quem está em casa. É o trabalho do sonoplasta que mexe com a imaginação do ouvinte. Eu acho que uma rádio sem sonoplasta vira uma rádio sem criatividade, sem amor, sem aquele carisma que se passa, sem aquela fantasia do rádio (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

Os entrevistados desta pesquisa foram unâimes ao afirmar que essas mudanças estão exigindo mais do profissional de sonoplastia de rádio, isto é, daqueles que conseguiram se manter no mercado de trabalho.

Para Edna de Souza, o veículo mudou, a linguagem mudou e, para permanecer no mercado de trabalho, o profissional de sonoplastia tem que se preparar melhor, tem que estudar mais:

São programas de informática, são vários. Tem o *Live 8*, *Pulsar*, que são os que mais se trabalha. Hoje, só se trabalha com computadores. Antigamente, não. Eram as cartucheiras, das quais eu sinto saudades. Hoje, às vezes, você tem que trabalhar com dois, três computadores ao mesmo tempo. A mesa diminuiu, menos botões, menos fios, mas a agilidade tem que ser maior. (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

O sonoplasta Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, da Rádio Cultura AM-680 mHz de Campo Grande-MS, em sua percepção futura, não vislumbra situação de desenvolvimento dos cargos e funções favoráveis ao sonoplasta, em particular pela mudança que vem ocorrendo no processo de migração de AM para FM. Ele assegura que:

Para sonoplasta, já acabou essa época. Ainda sou sonoplasta, porque estou fazendo de tudo dentro do rádio. Mas, essa época do operador de áudio já acabou. Desde quando a FM começou, isso foi terminando. Na Cultura, que ainda é AM, e em outras rádios, como a Globo-AM, ainda vejo com operador, mas a Cultura já está preparada para não ter mais operador de áudio. Tinha seis operadores trabalhando aqui comigo, ficou só eu, porque eu não fiquei só nessa área, comecei a fazer gravação, correr atrás de falar um pouquinho também (locução), aí, disseram *ele é útil, deixa ele aí* (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Ressalte-se que “*Marrom*” considera o surgimento da FM como o início da decadência do trabalho dos sonoplastas. Importante também destacar que ele é o único sonoplasta ainda em atividade na Rádio Cultura-AM de Campo Grande-MS.

Resta aos profissionais de sonoplastia de rádio a mudança na forma de trabalho ou preparação para que se adaptem às transformações. Uma das alternativas é se tornar locutor ou DJ. Foi nisso que apostou “*Marrom*”, ao confirmar sua opção:

Eu já tenho, no meu registro profissional, a expressão ‘locutor-apresentador-animador’. Eu não deixei colocar só ‘operador’. Pelo tempo que tô no rádio, eu já merecia uma oportunidade, e eles me deram essa oportunidade, graças a Deus (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

“*Marrom*” é uma exceção. Nem todos têm o talento, a habilidade, a capacidade e a oportunidade para saltar de sonoplasta a locutor. O nível de escolaridade da maior parte dos integrantes da categoria é baixo, falta formação técnico-profissionalizante para poder se adaptar a novas funções dentro do rádio.

O exercício da atividade de sonoplasta, em muitas emissoras de rádio, passou por acentuadas modificações a partir dos anos de 1980-1990, sobretudo pela digitalização, sendo incorporado, ao longo da história do rádio, pelas funções de locutor, que, em tempos próximos, passou a ser chamado de DJ (*Disc Jockey*), profissional o qual executa, ao mesmo tempo, as duas atividades, de locutor e sonoplasta. Esse processo está sendo acelerado pelos empregadores, que, com a migração das AM para FM, estão em ação iminente para a extinção da função de sonoplasta. Resta aos

profissionais de sonoplastia de rádio aprender a trabalhar como DJ, ou procurar outros meios de sobrevivência.

Para se adaptar às novas funções e exigências do rádio que se transforma tecnologicamente, como veículo de comunicação, o profissional de sonoplastia está sendo obrigado a estudar, a aperfeiçoar-se em novas técnicas, com outros instrumentos. Marco Antônio dos Santos “*Marrom*” confirma essa necessidade:

Sim. Há essa necessidade. O camarada não pode estacionar. Tem camarada que acha que é só colocar disco, colocar comercial, ficar olhando para a cara do locutor, ligar e desligar microfone, mas não é não. Tem que ser criativo, tem que ser um artista. Na verdade, o operador de áudio tem que ser um sonoplasta, fazer tudo, colocar efeitos, enfeitar um programa. Porque, senão, fica estacionado no tempo e ninguém gosta de quem fica estacionado. Então, tem sempre que progredir na vida e batalhar por aquilo que você gosta. Só fica no rádio quem gosta de rádio (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

No passado, o rádio e suas funções, como a do sonoplasta, talvez, pudessem ser motivadas apenas pelo lado artístico, pela criatividade e pela prática. Mas, como afirmam os entrevistados, há a necessidade de estudar e se aprimorar, aprender as novas técnicas do meio.

A pesquisadora Daniela Cristiane Ota confirma que há dificuldade para ambos, ou seja, o locutor está tendo que aprender a ser sonoplasta, e o sonoplasta tendo que aprender a ser locutor, para se adaptarem à função de DJ, pois as duas funções estão se fundindo uma na outra. Ela confirma essa necessidade de adaptação:

Eu acredito que sim, porque, atualmente, no estúdio da Jovem Pan FM 100,9, em São Paulo, por exemplo, tem-se um estúdio muito pequeno, em que cabe apenas uma mesa, aparelho de última geração, mas de tamanho limitado a 5m por 5m, e ali só cabe o locutor, que entra para gravar as chamadas do programa, ele mesmo controla a mesa, ele próprio faz os cortes, edita tudo... Então, já se verifica que isto está acontecendo (OTA, entrevista gravada, 2016).

Mesmo levando em consideração todas as mudanças de funções e atribuições do sonoplasta dentro da programação e de sua atuação no veículo rádio, motivadas pelos avanços tecnológicos e pelas regras de mercado, o gerente Arthur Mário Medeiros de Ramalho ainda acredita no potencial de contribuição do sonoplasta para o enriquecimento da programação de rádio, seu discurso e sua linguagem, bem como na força como agente de DL. Arthur Mário Medeiros de Ramalho disse:

Eu creio que sim, principalmente, a emissora AM que ainda valoriza o profissional da sonoplastia, porque a maioria das rádios FM adotou o comunicador que é o *Disc Jockey*, o DJ, que acaba acumulando função. Mas, daquilo que eu observo ainda, os sonoplastas do rádio em Campo Grande dão uma contribuição fantástica. Por exemplo, Marcos Antônio Marrom, aqui da Rádio Cultura, desenvolve um trabalho fora aqui da rádio, no estúdio particular na casa dele, atendendo pessoas que querem a transcrição do áudio de LP (*Long Plays*) e os compactos (**ambos discos em vinil**), para os CD (**em linguagem digital**). Ele presta esse serviço fantástico. Porque as pessoas têm os LP, mas não têm o toca-discos. Então, ele realiza essa ação transformadora, ele presta esse serviço particular. E é muito mais como prestação de serviço do que para um enriquecimento, para um aumento de renda, porque eu sei que ele cobra baratinho, eu vejo o que ele faz para algumas pessoas. E, também, não divulga muito. São alguns amigos a que ele atende. Vejo, por exemplo, também, o Jotabê, da nossa coirmã rádio Difusora, ele que hoje é um personagem que desenvolve uma produção aqui em Campo Grande, dos shows de Flash Back, os encontros, os bailes dessa categoria. Mistura ações de entretenimento e de cultura, as quais têm um grande público de seguidores, especialmente seguidores do nosso amigo Jotabê. Outro exemplo: Benê Jorge, sonoplasta de rádio. Ele começou fazendo *bicos*, animando festas de escolas, festas juninas, natalinas. Uma vez, ele foi o Papai Noel da Rádio Cultura, gostou da atividade e continua até os dias de hoje, animando festas desse tipo. É um cara que tem um domínio de palco, versatilidade, festas juninas, natalinas, infantis etc. Ou seja, da sonoplastia de rádio, nasceram personagens que dão essa contribuição, de uma forma muito positiva, no cotidiano da cidade (RAMALHO, entrevista gravada, 2016 – *negrito e itálico acrescidos pelo autor*).

Talvez, usando do prestígio e da versatilidade adquiridos pelo trabalho no rádio, conforme explicou Arthur Mário Medeiros de Ramalho, alguns dos profissionais do meio consigam continuar a se sobressair em atividades paralelas, ganhando espaço como animadores culturais. Nesse aspecto, a experiência do trabalho em rádio é decisiva. Mas, o mundo em rede exige muito mais preparação.

Foto 31 – Extraída de: GED Premier – Soluções e Apoio para Marketing Direto. Marcelo Munerato. *O paradigma da produtividade em nossas empresas*



Disponível em: <<http://www.gedpremier.com.br/news/o-paradigma-da-produtividade-em-nossas-empresas>>. Acesso em: 6 set. 2016.

Em suas reflexões sobre a pós-modernidade, Santos (2013) critica esse debate, que, segundo ele, raramente permite avançar no entendimento do mundo. Entre outras coisas, refere-se à constante repetição das ideias de P. Virilo (1984), para quem o espaço terminou e só existe o tempo. Santos (2013, p. 38) cita, ainda, Giddens (1991), segundo o qual se vive uma época do tempo vazio e do espaço vazio:

Por *tempo* vamos entender grosseiramente o transcurso, a sucessão dos eventos e sua trama. Por *espaço* vamos entender o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos. E por mundo entendemos a soma, que é também síntese, de eventos e lugares. A cada momento mudam juntos o tempo, o espaço e o *mundo*. Desse modo, nossa grande tarefa é definir o Presente segundo essa ótica (SANTOS, 2013, p. 38).

Prosseguindo na discussão, Santos reporta-se a Régis Debray (1991), o qual considera em paralelo a preocupação com a mídia e com o espaço, como campo de trabalho dos midiólogos e dos geógrafos. Segundo Santos (2013, p. 38):

O espaço é mídia nos dois sentidos. Ele é *linguagem* e também é o *meio* onde a vida é tornada possível. A percepção, pela sociedade e pelo indivíduo, do que esse espaço é depende da forma de sua historicização, e esta resulta, em grande parte, dos processos nos transportes e nas comunicações, na construção do tempo social.

Também menciona Renato Ortiz (1991), ao enfatizar o cenário de necessidade de percepção da mudança nos meios de vencer a distância pelos objetos (transporte) e pelas ideias (comunicação) e acrescenta:

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser intelectualmente reconstruídas em termos de sistema, isto é, como mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana realizando-se. Essa realização dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas, as ações e suas diversas funções (SANTOS, 2013, p. 39).

Santos (2013) expõe a ideia de mundo-mundo, numa concepção plena de globalização da Terra, partindo de uma comunidade mundial, com uma unicidade de técnicas que levou à unificação do espaço em termos globais e à unificação do tempo em termos globais. “O espaço é tornado único, à medida que os lugares se globalizam. Cada lugar, não importa onde se encontre, revela o mundo (no que ele é, mas também no que ele não é), já que todos os lugares são suscetíveis de intercomunicação” (2013, p. 40).

Concorda-se com Santos (2013) no tocante à afirmativa de que a maravilha das técnicas vivenciadas nos tempos hodiernos proporciona que todos os lugares se unam, porque afinal, os momentos se convergiram. Segundo ele, a história do ser humano é, durante milênios, a história dos momentos divergentes, a soma de acontecimentos dispersos, disparatados e desconexos. No entanto, adverte que, a história da humanidade da geração presente é composta de momentos convergentes, em que, o acontecimento de qualquer lugar pode ser de imediato comunicado a qualquer outro. E, deste modo, o tempo é unificado, também, pela generalização de necessidades fundamentais à vida humana, de gostos e desejos tornados comuns em escala mundial.

Existe um novo meio técnico-científico-informacional e geográfico, que é o território, que, agora, abrange novos elementos dados pela ciência, tecnologia e informação:

Nesse mundo, a primeira natureza que conta já não é a natureza natural, mas sim a natureza artificializada. A produção depende do artifício, subordinando-se aos determinismos do artifício. A produção já não é definida como trabalho intelectual sobre a natureza natural, mas como trabalho intelectual vivo sobre o trabalho intelectual morto, natureza artificial. Se isso já constituía, desde alguns séculos, o fato da cidade, hoje é também fato do campo. Ciência, tecnologia e informação fazem parte dos afazeres cotidianos do campo modernizado [...]. O meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem lugares mundiais (SANTOS, 2013, p. 41).

Harvey (2008, p. 4) ao discorrer sobre as origens da mudança cultural na pós-modernidade, alerta sobre a necessidade de se repensar a natureza do espaço e a relação espaço-tempo:

Vem ocorrendo uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas, desde mais ou menos 1972. Essa mudança abissal está vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. Embora a simultaneidade nas dimensões mutantes do tempo e do espaço não seja prova de conexão necessária ou causal, podem-se aduzir bases *a priori* em favor da proposição de que há algum tipo de relação necessária entre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e um novo ciclo de *compressão do tempo-espac*o na organização do capitalismo. Mas essas mudanças, quando confrontadas com as regras básicas de acumulação capitalista, mostram-se mais como transformações da aparência superficial do que como sinais do surgimento de alguma sociedade pós-capitalista ou mesmo pós-industrial inteiramente nova.

Mais uma vez, aparece a ideia de territorialidades sem território, espaço contínuo; relacionada aqui, com a tendência para eliminação de espaço e tempo, nas relações interpessoais, pela comunicação virtual e pela *virtualidade sonora*. No meio deste processo se inserem o *apagamento* histórico da memória da sonoplastia e de *invisibilidade* do sonoplasta como agente do DL. Na opinião do gerente da Rádio Cultura-AM, Arthur Mário Medeiros de Ramalho, os efeitos sonoros, musicais, as chamadas, as vinhetas de abertura, passagem e encerramento, os intervalos comerciais e toda a dinâmica dos programas passam pelas mãos e pela criatividade do sonoplasta, cujo trabalho permite uma melhora na qualidade da programação, e tudo isso vai se perder, se ele for retirado da FM.

Segundo o gerente, acima referido, esse seria, então, o diferencial do trabalho do sonoplasta, sua atividade auxilia na consolidação da informação e, por consequência, influencia no Desenvolvimento Local, ao promover mudanças na realidade social. Arthur Mário Medeiros de Ramalho aponta que isso ocorre em programas da emissora a qual dirige:

Por exemplo, o jornalístico matutino da emissora (**Cultura AM-680**) é um referencial disso. A cada notícia, o Marco Antônio Marrom, que é o sonoplasta do horário, vive uma concentração tamanha, que acrescenta improvisos e comentários musicais, de acordo com a informação que está sendo passada. Ele dá o tom de crítica, de elogio etc. Ele consegue buscar na música regional, principalmente, mas, também, na MPB, na música em geral, poesias, composições que conduzam o ouvinte a também formar opinião, baseado naquelas trilhas, que, de improviso, ele coloca nas notícias. E, na interatividade da emissora, com ouvintes participando, ou na intervenção dos jornalistas, o repórter que traz alguma entrevista local, de repente, os sonoplastas da emissora improvisam, independentemente daquilo que a discoteca da emissora produziu ou programou. Essa capacidade dos sonoplastas, de improvisação, interfere em muito no conteúdo e dá uma enorme contribuição artística muito intensa, muito bacana (RAMALHO, entrevista gravada 2016 – *negrito acrescido pelo autor*).

Arthur Mário Medeiros de Ramalho reconhece que as *ilustrações sonoras* ou os *desenhos sonoros* do sonoplasta enriquecem a linguagem do rádio e agregam valor, dão o tom às informações transmitidas. Nesse sentido, portanto, o sonoplasta também é um formador de opinião.

Nas entrevistas realizadas para esta dissertação, constatou-se que a maioria dos profissionais de sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, bem como no restante do país, não possui formação técnica escolar específica para o exercício da atividade; aprenderam a profissão, na prática. Comprova-se isso pelas declarações da sonoplasta

Edna de Souza:

Eu aprendi na prática. Não tenho formação técnica. Vendo, observando,²⁴ acompanhando o trabalho deles ali, diariamente, sendo empurrada. O Josino²⁴ chegava e dizia ‘Você vai fazer isso aqui’, e eu dizia, não, mas eu não estou preparada, e ele me encorajava, e eu acabava fazendo. Com o Carlinhos Jacaré, sonoplasta de pista, no futebol, cheguei até a puxar fio, na época em que as transmissões usavam esse tipo de coisa, instalando equipamento nos estádios, aprendendo a fazer ‘jacaré’²⁵. Com o sonoplasta Orlando dos Santos, muitas vezes, peguei aula por telefone. Eu ligava e dizia: Orlando, por favor, me socorre aqui! Como é que eu faço tal ligação? Que microfone eu tenho que ligar? Então, foi assim, na prática, eu fui aprendendo a fazer. Eu falo que eu sou uma profissional, embora eu não tenha pegado em livros, não tive essa formação escolar, mas fui lá, aprender a fazer. Muitos aprendem ao passar por uma faculdade, na área de Jornalismo e tudo o mais e, depois, têm que vir para aprender na prática. E eu já fui direto para a prática. E me apaixonei, sou uma amante do rádio. Só trabalho em rádio, até hoje (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

Assim como Edna de Souza, a maioria dos sonoplastas, senão a totalidade deles e delas, aprendeu a atividade na prática, com outros colegas, que já estavam no rádio. O caso de Edna é ainda mais expressivo, porque, ela exerceu e ainda exerce diversas atividades no rádio, como sonoplasta, locutora, DJ e produtora.

Existem muitos cursos no mercado, para ensinar sonoplastia, alguns, inclusive, para sonoplastia de igrejas, que é um segmento novo para os trabalhadores do setor de rádio. A maioria é curso particular, de caráter informal e com realização não periódica, ministrada por ex-profissionais da área de rádio. Entretanto, a rede formal, de escolas e universidades, não costuma oferecer esse tipo de formação técnica. E, assim foi também com o reconhecido profissional de sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, Marcos Antônio dos Santos “Marrom”, o qual confirma que não passou por formação escolar específica e que aprendeu o trabalho na prática:

Aprendi, trabalhando. Me colocaram como sonoplasta, que eu sou até hoje, mas já faço tudo no rádio. Depois de um ano que eu havia entrado na Cultura, como era rapaz novo, solteiro, aventureiro, fui atrás de uma namorada, larguei a rádio, e seu Ramão Achucarro (gerente da emissora, à época), me mandou embora. Daí, entrei na rádio Educação Rural, fiquei lá, também, pouco tempo, porque minha paixão era a Rádio Cultura. Então, saí da Rural e voltei para Cultura, na qual fiquei até 1991-1992. Aí, em 1994, voltei e tô firme na Rádio Cultura novamente, graças a Deus (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

²⁴ Josino Teodoro. Produtor e locutor de rádio. Trabalhou na Rádio Cultura AM-680 e em muitas outras emissoras de Campo Grande-MS. Faleceu em 28 de junho de 2013.

²⁵ Um tipo de gambiarra artesanal para captação de sinais sonoros. Na linguagem do radioamador, apelido dado a quem tem a boca grande (boa transmissão) e o ouvido pequeno (péssima recepção).

Para se tornar sonoplasta, nos tempos mais remotos, não se requeria formação técnico-profissional. Bastava ter paixão pelo rádio e paciência para aguardar uma oportunidade.

Por outro lado, o repórter-fotográfico Roberto Higa, que acompanhou e registrou a vida dos profissionais de imprensa de Campo Grande-MS, não crê que os avanços tecnológicos tragam prejuízo aos profissionais de rádio e, em particular, aos sonoplastas de rádio:

Eu acho que nada mata nada. Quando apareceu a máquina digital, disseram: ‘agora, acabou a profissão de fotógrafo’. Penso que não falta espaço para o cara que é bom, desde que ele faça bem o seu trabalho. Se o cara é um bom profissional, nunca vai lhe faltar serviço. Grande parte da minha carreira fotografiei em analógico. Por exemplo, quando quebrou minha máquina de escanear, mandei para consertar em São Paulo, e eles disseram que não tinha mais jeito. Aí, criamos, inventamos aqui uma maneira de se fotografar negativos, para manter viva a nossa história registrada em imagens. Então, acho que o profissional que faz as coisas com carinho, com amor, com dedicação, com zelo, ele nunca perde espaço. Então, sempre vai ter espaço para rádio analógico, digital, assim como eu tive que me adaptar ao digital, mas não abandonei meu material analógico. O profissional tem que se adaptar às mudanças. Da minha turma da época de analógico, restam poucos, penso que eu, o Tião e o Gomes, mas, também nos adaptamos ao digital e, ainda assim, estamos aí, no mercado (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Uma das características dos profissionais de sonoplastia é a alta rotatividade entre as empresas. Isso pode ocorrer em função da baixa remuneração e do pouco reconhecimento que se dá ao trabalho desses radialistas. Mas, também, pela baixa escolaridade e qualificação técnica de alguns. “Marrom” é uma exceção, pois já está há 22 anos trabalhando na mesma emissora. Deste modo, para atingir visibilidade e ser protagonista como agente de DL, o profissional da sonoplastia precisa atentar-se para a evolução técnica da atividade, compreender suas limitações técnicas, entender as transformações urbanas e as condições de acesso aos processos educativos que permitam seu aprimoramento laboral.

Os profissionais entrevistados para esta pesquisa, apesar das dificuldades de salários e de reconhecimento, não pensam em abandonar a atividade de sonoplasta. Todavia, eles também consideram como normal o exercício de outros trabalhos como forma de sobrevivência. O exercício de outras atividades já é uma prática hodierna para eles e não seria provocada com exclusividade, neste momento, apenas por avanços tecnológicos e mudanças de legislação. Sobre outros trabalhos, ou *bicos*, a sonoplasta Edna de Souza, da Rádio Mega FM 94,3, declarou:

Tem que ter, você sabe muito bem que a gente, mesmo (estando) dentro do rádio, tem que ter outras atividades. Principalmente, hoje em dia, para quem não tem uma formação técnica, o salário do rádio não é tão bom, e a gente tem que estar fazendo outras atividades para complementar (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

As condições de trabalho não são compensadoras do ponto de vista financeiro. Não resta ao sonoplasta de rádio alternativa, senão complementar sua renda com bicos em variadas atividades, algumas, inclusive, fora do meio radiofônico, até animando festas temáticas como Papai Noel, ou fazendo sonorização em igrejas.

Por sua vez, o sonoplasta Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, da Rádio Cultura AM-680, explicita que se considera um multiprofissional, que não se limita à sonoplastia, à locução e nem às atividades ligadas ao rádio. Ele afirma:

Eu faço um monte de coisa, já cuidei de carro em estacionamento; já fiz isso, fiz aquilo; porque o importante não é eu trabalhar só no rádio. Falar ‘é o “*Marrom*” da Rádio Cultura’. Não, o importante é eu sustentar a minha família. Então, eu faço tudo. Mexo com fita de VHS, gravo do LP para o CD, mexo com vídeo, corro atrás de uma coisa ou de outra, nunca fico parado. Ultimamente, eu mexia com *disc-mensagem*, só que parou, por causa do celular, que tomou todo o serviço, sabe como é que é a tecnologia, não é? Mas, ganhei um pouco de dinheiro com isso também. É tudo o que eu tenho: uma família bacana, e creio muito em Deus, Deus é meu tudo (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Verifica-se que os avanços tecnológicos estão revolucionando, também, a maneira como as pessoas se relacionam e interferindo no mercado de trabalho, com a extinção ou fusão de postos de trabalho. Desta forma, profissionais da área, em particular da sonoplastia, estão tendo que rever e se adaptar a novas relações profissionais e pessoais. Apesar de não terem o papel de protagonistas e o controle frente às mudanças tecnológicas pelas quais vêm passando como profissionais do meio rádio, verifica-se, pelo menos consoante os depoimentos dos entrevistados, certo padrão de inserção e visibilidade dessas pessoas na comunidade, ainda que não esteja documentada no meio acadêmico e nem em outros registros históricos; ou seja, a importância desses atores para o desenvolvimento do território e das populações em que atuaram e atuam é inegável, mas com reconhecimento precário.

Foto 32 – João Rocha, sonoplasta, em pé, à esquerda. Também, aparecem Orlando, Dante Filho, Luiz Taques, Rogério Alexandre, Vander Loubet, Sônia Bacha e Edna Delanima.



Foto: Sebastião Guimarães, 1982. Arquivos do jornalista Gérson Jara.

[...] eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Jacques Le Goff. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 476.

5 OS PROFISSIONAIS POR ELES MESMOS

A perspectiva dos entrevistados por eles mesmos demonstra o perfil, os aspectos relevantes da sua trajetória profissional, a percepção de mundo e a contribuição com os objetivos desta pesquisa. São apresentados independentemente da sua ordem de aparecimento nos capítulos anteriores. O critério de escolha dos entrevistados e comentários sobre a história de vida e sua participação na construção da memória da cidade são mostrados em bloco, ao final dos depoimentos, e não de forma entrecortada, para que não se perca a integridade e o conteúdo emocional existente nas declarações.

5.1 Arthur Mário Medeiros de Ramalho

Foto 33 – Locutor esportivo e jornalista Arthur Mário Medeiros de Ramalho na transmissão da final da *Copa Cidade de Campo Grande-MS de Voleibol*, Ginásio Avelino dos Reis, o Guanandizão



Foto: arquivo pessoal do entrevistado. Disponível em:
<https://www.facebook.com/girodoesportems/photos/t.1832068842/521546314530094/?type=3&theater>. Acesso em: 8 ago. 2016.

Embora se aproxime de uma conversa, a entrevista é, sobretudo, um instrumento e, também, uma técnica científica para se obter dados que não podem ser colhidos em documentos ou outras fontes de registro. Segundo Roberto Jarry Richardson (1999, p. 207):

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, *entre* e *vista*. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. *Entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo *entrevista* refere-se ao *ato de perceber realizado entre duas pessoas*.

Entrevista semiestruturada é aquela em que se utiliza um roteiro prévio. Para atender aos objetivos desta pesquisa, estabeleceu-se um eixo comum de perguntas, de forma que os aspectos pesquisados fossem constatados na fala de cada um dos entrevistados. Todavia, houve momentos de total liberdade para os entrevistados, em que eles puderam falar de suas trajetórias profissionais, o que, também, contribuiu para que fosse possível apreender detalhes de seus perfis e até justificar suas escolhas como sujeitos pesquisados. Desse modo, com antecedência, foram elaboradas questões que permitissem o tratamento e a análise das informações advindas das entrevistas e dos entrevistados. Também, segundo Elisa Antônio Ribeiro (2008, p. 141), a entrevista é:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Nesse contexto, Arthur Mário Medeiros de Ramalho foi escolhido para ser entrevistado, por sua longa experiência como profissional de rádio, por estar conduzindo, como gerente, o processo de transformação da Rádio Cultura, de AM para FM, e por sua constante preocupação com a preservação da memória do rádio local.

O profissional disse que sua primeira atuação no rádio foi ainda jovem, aos 16 anos de idade, na Rádio Cultura AM-680, na rua 26 de Agosto, onde, segundo ele, havia uma *verdadeira escola* do rádio. Esclarece que começou na área da produção, na área administrativa, enfim. Era um bom datilógrafo, garoto vindo do interior e, por fim, caiu dentro do rádio. Jamais imaginou que, vindo a família, as irmãs mais velhas, para estudar, o pai e a mãe, que ele pudesse trabalhar no rádio, o qual, para ele, era um grande divertimento e uma fonte de informação, ainda quando estava lá em Nova Andradina, sua cidade natal. Então, aos dezesseis anos de idade, entrou em contato com

esse mundo mágico do rádio. Fazia a parte administrativa, auxiliava na equipe de esportes, que, naquela época, viajava o Brasil todo. Recorda-se até da primeira transmissão internacional, que foi da *Libertadores da América*, com três jogos:

O time do Cruzeiro-MG contra o Boca Júnior-ARG, duas partidas empataram, e a rádio Cultura fez a primeira transmissão internacional, o jogo foi num campo neutro, lá em Montevidéu-URU. Foi um jogo em Belo Horizonte-MG, outro em Buenos Aires. E, aí, teve que acontecer uma terceira partida, e eu menino, ainda, ali, cuidando da produção, reserva de hotéis, pedido de linhas da Embratel²⁶, Telems²⁷ (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

E, foi aí que ele se encantou com a mídia, porque ouvia rádio e, de repente, foi para a Capital (aliás, à época, Estado de Mato Grosso uno), Campo Grande era a chamada capital econômica do Estado. Então, caiu nesse mundo mágico e, lá, ficou por cinco anos. Depois, passou no concurso do Banco do Brasil, mas a *cachaça do rádio*, essa coisa o instigava.

Só que eu não fiz carreira, fiquei no Banco quinze anos, não quis ir para fora, sempre trabalhando em Campo Grande-MS. Fiquei afastado do rádio um período, mas, depois, eu retornoi, como repórter esportivo, no ano de 1982, trabalhando com Edgar Escaramuça, Líbio Portela [...]. Eles gostavam da minha voz, eu trabalhava com eles, ali, e eles sempre me falavam 'Poxa! Você gosta tanto de esportes, por que é que você não participa?' (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

Então, em 1982, ele iniciou as atividades de repórter esportivo, conciliando com o trabalho no Banco do Brasil, em que tinha seis horas de jornada. Passados muitos anos, trabalhou na Difusora (com Edgar Lopes de Farias *Escaramuça* e Líbio Portela), na Educação Rural (com Gilberto Pereira Guedes), retornou para a Difusora e, depois, foi trabalhar na Rádio Educativa. E continuava com as atividades bancárias, mas sua poesia, o seu *hobby* era o rádio esportivo.

Aí, no ano de 1996, eu recebi um convite para gerenciar a rádio Cultura. Dois anos antes, o mais velho da família Barbosa Rodrigues, o José Maria faleceu, e o Antônio João me convidou para fazer uma gestão administrativa, artística etc. Foi um período muito bacana. Aí, eu tive a oportunidade de dirigir a emissora, conciliando, também, as atividades de bancário, eu trabalhava no Centro de Processamento, às vezes à noite, às vezes de madrugada. Tinha quatro turnos, tinha quatro opções de trabalho. Trabalhava no banco, às vezes à noite, e na rádio durante o dia; ou trabalhava de madrugada no banco e fazia um período na rádio Cultura, pelo cargo de confiança, enfim (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

²⁶ Empresa Brasileira de Telecomunicações – Embratel.

²⁷ Telecomunicações de Mato Grosso do Sul S/A – Telems.

Arthur Mário Medeiros de Ramalho ficou afastado do esporte, por um período de três anos, e decidiu parar definitivamente, com o rádio. No entanto, recorda-se que, no ano de 1990, estava na Santa Casa de Campo Grande-MS, quando seu filho mais velho, o Alex, passava por uma cirurgia, de apendicite, e, ali, encontrou-se com Altair Roque, Operador de Áudio na TV Morena nos dias atuais, e que, naquela época, coordenava a equipe técnica da rádio Difusora, descobriu-o e foi procurá-lo, a pedido do Fábio Zahran, para que se montasse uma equipe de esportes. Diversos profissionais do esporte migraram para o radiojornalismo.

Por meio daquele convite do Fábio Zahran, montou-se uma equipe de esporte, no ano de 1990. Arthur Mário Medeiros de Ramalho, que já se havia iniciado a fazer narrações, queria aprender a narrar futebol e, depois, as reportagens. Já fazia gravações, *off tube* (quando o narrador não está fisicamente no local do evento, mas narra, por meio de imagens de televisão), gravava e ouvia programas em emissoras de rádio, em que figuravam os nomes do rádio esportivo.

E aí, naquele convite do Fábio Zahran, montamos uma equipe de esportes. Eu como segundo narrador, o Lourival Pereira veio de Rio Brilhante, contratamos ele, e aí, depois, eu fui pegando o pique da narração. Então, o ano de 1990 foi marcante porque eu realizei um sonho, gostava da narração. A partir de então, não deixei mais (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

Cinco anos depois, ele aderiu a um PDV (1º Programa de Demissão Voluntária) do Banco do Brasil, para abraçar a carreira radiofônica, cem por cento, voltando a viver do rádio. Esse rádio do interior, mas que, conforme palavras de Arthur Mário Medeiros de Ramalho, não é diferente para os profissionais de rádio das outras cidades brasileiras e, também, da América do Sul.

Depois de tantos congressos e eventos do rádio, o que acontece? O profissional do rádio também acaba sendo empresário. Empresário artístico, realiza shows, promove espetáculos, eventos esportivos, enfim. E, na década de 1990, acabei conquistando visibilidade, comandando a equipe de esportes da Rádio Difusora; depois, na atual Blink, que era a Rádio Ativa na época, primeira equipe de esportes na Frequência Modulada (no rádio local), depois (com essa mesma equipe), fomos para Rádio Educação Rural. Uma rápida passada, nesse período também, pela TV Educativa, em 90/91; e antes daquela *Copa América* no Chile, a Seleção jogou no Morenão, o técnico era o Paulo Roberto Falcão. Naquela época, a gente teve uma primeira experiência de levar a conhecimento do rádio esportivo para um programa de esportes de TV, o qual se chamava *Tempo de Esportes*. Eram pelo menos três décadas de envolvimento com o rádio esportivo. Mas, eu tinha o sonho de fazer um programa de variedades, o que aconteceu aqui, na Rádio Cultura, quando voltei para cá, em 2009 (RAMALHO, entrevista gravada, 2016).

Atualmente, além de gerente, ele é o âncora do jornalístico matutino da Rádio Cultura AM-680, das 6h50 às 8h da manhã, o qual ele classifica como um programa de variedades e de entrevistas. No final da tarde, apresenta um programa de esportes; e, no final de semana, encontra-se viajando, ou em Campo Grande-MS, sempre, transmitindo futebol, mas, sem deixar de estar engajado politicamente em ações transformadoras do esporte, afinal de contas, segundo ele, o rádio ajudou e, ainda, tem força para, de alguma forma, combater aquilo que há de errado e, de forma motivadora, estimular a sociedade em alguns pontos que ainda precisam ser melhorados. E, assim, finaliza “a gente vai tocando a vida [...]”.

5.2 Daniela Cristiane Ota

Foto 34 – Daniela Cristine Ota, pesquisadora da mídia rádio em Mato Grosso do Sul



Foto: Portal Intercom [s.a., s.d.].
Disponível em: <<http://goo.gl/zH10Rg>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

Organizadora do livro *Olhares sobre a história do rádio em Campo Grande-MS*, a pesquisadora afirmou que os cursos de Comunicação da UFMS **não tiveram trabalhos com enfoque específico sobre sonoplastia e sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS**, e que os trabalhos acadêmicos que ela conhece em nível de Brasil, os quais abordam a temática da sonoplastia, ainda são muito ligados ao tempo das radionovelas,

quando o sonoplasta fazia todo um trabalho acústico, de melodia mesmo, dentro do estúdio, para programas específicos. Para ela, fala-se que, no Jornalismo, trabalha-se em equipe, mas a pesquisadora questiona *que equipe é essa em que a visibilidade é sempre somente do locutor, do apresentador, do repórter que assina a matéria?* Daniela Cristiane Ota reconhece que, excetuando-se alguns cursos do SENAC, ainda nos dias atuais, existe uma lacuna na formação específica para sonoplasta e, até mesmo, para locutor de rádio.

Foto 35 – Daniela Cristiane Ota, organizadora do livro Olhares sobre a história do rádio em Campo Grande-MS



ORGANIZADORA. Daniela Ota é professora de Radiojornalismo e pesquisa questões relacionadas ao rádio

Foto: Valdenir Rezende [s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/mIbXMw>>. Acesso em: 5 jun.2015.

Ressalte-se que *Estado da Arte* ou *Estado do Conhecimento*, segundo Norma Sandra Ferreira de Almeida (2002), é um conjunto de pesquisas de caráter bibliográfico, que engloba a produção acadêmica em diversos campos do conhecimento. Segunda essa autora, esses estudos se dão tanto em aspectos quantitativos, quanto qualitativos, com reflexões desenvolvidas em nível de pós-graduação distribuídas em diversos programas.

Considerando-se esses conceitos e se levando em conta sua experiência como pesquisadora, escolheu-se Daniela Cristiane Ota como sujeito da pesquisa, por seus estudos na área de rádio em nível acadêmico, ministrando disciplinas, em nível de graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), inclusive, com livro publicado sobre o tema. Seus depoimentos foram conclusivos no sentido de se mostrar o *apagamento histórico* e a *invisibilidade* do sonoplasta de rádio

de Campo Grande-MS.

Para a pesquisadora Daniela Cristiane Ota, há ainda um desafio para os estudos sobre rádio nas universidades: saber se existem novos modelos de programação, como isso se dá, como isso se reflete pedagogicamente; de que forma uma rádio pode agregar valor pedagógico a um curso, agregar valor pedagógico aos docentes, aos discentes, entre outros aspectos. Segundo Daniela Cristiane Ota, esta dissertação pode servir para subsidiar essas questões. Eis o seu perfil:

Meu nome é Daniela Cristiane Ota, trabalho na Universidade Federal desde 2005, já são onze anos. Sou egressa do curso de Jornalismo aqui da UFMS também. Sou da turma que se formou em 1996/97, naquela transição em que o curso era de quatro anos, quatro anos e meio. A minha formação, na pós-graduação, sempre foi na área de rádio. Meu mestrado foi na Universidade Metodista de São Paulo, “Rádio Boa Sorte: uma comunidade negra”, um estudo de recepção sobre a rádio de Furnas de Boa Sorte, daquela comunidade negra próxima de Campo Grande. E o meu doutorado tratou sobre aquela área ali da fronteira, sobre as rádios da Bolívia e do Paraguai, estudando o conteúdo jornalístico que é desenvolvido nessa região de fronteira. E, agora, no meu *pós-doc*, eu analisei as rádios Educativas, porque, aqui, na UFMS, estamos implantando uma rádio educativa, e eu analisei a programação dessas emissoras (OTA, entrevista gravada, 2016).

5.3 Edna de Souza

Foto 36 – Edna de Souza, sonoplasta



Foto: Nélson Mandu, 7 de mai. 2016. Estúdio da Rádio Mega FM 94,3.

Lefebvre (1962, p. 152-8) lista entre os traços distintivos da modernização, o aparecimento da ‘mulher moderna’. Por sua vez, Ruffié (1976, p. 470) afirma que existem grupos a que ainda se pode chamar de *marginais*, entre eles, o das mulheres. “Infelizmente, os meios de integração social não seguiram o progresso da ciência e a humanidade permanece, atualmente, gravemente desequilibrada por falta de integração”.

Entre outras razões, Edna de Souza serviu como fonte, em específico, pela questão de gênero, por se tratar da única mulher em atuação na função de sonoplasta no rádio campo-grandense, além de ter se convivido profissionalmente, no mercado de trabalho, com indivíduos sobre os quais se discorreu nesta dissertação.

Segundo a sonoplasta, ela entrou para o rádio, aos catorze anos de idade, por intermédio do Arthur Mário Medeiros de Ramalho, que, na época, dirigia a equipe *Transparente de Futebol*:

Sempre fui uma amante do futebol, de esporte em geral. Então, conheci o Arthur, Josino Teodoro e, por meio deles, fui parar na Rádio Difusora AM-1240, que, na época, ainda funcionava no centro da cidade, na avenida Afonso Pena. Apaixonada por futebol e por rádio, porque, nada como ouvir uma partida de futebol pelo rádio, com comentários e tudo o mais. E, quando o Arthur me levou até a Difusora, quando eu entrei no estúdio, já me apaixonei pelos equipamentos, aqueles cartuchos de áudio (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

O Altair Roque era o sonoplasta da equipe *Transparente de Futebol*, na época. Então, ela aprendeu, tanto a parte da sonoplastia, com o Altair Roque, como a parte de produção, com o Josino Teodoro, este considerado um exímio produtor de rádio em Mato Grosso do Sul. Edna aprendeu, também, a fazer plantão esportivo, com Marcelo Nunes. E se integrou a uma equipe que tinha, ainda, o narrador Marcos Antônio Silvestre, entre outros experientes profissionais.

E rádio é isso, quando você entra, você se apaixona, querendo aprender um pouquinho de cada coisa. Aí, acabei fazendo de tudo um pouco, como produção, plantão esportivo, sonoplastia. E, com meus catorze anos de idade, ficava enfiada dentro da rádio, de domingo a domingo, tentando sempre aprender um pouquinho de cada coisa (SOUZA, entrevista gravada, 2016).

Nos dias atuais, Edna de Souza trabalha como DJ, produtora na Rádio Mega FM 94,3, e sonoplasta da Rádio Cultura AM-680. É a única profissional feminina que ainda trabalha com sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS.

5.4 Marcos Antônio dos Santos “Marrom”

Foto 37 – Marcos Antônio dos Santos “Marrom”, sonoplasta



Foto: [s.d.]. Arquivo pessoal do entrevistado. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcosantoniomarrom.santos?ref=ts>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

Relativo ao *apagamento* da memória da sonoplastia de rádio de Campo Grande-MS e da *invisibilidade* dos sonoplastas, é importante também ressaltar o que afirma Magnani (2002, p. 7):

A bem da verdade, não é propriamente a ausência de atores sociais que chama a atenção, mas a ausência de certo tipo de ator social e o papel determinante de outros. Em algumas análises, a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista; mudanças na paisagem urbana, propostas de intervenção (requalificação, reciclagem, restauração), alterações institucionais não passam de adaptações às fases do capitalismo que é erigido, na qualidade de variável independente, como a dimensão explicativa última e total.

Pode-se relacionar o protagonismo social de determinadas categorias funcionais com fatores econômicos, de atuação dos representantes do capital e das forças do mercado: financeiros, agentes do setor imobiliário, investidores privados.

Marcos Antônio dos Santos “Marrom” é um dos poucos profissionais de sonoplastia que se considera satisfeito com o reconhecimento por sua trajetória profissional. Ele foi ouvido por ser um dos sonoplastas que mais se consagrou por meio do apelido recebido no exercício da função. E, também, porque, vivenciou os processos de transformação de sonoplasta para locutor-apresentador e está inserido no processo de transposição da Rádio Cultura, de AM para FM. Ele é o mais antigo sonoplasta, ainda em atuação pela emissora.

Seu nome completo é Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, idade 56 anos. Começou no rádio em 1980, portanto, aos vinte anos de idade. Segundo ele, foi por acaso, pois, admite que nem sabia o que era rádio direito. Em seu relato afirma que:

Passei em frente à Rádio Cultura AM (rua 26 de agosto, no centro da cidade). Eu estava procurando serviço na *Bolsa de Emprego* que havia na rádio, lá na entrada da emissora. Aí, pedi à recepcionista para dar uma olhadinha lá dentro, a fim de ver como é que funcionava o rádio. Eu estava trabalhando de servente de pedreiro, tinha ido ali, dar uma volta na 26 de Agosto, vi a Rádio Cultura e quis procurar a *Bolsa de Emprego*²⁸ (SANTOS, M. A. dos. Entrevista gravada, 2016).

Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*” decidiu que iria trabalhar em qualquer outro serviço, menos de servente de pedreiro. Quando a recepcionista já estava terminando de preencher a ficha para a *Bolsa de Emprego*, “*Marrom*” pediu para entrar nos estúdios e conhecer como funcionava o rádio. Ele entrou e, lá, no estúdio, o locutor Talmir Nolasco estava conduzindo o programa do horário. “*Marrom*” se apaixonou pelo rádio e, desde então, logo após ser contratado como sonoplasta, só ficou afastado por três anos. Ele diz que ama o rádio e sua profissão, sendo um dos poucos remanescentes na sonoplastia de rádio em AM.

5.5 Roberto Higa

Foto 38: Roberto Higa, repórter fotográfico



Foto: Arquivo pessoal do entrevistado. [s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/6Luwue>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

²⁸ Programa de prestação de serviço e Jornalismo Comunitário apresentado, à época, pela emissora.

Discorrendo sobre o núcleo essencial do conceito de DL, Ávila (2000, p. 70) defende a ideia de que “[...] há que se somarem e necessariamente interagirem estratégias de dinâmicas exógenas e endógenas, visto que a primeira sem a segunda se afiguraria a mera ‘caiação desenvolvimentista’ [...] e a segunda sem a primeira funcionaria como mecanismo de puro isolamento societário”.

Nessas dinâmicas de desenvolvimento, Roberto Higa foi entrevistado, por ter convivido, em sua carreira como repórter fotográfico, com indivíduos abordados nesta pesquisa. Além disso, é detentor de arquivo histórico com registro da maior parte dos profissionais de imprensa local e de muitos que aqui vieram para trabalhar nas mídias. Vivenciou o processo de passagem do analógico para o digital.

O repórter fotográfico Roberto Higa tem 65 anos de idade, trabalha há mais de 45 anos na profissão. Começou em 1968, no antigo *Jornal Diário da Serra*. E, desde então, vem registrando em fotografias os significativos acontecimentos na cidade e no Estado. Ele relatou parte de sua trajetória na imprensa:

Trabalhei em jornal, ora sim, ora não, trabalhei em alguns governos, como o do Pedrossian, em 1970. Depois, voltei a trabalhar com o próprio Pedro, quando ele assumiu em 1981. Fiz, assim, a cobertura de várias obras do Estado, de obras na cidade, trabalhei com o prefeito Lúdio Coelho. Enfim, acho que eu trabalhei com os grandes nomes da política mato-grossense e sul-mato-grossense. Eu venho desde a época de Cuiabá, com o Estado uno. Trabalhei muito tempo em Cuiabá, trabalhei algum tempo em Rondônia, no Acre. Então, venho, assim, rolando, que só galho seco em correnteza. Eu acho que, nos meus arquivos, eu tenho realmente guardado toda a história de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul (HIGA, entrevista gravada, 2016).

Roberto Higa (2016) se lembra com saudade do trabalho diário que executou por muito tempo, nas redações dos jornais de Campo Grande-MS, e fala da aventura que era a cobertura jornalística da época, com as dificuldades para se executar o serviço:

Nas décadas de 1960, 70 e 80, eu trabalhei em todos os jornais daqui, sem contar que, em vários deles, ajudei na montagem do próprio veículo de comunicação. Trabalhei no Diário da Serra, Correio do Estado, Jornal da Manhã, O Jornal, inclusive dos semanários, como o Palanque. Então, trabalhando, eu passei por todos eles. Uma curiosidade é que, na minha época, os principais jornais não disponibilizavam carro não; era muita gente para fazer o jornal, e faltava infraestrutura, então, a gente recebia dois passes de ônibus, um para ir para a rua, e outro para voltar ao jornal. A gente pegava a linha de ônibus mais distante, ia até o final; depois, voltava a pé, para ver se pegava algum flagrante. De vez em quando, a gente até incentivava uma briga de vizinhos, para ver se conseguia levar uma matéria pro jornal. Os assuntos não eram tão fartos como hoje em dia.

Segundo André Leroi-Gourhan (1964, p. 75), arqueólogo e antropólogo, especialista em pré-história, a “Memória eletrônica age sob a ordem humana. A memória humana conserva um setor não informatizável”. Para esse autor, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, um servidor da memória e do espírito humano.

Perguntou-se ao repórter Roberto Higa (2016) se ele continua fotografando, e ele respondeu que mantém sua atividade diária em busca de imagens da cidade, registrando sempre alguma coisa:

Acordo de madrugada e saio para fotografar. Tenho conseguido grandes flagrantes, de madrugada, por volta de cinco horas. Principalmente, no dia em que chove, eu gosto deste tipo de ambiente, de chuva na cidade. Então, eu ainda fotografo todos os dias, inclusive nos finais de semana.

Comunicação e política são os principais temas das fotos de Roberto Higa, mas ele diz que fotografa de tudo. Reconhece que Cidade e Geral são as editorias mais comuns que integram seu arquivo. Mas alerta “Eu sou repórter da rua, de geral, registro tudo o que aparecer”, declara.

Foto 39 – Roberto Higa, repórter fotográfico

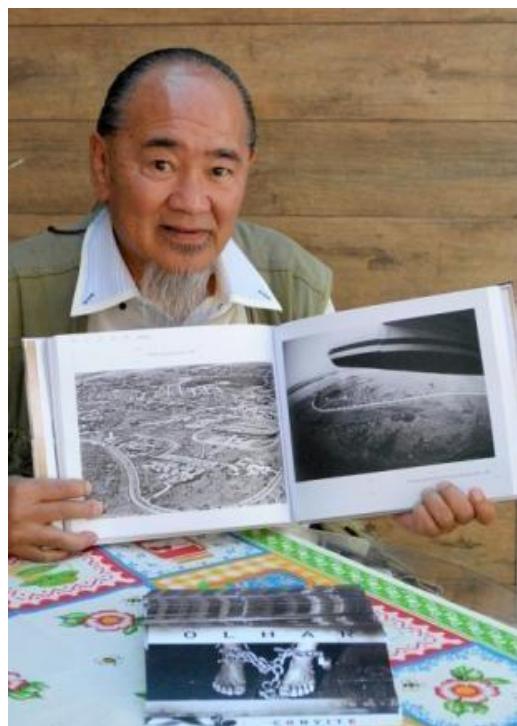


Foto: Paula Maciulevicius - *Do menino acorrentado aos Menudos, Roberto Higa lança a história de MS em fotos*. Disponível em: < <http://goo.gl/wiOUdJ> >. Acesso em: 9 de ago. 2016.

Roberto Higa (2016) diz não ter preferência temática para suas coberturas jornalísticas e que registra o que aparece pela frente e chama-lhe a atenção. Ressalta que não é adepto e nem gosta de sensacionalismo:

Eu não faço estilo *paparazzo*²⁹. Eu não sou cara de ficar escondido para conseguir uma imagem. Nunca fiz e não faço isso. Sou um profissional da rua. Se pintar na minha frente um flagrante, vou fotografar. Sempre me perguntam: ‘e se for um acidente?’. E eu respondo, vai ter gente para cuidar dos acidentados. Minha função é registrar. Eu não sou profissional para cuidar de acidentados. Estou ali para registrar, ou a violência no trânsito, ou a violência urbana, seja qual for o flagrante. Bem como, gosto de fotografar jardins, famílias passeando em parques [...]. Eu sou um fotógrafo do cotidiano.

Roberto Higa destaca que os elementos cotidianos das ruas da cidade é que chamam a sua atenção. Enfatiza, ainda, o papel do repórter no momento da cobertura dos fatos ou eventos, alertando que eles não devem ser tomados pela emoção diante dos acontecimentos, por vezes trágicos e chocantes. E, também, ressalta que não gosta e não pratica o estilo *paparazzo*, de correr atrás de celebridades para obter flagrantes.

Foto 40 – Roberto Higa, repórter fotográfico (poltrona) durante a entrevista para esta pesquisa

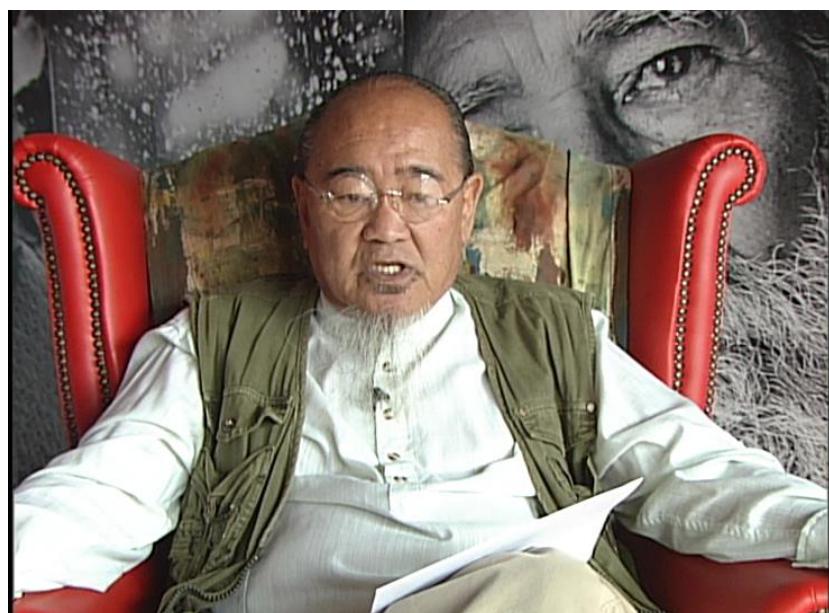


Foto: Nélson Mandu (2016).

²⁹ Tipo de fotógrafo que segue celebridades, para obter fotos exclusivas e com teor comprometedor ou sensacionalista.

5.6 Eduardo Malta

Foto 41 – Eduardo Malta Rangel. Estúdios da Rádio Difusora Pantanal – CBN AM-1.240. Estúdios na rua XV de Novembro, 2.649, Campo Grande-MS



Foto: [s.a., s.d.].

Eduardo Malta Rangel³⁰ tem 22 anos de profissão e trabalhou na Rádio Difusora Pantanal – CBN³¹ AM-1.240, de Campo Grande-MS, durante onze anos ininterruptos, entre 1996 e 2007. Ele relata que, como Coordenador Técnico, viveu na emissora uma experiência única ao fazer Jornalismo “All News”:

[...] tanto para nós, da parte técnica, quanto para os jornalistas, pois era tudo novo. Até então, só conhecíamos a teoria; daí, tivemos que aprender todos juntos. Esta oportunidade concedeu a todos nós uma gigantesca bagagem profissional, pois, trabalhar em uma rádio *All News* mudava completamente a maneira de fazer a sonoplastia, pois já não eram dois profissionais, e, sim, uma equipe (RANGEL, entrevista por *e-mail*, 2016).

Malta (2016) também comentou a diferença de linguagem e de técnica do sonoplasta que trabalha com programas de música e animação e o que trabalha com *All News*, além de relatar o que de mais relevante se lembra da carreira de sonoplasta e, especificamente, do período em que trabalhou na Rádio Difusora Pantanal – CBN AM-1.240, no sistema *All News*:

São duas linguagens totalmente diferentes. Em um programa de rádio musical, existe uma comunicação mais próxima e descontraída do ouvinte com o locutor do programa. Esta descontração gera uma junção do Sonoplasta com o Locutor e cria uma sintonia casual, onde tudo acaba fluindo de maneira bem

³⁰ As citações a RANGEL (2016) nesta dissertação referem-se à entrevista com Eduardo Malta Rangel, realizada por *e-mail*, em 21 de outubro de 2016.

³¹ CBN – Central Brasileira de Notícias.

espontânea, intuitiva e cotidiana. Já, no formato *All News*, tudo é muito mais elaborado. Na produção do programa, segue-se um roteiro que pode ou não ser alterado a todo o momento, devido às entrevistas que são marcadas, e, no momento de ir ao ar, a ligação cai, e o apresentador tem que chamar outro item do roteiro. Tudo isto faz com que o sonoplasta tenha que ficar o tempo todo atento às mudanças durante o programa. [...] durante os 11 anos na CBN, foram grandes momentos, entrevistas relevantes, transmissões esportivas, copas do mundo... Mas, o fato mais relevante foi a queda das Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2011. Neste dia, estávamos transmitindo o Programa local *CBN Notícias na Manhã* quando começaram a sair as primeiras imagens sobre o atentado na TV. Ainda não dispúnhamos das facilidades que a Internet nos traz hoje; então, era tudo mais complicado. Naquele momento, o jornalista Cadu Bortolot, Âncora do programa, entrou ao vivo e noticiou aos ouvintes da rádio os atentados. Esse, para mim, foi um dos acontecimentos mais relevantes, com ampla cobertura da CBN Pantanal (RANGEL, entrevista por e-mail, 2016).

Pidiu-se ao Coordenador Técnico Eduardo Malta Rangel para que citasse alguns profissionais, de sonoplastia ou não, com os quais tivesse trabalhado nesse período da Difusora Pantanal – CBN AM-1240 – *All News*. Ele relacionou os seguintes profissionais, aos quais, segundo ele, teve o privilégio de conhecer e com os quais se orgulha de ter trabalhado:

João Rocha (*In Memoriam*) Supervisor Técnico da CBN Pantanal; os sonoplastas Alci Ramalho, Álvaro Rôneis e Leonardo Machuca; Jornalistas: editor chefe e Âncora Cadu Bortolot; Âncoras Carlos Voges, Paulo Yafusso, Robson Ramos e Vânia Galceran; produtoras Ana Gurgel, Inara Silva e Katiuscia Fernandes; produtor Oswaldo Ribeiro; repórteres: Arlindo Florentino, Beatriz Arcoverde, Flávia Leimgruber, Flávia Vicunha, Osvaldo Nóbrega e muitos outros (RANGEL, entrevista por e-mail, 2016).

A Difusora Pantanal – CBN AM-1.240, veiculou o sistema *All News*, de 1995 a 2004, e representou momento importante para a sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS, pois os profissionais que atuaram nesta emissora, nesse período, tiveram que se adaptar, do ponto de vista técnico e de linguagem, a um novo formato, de programas jornalísticos informativos, modelo nacional que foi ajustado às características locais, em cinco horas de programação diária. Os sonoplastas, que, antes, no sistema de animação musical, estavam acostumados com apenas o locutor dentro do estúdio e a ter, sozinhos, todo o comando da área técnica, passaram a conviver com a presença de um âncora no estúdio e um número maior de pessoas circulando na técnica, como repórteres, produtores, entrevistados, comentaristas, assessores de entrevistados etc. Atuaram na Rádio Difusora Pantanal – CBN AM-1.240, entre outros sonoplastas: Álvaro Rôneis, Eduardo Malta, Leonardo Machuca, sob a coordenação técnica de João Rocha. Os âncoras da época, como Cadu Botolot, Robson Ramos e Carlos Voges sempre foram

acompanhados por um sonoplasta na veiculação dos programas da manhã, com duas horas de duração, e, à tarde, com três horas de duração.

5.7 Eu, o pesquisador participante

Bosi (1994, p. 2) cita as reflexões de Roman Jacobson, o qual considera que a mais completa observação dos fenômenos é a de um observador-participante. Segundo a autora, trata-se de um tipo de pesquisa que carrega um compromisso afetivo, o qual requer um trabalho direto com o sujeito da pesquisa:

E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observador, mas participar de sua vida [...]. O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, a condição de voltar para sua classe [...].

Desse modo, ainda foram incorporadas as vivências, como sonoplasta, do autor desta dissertação. Por essa razão, a pesquisa tem também o caráter do método ou técnica participante, que, Haguete (1995, p. 68-9) esclarece que a expressão *pesquisa de campo* abarcou não somente a observação participante, como também a entrevista, a história de vida e, por vezes, todo o processo metodológico de um estudo empírico. Conforme as ideias dessa autora:

[...] observação participante se resume a uma importante técnica de coleta de dados, empreendida em situações especiais e cujo sucesso depende de certos requisitos que a distinguem das técnicas convencionais de coleta de dados, tais como o questionário e a entrevista [...] a observação participante não é só um instrumento de captação de dados, mas, também um instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, de mudança social.

Por isso, relata-se a partir daqui, em primeira pessoa, a experiência profissional deste autor, no rádio, no período de 1970 a 1991. Registra-se, também, a vivência com os entrevistados, vez que os mesmos foram contemporâneos no rádio em Campo Grande-MS. Para que se destaque do restante do texto, foi, excepcionalmente, utilizado tipo de letra diferenciado. Embora não seja usual, segue o relato pessoal:

Sou Mário Márcio da Rocha Cabreira. Nascido em Campo Grande-MS, no ano de 1962. Desde criança, eu ouvia muito rádio, emissoras até internacionais, em línguas das quais eu nada entendia. Mas, era como se o rádio tivesse uma linguagem

universal, a companhia, o entretenimento, a novidade, um som novo, uma música desconhecida e ruídos das mais diversas naturezas, que me pareciam familiares, e, às vezes, surpreendentes e assustadores.

Aos quinze anos, comecei, como fã, a frequentar o ambiente de rádio. E a me fascinar com tudo que via e ouvia. A voz dos locutores, a variedade musical, a agilidade da produção e veiculação de notícias, os fãs circulando pela emissora.

Aos dezesseis, depois de tanto *incomodar* o então gerente da Rádio Difusora, na época, senhor Edgar Lopes de Farias, conhecido como *Escaramuça*, ganhei a oportunidade de atuar como sonoplasta. Durante a vivência na Rádio Difusora AM-1.240, a atuação de sonoplasta se configurava e descrevia-se como o agente técnico que ligava e desligava o microfone do locutor, colocava trilhas e efeitos sonoros, rodava comercial, vinhetas de abertura e encerramento, colocava no brilho na voz do locutor, executava lista de músicas, cumpria a operação técnica de mesa de áudio, inseria as propagandas, que, nessa época, eram reproduzidas em fitas de rolo, sendo o gravador Akai, o mais usado. Estas atividades eram exercidas pelos aprendizes ou sonoplastas mais novos, reservando-se a gravação de vinhetas e programas aos sonoplastas mais experientes.

O que representava um processo de escola de transmissão do conhecimento pelo ver, ouvir e reproduzir. Assim, pode-se falar de forma indireta que, neste período, a sonoplastia e o sonoplasta tinham uma carreira, com atribuições de maior ou menor complexidade. Sem, contudo, que tal carreira tivesse reconhecimento oficial, seja dos órgãos trabalhistas, de pesquisadores, de historiadores e mesmo da sociedade como um todo, inclusive, o registro diluído pelos próprios sonoplastas. Destaco, ainda, que, como eu, a maioria dos sonoplastas não possuía registro profissional ou carteira assinada, o que conduz a um esquecimento ou menosprezo para com a memória e a valorização do profissional do setor.

Observando as atribuições do sonoplasta, à época em que eu exercia o ofício, percebe-se que o papel do sonoplasta avançava além de um auxiliar do locutor, vez que sem a presença do sonoplasta, não seria possível a realização de programas radiofônicos falados. E mais, a organização da sequência musical, da inserção das publicidades, dos anúncios de hora certa e de utilidade pública, vinhetas de abertura, passagem e encerramento de programas eram atribuições do sonoplasta, as quais, sem a sua devida agilidade, seriam comprometidas em sua execução para veiculação eficiente dos programas. Portanto, o sonoplasta pode ser considerado o

principal organizador das atividades que envolvem a veiculação de um programa de rádio, o que, caracteriza e o qualifica o sonoplasta profissional dentro do contexto do rádio, como agente do DL, para os fins a que a mídia radiofônica se destina junto ao desenvolvimento social, político e econômico no território em que atua.

No desempenho como sonoplasta, não poderia fugir à regra de ser tratado por apelido, o meu era *Salaminho*. Talvez, em razão da compleição física, magro e alto para os padrões da época. Porém, o que me atraía eram os programas policiais e de esporte, pelas histórias contadas e pelos comentários dos locutores envolvidos. O que mais tarde, ou seja, aos dezessete anos, gerou outra oportunidade, na mesma rádio Difusora. Tornei-me repórter da unidade móvel externa, passando a fazer reportagens policiais. Depois, trabalhei nas rádios Educação Rural AM-580, Cultura AM-680, Capital FM 95,9, Ativa-FM 87,9, todas de Campo Grande-MS. Atuei, ainda, pela rádio Clube de Rondonópolis AM-930, como locutor animador, tendo trabalhado, também, nas TVs Caiuás de Dourados, Morena e SBT de Campo Grande-MS.

De memória do tempo inicial de minha atuação como sonoplasta, o registro limitou-se ao circuito da emissora de rádio, e, ainda, o que se comentava era por meio do apelido, não havia divulgação sobre quem promovia a abertura, colocação de música e as demais atribuições do sonoplasta no programa que estava sendo executando. Em raríssimas exceções, o locutor dialogava com o sonoplasta ou fazia referência ao mesmo, durante a programação. Isso reforça a *invisibilidade* do sonoplasta, o qual, conforme minha experiência, permite dizer que as pessoas se lembram pouco do meu trabalho em rádio e muitas, talvez, nem saibam que eu tinha sido sonoplasta. Mas, foi o trabalho como repórter esportivo, em rádio e TV, que ampliou minha *network*³². Sem dúvida, o encantamento pelas ondas do rádio e a experiência como sonoplasta foram fundamentais para entender todo o funcionamento da mídia rádio, em termos técnicos e de linguagem, pois, permitiram-me conviver com grandes profissionais da sonoplastia, como Agno Nogueira, Araquém Jorge, Carlinhos Jacaré, Hélio Alexandre, João Rocha, Willian ‘*Labiar*’, Orlando dos Santos, Oswaldo Arquerlei, Raul Ratier, Ricardo Paredes, Sérgio Quevedo, Sílvio Garcia, Sílvio Granja, entre outros. E, com locutores como Ângelo Vizarro Júnior, Arlindo Florentino, Arthur Mário Medeiros de Ramalho, Carlos Achucarro, Ciro Nascimento, Délio Nascimento, Fonseca Júnior, Gilmar

³² É uma rede de contatos que proporciona ajuda, a qual pode ir desde a troca de valiosas informações, até a recolocação profissional.

Damim, Gomes de Moraes, Jota Aguilar, Marcelo Trad, Mário Mendonça, os irmãos Jota e Sérgio de Oliveira, Pedro Silva, Gilberto Pereira Guedes, Pio Lopes, Reinaldo Costa, Robson Ramos, Robson Torres, entre tantos outros grandes profissionais.

Foto 42 – Mário Márcio da Rocha Cabreira e Arthur Mário Medeiros de Ramalho. Estúdios da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS



Foto: Nélson Mandu (2016).

Resgatar a memória da sonoplastia é, também, voltar ao passado. E, na busca por uma entrevista com o Gerente e Locutor Arthur Mário, passei à condição de entrevistado, o que me proporcionou lembrar os tempos em que trabalhei como locutor apresentador, naquele mesmo estúdio da Rádio Cultura-AM.

A entrevista com o gerente Arthur Mário Medeiros de Ramalho foi realizada nos estúdios da Rádio Cultura AM-680, local onde ele também apresenta um programa matutino e dirige a equipe de esportes. Antes de se iniciarem as perguntas da Pesquisa, entrevistado e entrevistador trocaram de funções, conforme o texto a seguir, extraído do diálogo *ao vivo*, no intervalo, para entrada no ar, da transmissão do jogo Chapecoense e Comercial, pela *Copa do Brasil 2016*, oportunidade em que se passa a formalizar o diálogo entre o apresentador Arthur Mário Medeiros de Ramalho e mestrande Mário Márcio da Rocha Cabreira, com se passa a registrar abaixo:

ARTHUR MÁRIO MEDEIROS DE RAMALHO – Agora, seis e dois. (entra vinheta: começa agora, na Cultura, *Esporte e Companhia*, equipe *Show de Bola* da Cultura). Agora, seis da tarde e três minutos, a equipe esportiva da Cultura reunida para

falar de esportes, aqui nos 680 kHz. Visita muito especial nesta tarde, aqui na Rádio Cultura, o nosso querido Mário Márcio Cabreira, professor Mário Márcio, que, por décadas, trabalhou na rádio e na televisão, inclusive aqui na Rádio Cultura (neste mesmo estúdio). Hoje, está na sala de aula, desenvolvendo um trabalho de mestrado e nos visita nesta tarde, acompanhado do cinegrafista Nelson Mandu, que, também, tem muita história para contar. Esta dupla aqui, se parar para fazer um programa de rádio, vai longe, hein! (*segue o programa, anunciando o jogo entre Joinville e Comercial, pela Copa do Brasil e leitura de comerciais*). Eu dou um boa tarde, aqui, para o professor Mário Márcio Cabreira, de uma memória fantástica no rádio e na televisão sul-mato-grossense, ele que nos dá o carinho hoje da convivência, está aqui produzindo um documentário, um trabalho acadêmico. Vamos aproveitar para relembrar essa voz.

– Boa tarde, Mário Márcio.

– Boa tarde, obrigado pelo carinho da recepção novamente. Quero registrar o agradecimento a toda a diretoria, à gerência, aos funcionários da Rádio Cultura AM-680, que estão contribuindo com a minha dissertação de mestrado “*Memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS*”, trabalho que não estaria sendo possível sem o arquivo que a Rádio Cultura forneceu e do contato, também, com os profissionais que trabalharam na emissora, na função de sonoplasta nesse período. Não conheço o companheiro que está ali na técnica.

– É Marcos André, na Central Técnica. Ele é mais conhecido como “*Marronzinho*”. Filho do nosso querido Marcos Antônio “*Marrom*”.

– Então... eu tive oportunidade de trabalhar com o pai dele, o “*Marrom*”, aqui mesmo neste estúdio, eu de locutor, e o “*Marrom*” de sonoplasta. Então, no rádio, a gente só faz amigos. E é um prazer estar aqui de volta.

Foto 43 – Mário Márcio da Rocha Cabreira, à esquerda (sonoplasta e locutor-apresentador) e Marcos Antônio dos Santos “Marrom”, à direita (sonoplasta e locutor-apresentador). Estúdio da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS



Foto: Ronaldo Costa, 1979.

Disponível em: <<http://goo.gl/xLdTMy>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

– Um dia você pode se aposentar como professor. Tem espaço pro rádio, novamente? Sonha ainda com o rádio, Mário?

– O rádio se modernizou muito, e eu estou velho já. Eu não tenho mais idade para acompanhar o pique do rádio, que exige dinamismo e uma modernidade, que eu já não tenho. Na época, eu fiz o rádio de forma amadora, não existia formação profissional para a área. Ainda hoje se tem muita dificuldade para formação do técnico, do locutor etc., mas as faculdades já estão aí, formando uma garotada nova que está pronta para ocupar o espaço, com galhardia.

– E esse cara, aí, Nelson Mandu?

– Posso contar uma história rapidinho?

– Claro.

– Taça de Prata, não sei de que ano, o Comercial contratou uma dupla, já em final de carreira, de zagueiros do São Cristóvão, do Rio de Janeiro. E tomava sempre gol no segundo tempo. O comercial saía na frente, mas tomava o gol da virada. E eu fazia comentários na TV Morena e comecei a dizer que o Comercial estava sofrendo da Síndrome da Virada. A ideia do comentário não pegou muito bem. Um dia, entrei no vestiário do Comercial, após um jogo, para gravar entrevistas, no Morenão. Eu ia tomar

uma surra de todo o elenco do Comercial. E o Mandu, que estava trabalhando comigo na reportagem, colocou a câmera no chão e se posicionou no meio do corredor, entre mim e os comercialinos e disse ‘*Olha, no meu repórter ninguém vai bater*’. Aí, o pessoal, com medo do físico avantajado do Mandu, recuou e desistiu de me bater.

– (Risos). Agora, seis da tarde e oito minutos.

Finaliza-se, assim, a entrevista no estúdio, entre Arthur Mário Medeiros de Ramalho e Mário Márcio da Rocha Cabreira. As entrevistas e os diálogos apresentados permitem um fecho que sintetiza as principais ideias do papel do sonoplasta no contexto do DL. Vale ressaltar que, desenvolvimento, dentro dos pressupostos do DL, não faria sentido se não se promovessem os valores culturais, as vivências e o bem-estar dos seres humanos que habitam determinado território. Não faria sentido, também, que algumas categorias profissionais fossem *eleitas* para gozar de prestígio, e outras fossem esquecidas e caíssem no esquecimento. Seguramente, neste caso, não estaria ocorrendo desenvolvimento.

De acordo com esses preceitos, o sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS, para ser considerado agente de DL, teria que ser sujeito e beneficiário do desenvolvimento, além de se colocar na condição de protagonista desse processo.

O que se observa pelos depoimentos nesta dissertação é que o sonoplasta atuou como sujeito do crescimento socioeconômico da capital de Mato Grosso do Sul, mas que não foi protagonista nas transformações por que passou o território e o meio profissional em que estava inserido. E, como consequência dessa ausência de protagonismo e do descontrole sobre as transformações, resultou sua *invisibilidade* e o *apagamento* histórico da memória da categoria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, os entrevistados afirmam em suas falas que o cargo de sonoplasta está em via de extinção, sendo rotulados, inclusive, como peças de museu. Todavia, a pesquisa demonstra, por via transversal, que dados do Ministério do Trabalho contradizem tais afirmativas. Desta forma, evidencia-se que os sonoplastas de rádio não constituem uma categoria em extinção. Os novos registros profissionais que continuam a ser emitidos pelo Ministério do Trabalho comprovam isso. Trata-se de uma função em transformação, com a fusão em outras, como é o caso do DJ. A sonoplastia, no que concerne à parte técnica, de montagem e operação de aparelhos, continua a ser opção para os profissionais no mercado de trabalho. Há demanda por sonorização de festas, *shows* e de igrejas, bem como outros aparatos que exigem atividades *sonoplásticas*.

A pesquisa permitiu comprovar que existe memória para a profissão da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS. Sonoplastas atuantes no mercado profissional, a exemplo da entrevista com Edna de Souza e Eduardo Malta, e outros que não mais atua no mercado e na função, mas são fontes disponíveis para registro pela história oral e detentores de arquivos pessoais, que precisam ser coletados, organizados e disponibilizados, a fim de servir como modelo para agentes de transformação.

Entende-se que esta pesquisa cumpriu sua meta de resgatar a memória da sonoplastia e as transformações sobre o trabalho do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, a fim de tornar visíveis as contribuições desses sujeitos como agentes de DL. Os diversos depoimentos colhidos e toda a documentação reunida e analisada fazem parte dessa memória recuperada. Ao longo do desenvolvimento da Comunicação, os sonoplastas de rádio estiveram presentes. Não se pode, portanto, dissociar a atuação dos

sonoplastas de rádio de Campo Grande-MS do desenvolvimento socioeconômico da cidade, do Estado e do país.

Também, conseguiu-se identificar, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e depoimentos orais colhidos, uma lacuna de literatura nos trabalhos de conclusão de curso dos acadêmicos dos cursos de Comunicação (graduação e pós) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), sobre a “sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS”. Embora, não seja finalidade dos cursos de Comunicação manter viva essa memória da sonoplastia de rádio, ainda que eles contemplam em sua grade a habilitação em rádio em TV.

Espera-se ter demonstrado que a ausência parcial de registros sobre a memória do trabalho do sonoplasta de rádio de Campo Grande-MS impede, ou pelo menos dificulta que ele tenha visibilidade como agente de DL. O *esquecimento* ou *apagamento* dos sonoplastas aparece nesta pesquisa no depoimento da pesquisadora Daniela Cristiane Ota (UFMS), que afirma desconhecer nomes de sonoplastas e não conseguiu se lembrar de fatos marcantes da história da sonoplastia de rádio local. Também se demonstrou a *invisibilidade* do sonoplasta, ao se relatar que, nos arquivos de comemoração dos 65 anos da Rádio Cultura AM-680, a foto do sonoplasta “Marrom” foi a única a ser incluída entre as mais de 150 fotos do arquivo comemorativo da emissora. E, ainda, no acervo do repórter fotográfico Roberto Higa, os sonoplastas não são apresentados como protagonistas na construção do DL. Em seu painel sobre profissionais de imprensa, constando mais de mil fotos, apenas uma, a do sonoplasta Carlos Almeida “Jacaré” foi localizada. O gerente da Rádio Cultura, Arthur Mário Medeiros de Ramalho é enfático ao cobrar dos diversos setores da sociedade mais responsabilidade e ações imediatas para a preservação da memória do rádio local. Os demais entrevistados também só conseguem se lembrar de fatos isolados, restritos ao âmbito das emissoras, mas, sem lhes atribuir relevância externa.

A ausência parcial de registros de memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS pode ser atribuída, também, à própria categoria e ao meio, que não têm essa preocupação com a preservação dos registros históricos acerca do trabalho do sonoplasta de rádio local. E, claro, deve-se, ainda, a fatores externos de macro escala, como a globalização, o capitalismo, o neoliberalismo e aos avanços tecnológicos, com a extinção ou fusão de postos de trabalho. Ademais, destaca-se que a recuperação e preservação de memória deve ser fomentada por uma política pública, voltada para os

registros da história, bem como de responsabilidade de pesquisadores de programas de pós-graduação, em cuja finalidade se buscaria cumprir o preenchimento de tais lacunas.

Vislumbram-se, ainda, possibilidades de atuação do sonoplasta como agente de DL, desde que ele se aprimore tecnicamente e se prepare para atuar de acordo com as condições impostas pelos avanços tecnológicos. Os sonoplastas Marcos Antônio dos Santos “Marrom” e Edna de Souza reconhecem as dificuldades por que passa a profissão no atual momento e concordam que é preciso aperfeiçoamento para se manter no mercado, em que a função do sonoplasta está se fundindo com outras, como a do *Disc Jockey* (DJ). Mas, que o mérito e o reconhecimento são individualizados.

Assim, a visibilidade ou *invisibilidade* do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS no papel de agente de DL depende da iniciativa dos próprios profissionais do meio, mantendo vivos e organizados seus arquivos pessoais e profissionais; de existirem iniciativas constantes dos dirigentes do meio, como é o caso da gerência da Rádio Cultura AM-680 de Campo Grande-MS; e do fomento de órgãos públicos, por meio de ações de valorização da cultura e da memória locais. Apesar de a memória ser um patrimônio social e cultural não palpável, ações concretas podem ser adotadas no sentido de que as futuras gerações tenham acesso à contribuição desses profissionais na vida e no DL de Campo Grande e Mato Grosso do Sul e mantenham a relevância do trabalho de sonoplastia nos meios de comunicação e na sociedade.

Portanto, comprova-se a hipótese inicial desta pesquisa, de que não há registros sonoros; ou, os existentes demandam a necessidade de serem reunidos e organizados, pois, da falta de preservação da memória, decorre a invisibilidade do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS como agente de DL. Todavia, reconhece-se em sua atuação profissional um motor do avanço econômico, social e cultural da cidade. A pesquisa da memória do sonoplasta de rádio em Campo Grande-MS, visualizando o sonoplasta como agente do DL, buscou resgatar os registros, percursos e encaminhamentos profissionais, demonstrando que a falta de memória e a invisibilidade podem ser superadas por investigações, conscientização, organização e divulgação do papel do sonoplasta. E, inclui-se neste cenário, a questão de gênero, dentro da categoria do sonoplasta, como um ponto de equilíbrio a ser alcançado, vez que, na trajetória investigativa, encontrou-se apenas uma mulher ocupando espaço em meio a um cenário com domínio do gênero masculino. A presença das sonoplastas impulsionaria a economia e o mercado local.

Aponta-se, também, que o sonoplasta encontra uma relação intrínseca e imediata com o percurso do rádio, fazendo parte das questões sociais, econômica, políticas e tecnológicas. Este último aspecto é evidenciado pela migração das emissoras AM para FM. Por fim, registra-se, com destaque, a pesquisa qualitativa e quantitativa, sobressaindo-se as entrevistas elencadas com os nomes mais significativos da seara do rádio e das mídias campo-grandense, nominados, entre eles, Daniela Cristiane Ota, Edna de Souza, Marcos Antônio dos Santos “*Marrom*”, Roberto Higa, Eduardo Malta e outros citados ao longo da dissertação.

Pontos estes que implicam a retomada do conceito de protagonismo, que se configura no DL, por meio do controle dos atores locais sobre as mudanças estabelecidas em seu grupo social e em seu território. O que ficou demonstrado não ocorrer com os sonoplastas, colocados na condição de coadjuvantes, “gente de retaguarda”, nas mudanças registradas na mídia rádio em Campo Grande-MS.

REFERÊNCIAS

ACAERT (Associação Catarinense de Emissora de Rádio e TV). *Dia do Rádio*. Disponível em: <<http://www.acaert.com.br/acaert-destaca-o-dia-do-radio#.VxzQlfkrLIU>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

ALMEIDA, Norma Sandra Ferreira de. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002, p. 257-62.

AULETE. *Dicionário*. LEXICON, Editora Digital. Aulete Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/som#ixzz3kKamoY9n>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

ÁVILA, Vicente F. *Dupla relação entre Educação e Desenvolvimento Local (endógeno-emancipatório)*. **Paidéia**: revista do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade Fumec: Belo Horizonte, Ano 9, n. 12, pp. 13-49 jan./jun. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/1578-2757-2-PB.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

ÁVILA, Vicente Fidélis de. *Pressupostos para Formação Educacional em Desenvolvimento Local. Interações*. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. vol. 1, n. 1, p. 70, set. 2000.

BATISTA, Paulo Nogueira. *O Consenso de Washington: A visão neoliberal dos problemas latino-americanos*. In: Barbosa Lima Sobrinho e outros autores, Em Defesa do Interesse Nacional: Desinformação e Alienação do Patrimônio Público, São Paulo: Paz e Terra, 1994. Rep. pelo Programa Educativo Dívida Externa – PEDEX, Caderno Dívida Externa, nº 6, em setembro de 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOSI, Ecleia. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CARLOTO, Cássia Maria. *O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais*. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 3, n. 2, pp. 201-213, jan./jun. 2001
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ELIZALDE, Antonio. *Desarollo a escala humana: conceptos y experiencias*. **Interações**. Campo Grande: UCDB, v. 1, n. 1, p. 51-62. set. 2000. Disponível em: <<http://sítio.ucdb.br/public/downloads/9083-vol-1-n-1-set-2000.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas “Estados da Arte”*. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, agosto/2002, p. 257-272.
- FONSECA, Nuno. Rumor urbano. Dar ouvido à cidade: o valor estético das paisagens sonoras quotidianas. **Interact – Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia**. Disponível em: <<http://interact.com.pt/22/ouvir-a-cidade/>>. Acesso em: 6 set. 2016.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O livro nas memórias de leitura*. In: **Imagens e Palavras**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 115, p. 567-582, abr.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a18.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- HAGUETE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/viewFile/1172/1146>>. Acesso em: 10 set. 2016.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. *Introduction a la modernité*. Minuit, Paris, 1962.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra 1: Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra 2: Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LOPES, Saint-Clair. *Radiodifusão 1922-1972: meio século a serviço da integração nacional*. Rio de Janeiro: ABERT, 1972.
- MACIEL, Glauco. *Dicionário Informal*. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/sonoplasta/>>. Acesso em: 12 mai. 2016.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e dentro: notas para uma etnografia urbana*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49 - São Paulo, junho de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

MARRANA, João. *Sonoplastia: conceito de sonoplastia, montagem de sistemas de áudio*. P. A. Instituto para o Desenvolvimento Social Prof. João Marrana. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/170746-SONOPLASTIA/>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Rádio e pânico 2 – A guerra dos mundos, 75 anos depois*. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, Diego Abelino José Maximo. *O começo do rádio no antigo sul de Mato Grosso: instalação das primeiras empresas e seus objetivos (1930-1970)*. Revista Eletrônica **História em Reflexão**. v. 4, n. 8, 2010, ISSN 1981-2434, p. 1-23. Disponível em: <goo.gl/fVhD5S>. Acesso em: 10 jul. 2016.

MOREIRA, Sônia Virgínia. *Nikola Tesla, o inventor no ambiente de criação da transmissão sem fio*. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio**. vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. *O rádio na era da convergência das Mídias*. Cruz das Almas-BA: UFRB, 2012.

NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

OTA, Daniela Cristiane (Org.) *A história do rádio em Campo Grande*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2015.

PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 horas de jornalismo*. São Paulo: Panda, 2000.

REZENDE, Manuel Morgado; SACRAMENTO, Lívia de Tartari e. *Violência: lembrando alguns conceitos*. Disponível em: <<http://goo.gl/MRhHrE>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

RIBEIRO, Elisa Antônia. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, nº 4, p. 129-148, maio de 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUFFIÉ, Jacques. *De la biologie à la culture*. Paris: Flammarion, 1976.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5. ed., 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SENNET, Richard. *The corrosion of Character: the personal consequences of work in the new Capitalism*. New York: W.W. Norton, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.

SITIO. *Sonoplastas de Rádio: memória da sonoplastia de rádio em Campo Grande-MS.* Disponível em <<https://sonoplasta.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2016

TODOROV, T. *A memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX.* São Paulo: ARX, 2002.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. *No ar – a história da notícia de rádio no Brasil.* Florianópolis: Insular, 2012.

VELLOSO, Mônica. *Mário Lago: boemia e política.* Rio de Janeiro; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Depoimentos

HIGA, Roberto. *Repórter-Fotográfico Roberto Higa*, 29 abr. 2016, por volta de 13 horas, na residência do entrevistado, rua Sílex, 275, bairro Coophafé, Campo Grande-MS. Gravação em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Nélson Mandu [tempo total 28'58"'].

RANGEL, Eduardo Malta. Entrevista realizada via *e-mail*, em 17 out. 2016.

OTA, Daniela Cristiane. *Pesquisadora*, 6 mai. 2016. Gravação em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Nélson Mandu, realizada na sala de orientações do mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) [tempo total 26'25"'].

RAMALHO, Arthur Mário Medeiros de Ramalho. *Gerente da Rádio Cultura AM- 680*, maio de 2016. Gravação em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Nélson Mandu [tempo total 42'04"'].

SANTOS, Marcos Antônio dos. *Sonoplasta Marcos Antônio dos Santos “Marrom”*, 6 abr. de 2016, nas dependências da Rádio Cultura AM-680, Campo Grande-MS. Gravação em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Araquém Vicente Jorge [tempo total 8'50"'].

SOUZA, Edna de. *Sonoplasta Edna de Souza*, 7 mai. 2016, por volta de 10 horas, nas dependências da rádio Mega 94,3, Campo Grande-MS. Gravação em áudio e vídeo, com imagens do cinegrafista Nélson Mandu [tempo total 15'55"'].